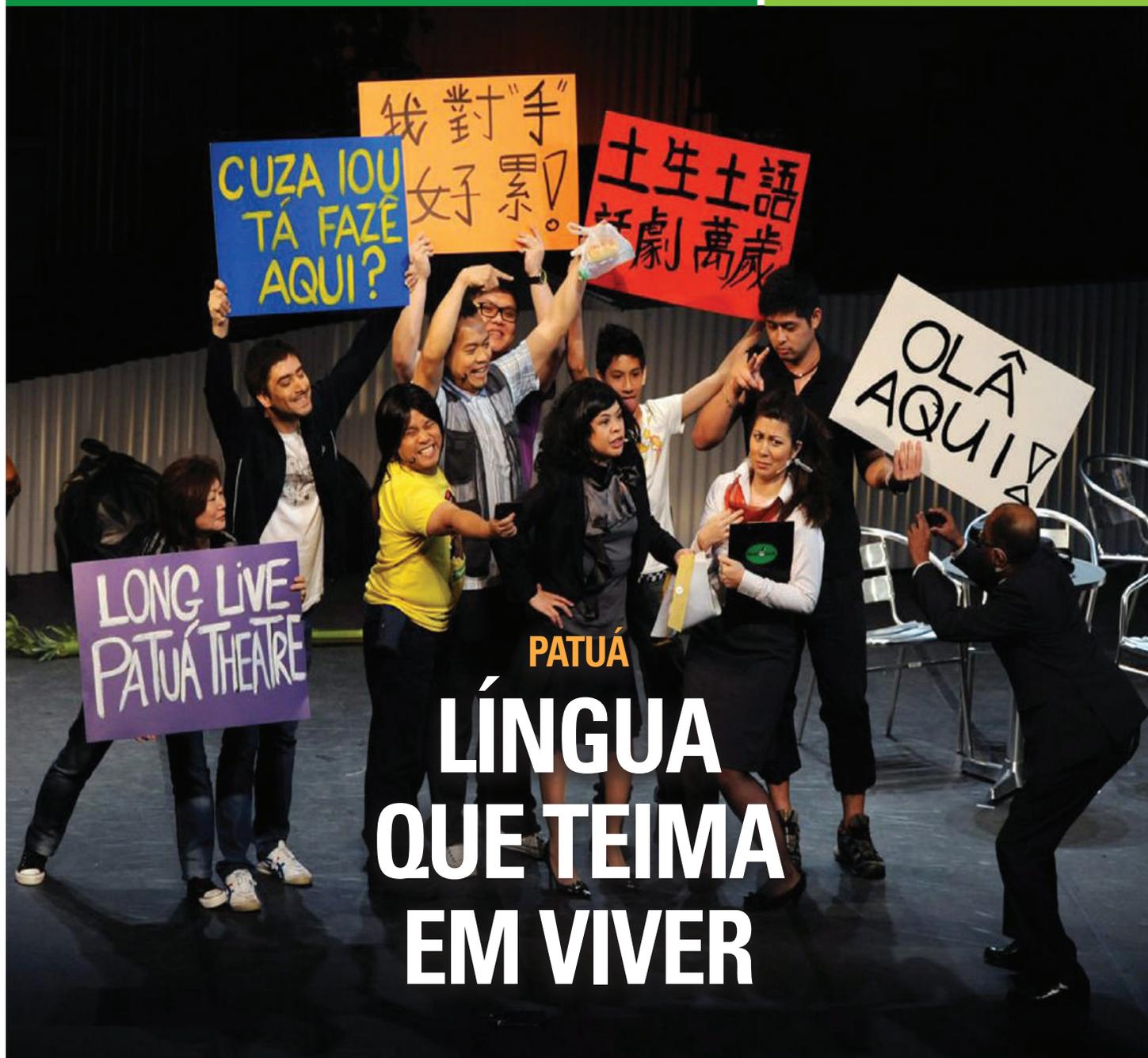


# Macau

# 澳門



PATUÁ

## LÍNGUA QUE TEIMA EM VIVER

CHUI SAI ON NO SUDESTE ASIÁTICO  
MAIS COOPERAÇÃO  
E MAIS OPORTUNIDADES



ROBÔ FILHO DA TERRA  
INOVAÇÃO TECNOLÓGICA  
POR EQUIPA LOCAL



Colección Selos  
de Macau

# 澳 門 郵 票 收 藏

Collect  
Macao's Stamps



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈  
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT  
Correios e Telecomunicações de Macau



**Macau** 澳門

**DIRECTOR**

Victor Chan Chi Ping

**DIRECTORA EXECUTIVA**

Amélia Leong

**EDITORA EXECUTIVA**

Maria João Oliveira

**PROPRIEDADE**

Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau

**ENDEREÇO**

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau  
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**

Delta Edições, Lda.  
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

**EDITOR**

Luís Ortet

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Vanessa Amaro

**COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA**

Gonçalo Lobo Pinheiro

**DIRECÇÃO GRÁFICA**

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

**WEB DESIGN**

Rita Ferreira

**COLABORADORES**

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,  
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,  
João Gonçalves, João Paulo Menezes (Portugal), Juvenal Rodrigues  
(São Tomé e Príncipe), José Simões Morais, Hélder Beja, Luciana Leitão,  
Marco Carvalho, Mónica Menezes (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique),  
Raquel Dias, Sandra Lobo Pimentel e Sin lok I

**TRADUÇÃO**

Sin lok I

**FOTOGRAFIA**

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),  
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

*As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram  
adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.*

**ILUSTRAÇÃO**

Rodrigo de Matos

**FOTOGRAFIA DA CAPA**

Dóci Papiçám di Macau

**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**

Av. Comercial de Macau, 251A-301, AIA Tower, 20.º andar, Sala 63  
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399  
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

**IMPRESSÃO**

Tipografia Welfare, Macau

**TIRAGEM**

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

[www.facebook.com/RevistaMacau](https://www.facebook.com/RevistaMacau)

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Uma equipa de investigação da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau promete introduzir um tom *high-tech* muito especial ao panorama turístico e quotidiano da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Como se explica num artigo publicado nesta edição, em breve entrarão em cena junto à fronteira das Portas do Cerco 37 exemplares de pequenos robôs falantes de chinês (nas variantes do cantonês e do mandarim) e inglês e capazes de prestar informações úteis diversas.

Os pormenores desta iniciativa, que passa por um acordo com a Direcção dos Serviços de Turismo, podem ser conhecidos no artigo que explica as várias vertentes da mesma, que começou como um mero projecto de apoio a idosos.

Outra vertente desenvolvida neste número da revista MACAU tem a ver com o acompanhamento que a RAEM tem estado a disponibilizar ao número crescente de universidades do Interior do País que oferecem cursos de língua portuguesa, na sua grande maioria cursos de licenciatura. Um mapa inédito que elaborámos mostra a localização geográfica dessas universidades, oferecendo ao leitor uma visão de conjunto deste significativo *boom* do português na China.

Ainda na vertente linguística, no ano em que o grupo Dóci Papiçám di Macau celebra o quarto de século da sua existência, marcado pelas populares récitas em patuá, apresentamos um balanço sobre o presente e o futuro do dialecto macaense que, embora “criticamente ameaçado” (na classificação dada pela UNESCO) ainda teima em dar sinais de vida.

A actualidade local e a relacionada com o papel da RAEM como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa ocupam o seu natural espaço de destaque nas páginas da revista, bem como a agenda cultural, com relevo para a celebração da festividade chinesa dos barcos-dragão. Também é conhecida como Duplo Cinco por se assinalar no quinto dia do quinto mês lunar, que este ano coincide com o dia 18 de Junho. Em Macau a festividade adquire um colorido especial com a realização das cada vez mais participadas Regatas Internacionais dos Barcos-Dragão.

Luís Ortet





- 6 ACONTECEU**  
As notícias que marcam a actualidade da RAEM
- 12 CHUI SAI ON NO CAMBOJA E NA TAILÂNDIA**  
Périplo de cinco dias com o objetivo de reforçar as relações bilaterais
- 20 MIECF 2018: ESTÍMULO VERDE**  
A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e o projecto da Grande Baía oferecem oportunidades de ouro no que toca à protecção do meio ambiente
- 24 ROBÔ ‘MADE IN MACAU’**  
Uma equipa de investigadores locais concebeu um robô que promete revolucionar o sector da prestação de serviços na região e no mundo
- 30 COOPERAÇÃO JUDICIAL REFORÇADA**  
Primeiro fórum de cooperação e intercâmbio entre os sistemas judiciais da China e dos países de língua portuguesa mereceu o reconhecimento de Xi Jinping
- 32 RADAR LUSÓFONO**  
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 36 HAINÃO: NOVO DESENVOLVIMENTO À VISTA**  
O maior porto do mundo em termos de dimensão e estatuto de zona de comércio livre internacional
- 40 ATLAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CHINA**  
Continua a crescer a oferta de cursos de português nas universidades chinesas
- 48 UMA VERDADEIRA PORTA DE ENTRADA**  
Há também estrangeiros que, graças ao contacto com a cultura portuguesa em Macau, descobrem uma nova língua a explorar



- 52 UMA LÍNGUA QUE TEIMA EM VIVER**  
O patuá nunca foi tão estudado como agora, nunca teve tanta visibilidade e nunca esteve tão presente no imaginário comum da região
- 60 EFEMÉRIDE: RESTAURANTE A VENCEDORA**  
Uma breve história de um dos primeiros restaurantes a oferecer pratos portugueses na cidade há um século
- 66 O ANO QUE O BENFICA ENCANTOU A ÁSIA**  
Quatro campeonatos consecutivos, uma posição dominante dentro de portas e uma campanha extraordinária fora delas
- 72 TRADIÇÕES: FESTIVAL DO BARCO-DRAGÃO**  
O Festival do Barco-Dragão neste ano de 2018 calha no dia 18 de Junho do Gregoriano
- 78 LIO KUOKMAN: O MAESTRO DE MACAU**  
A história de um grande maestro que deu os seus primeiros passos na música em Macau
- 84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**  
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 MEMÓRIAS: CALÇADA DE SÃO LÁZARO**  
Um dos patrimónios mais carismáticos da cidade

## ESCOLA PORTUGUESA DE MACAU FESTEJA 20 ANOS

Durante mais de três horas, dezenas de alunos e professores da Escola Portuguesa de Macau (EPM) tomaram o palco do Grande Auditório do Centro Cultural para assinalar os 20 anos da instituição de ensino na região. Sob o tema “20 Anos, Contigo a Navegar”, os ‘artistas’ levaram a plateia lotada numa espécie de viagem histórica aos cinco séculos dos descobrimentos portugueses. Houve Fado, música da cabo-verdiana Cesária Évora e do guineense Eric Daro; viu-se a ússua de São Tomé e Príncipe, os animais da savana moçambicana; houve ainda samba e capoeira, música de Goa, Damão, Diu, Malaca e Timor-Leste. Até um diálogo em patuá foi a palco, passando depois para uma homenagem a Camilo Pessanha, um número protagonizado por antigos alunos sobre os valores que levam da EPM – inclusão, multiculturalidade e humanismo – e, para finalizar, uma actuação ao vivo de João Caetano, ex-aluno, actualmente músico da banda inglesa Incognito. Neste ano lectivo, estão matriculados na EPM, cujo projecto educativo alia um desenho curricular português ao ensino do mandarim, 577 alunos de 24 nacionalidades. Depois de portugueses (430 alunos) e chineses (74), são os brasileiros, angolanos, cabo-verdianos, russos e filipinos que procuram a EPM. “Para o ano tudo aponta para que cheguemos aos 600 alunos”, diz Manuel Peres Machado, presidente da instituição, acrescentando que nas últimas duas décadas a EPM “cresceu muito, está muito bem integrada no meio, é reconhecida como uma escola de qualidade, e a melhor prova disso é a procura por outras comunidades residentes em Macau deste projecto educativo”.





## RAEM reforça planos de reciclagem e combate aos resíduos sólidos

O Governo de Macau anunciou o reforço dos planos de reciclagem e de redução dos resíduos sólidos, com mais regulamentos sobre emissão de fontes fixas de poluição do ar e a respectiva fiscalização. De acordo com a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental, um dos objectivos destas medidas é criar uma cidade mais sustentável. O documento, concluído em finais do ano passado, prevê a redução do volume médio de resíduos urbanos produzidos diariamente 'per capita' em quase 30 por cento, ou seja de 2,11 quilogramas em 2016 para 1,48 quilogramas até 2026.



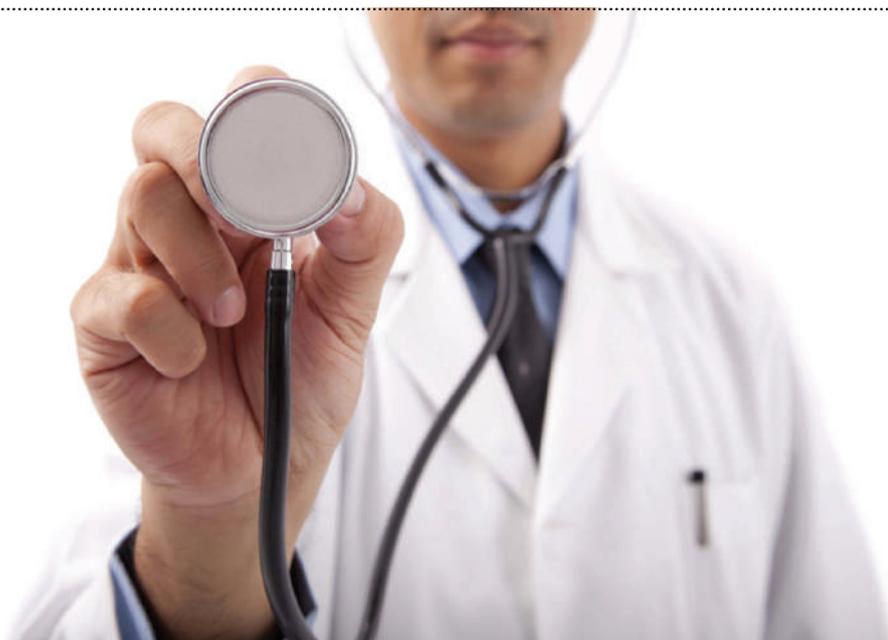
## Moçambique escolhido como país parceiro na Feira Internacional

Moçambique vai ser o "país parceiro" da 23.ª edição da Feira Internacional de Macau, organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). A próxima edição, que decorre entre 18 e 20 de Outubro, vai focar-se nas vantagens de Macau como plataforma de serviços para a cooperação internacional entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Para promover o evento, representantes do IPIM visitaram aquele país africano, onde foram recebidos pelo primeiro-ministro moçambicano, Carlos Agostinho do Rosário. Na edição passada, a feira teve como "país parceiro" Angola.



## Macau acolhe pela primeira vez anúncio dos "50 Melhores Restaurantes da Ásia"

Macau acolheu entre 25 e 27 de Março, pela primeira vez, o anúncio da lista dos "50 Melhores Restaurantes da Ásia em 2018", depois de vários chefes de cozinha galardoados terem participado numa sessão de conferências e demonstrações. Organizada com o apoio da Direcção dos Serviços de Turismo, a cerimónia de divulgação da lista e a respectiva entrega de prémios são alguns dos eventos em destaque da iniciativa "2018 Ano da Gastronomia de Macau". Macau entrou para a Rede de Cidades Criativas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na área da Gastronomia em Outubro de 2017. A lista dos 50 melhores restaurantes asiáticos é votada por um comité de 300 membros.



## Anunciada equipa para emergências na região

Os Serviços de Saúde de Macau anunciaram a criação de uma equipa de emergência que será acreditada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para responder a situações de desastre na região da Ásia-Pacífico. A equipa deverá, no futuro, ajudar na resposta a crises em Macau, na China e em países da região. Já foi submetida a candidatura para que os médicos e enfermeiros que se voluntariem para esta estrutura possam integrar o corpo da OMS em situações de terremotos, inundações e outras situações, indicaram os Serviços de Saúde.

## Universidade de Coimbra nos planos da mobilidade estudantil de Macau

Entre os projectos de mobilidade estudantil apresentados pela Comissão de Desenvolvimento de Talentos de Macau, encontra-se um plano de apoio a cursos de mestrado na Universidade de Coimbra. Os projectos são implementados com a colaboração da Fundação Macau, que assinou, em 2011, um protocolo de cooperação geral com a universidade portuguesa. Desde então, a Fundação Macau tem vindo a apoiar a atribuição de bolsas de estudo que “visem fomentar os estudos sobre a RAEM”. Em Fevereiro, a Universidade de Coimbra assinou um protocolo de cooperação com a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa para “estabelecer cooperação académica, científica e cultural entre as partes”.



### GLÓRIA BATALHA NO FÓRUM MACAU

A vogal executiva do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), Glória Batalha Ung, vai assumir o cargo de secretária-geral adjunta do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau), substituindo a actual secretária-geral adjunta indicada pela RAEM, Echo Chan, que pediu para deixar o cargo. Batalha Ung vai manter o cargo de vogal executiva do IPIM.



## Stanley Ho deixa a SJM

O fundador e presidente executivo da Sociedade de Jogos de Macau (SJM), Stanley Ho, vai abandonar o cargo de presidente do grupo. Num comunicado, o Conselho de Administração da SJM confirmou que Stanley Ho, de 96 anos, “vai aposentar-se das suas posições de presidente e director executivo e membro do Comité Executivo da Direcção do grupo, com efeito a partir da reunião geral anual de 2018”, que se vai realizar a 12 de Junho próximo. Daisy Ho, a filha de 53 anos, vai substituir o pai neste cargo.



## IPOR sensibiliza jovens para a leitura

O Instituto Português do Oriente (IPOR) em Macau dinamizou sessões de narração de histórias e da leitura em língua portuguesa para cerca de 500 crianças, jovens e docentes de língua portuguesa. A iniciativa do IPOR, que se realizou em Abril, tinha como objectivo sensibilizar os mais novos para a leitura do português e permitir o acesso a autores de língua portuguesa. O contador de histórias e investigador na área da literatura oral Luís Correia Carmelo leu histórias, interpretou enunciados e narrativas orais para a aprendizagem de português. As sessões decorreram na escola Lu-so-Chinesa da Flora, na escola Zheng Guanying, no jardim de infância D. José da Costa Nunes e nas oficinas de língua portuguesa para crianças e jovens do IPOR.

## Grande Baía promovida junto de operadores turísticos portugueses

A promoção do destino turístico da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau como itinerário multi-destino esteve em foco nas conversações entre representantes da indústria turística de Portugal e da China, na Expo Internacional de Turismo de Macau. De acordo com a Direcção dos Serviços de Turismo (DST), “representantes da indústria turística de Portugal e de outros países trocaram ideias, com parceiros de Guangdong, sobre o Intercâmbio de Turismo China-Portugal”. Macau quer “encorajar operadores turísticos de Portugal e outras partes do mundo a lançarem itinerários e produtos multi-destinos, para atrair mais visitantes de mercados de longo curso para a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, informou a DST. Além de Guangdong, Hong Kong e Macau, a região da Grande Baía abrange nove localidades: Cantão, Shenzhen, Zhuhai, Foshan, Huizhou, Dongguan, Zhongshan, Jiangmen e Zhaoqing.





## Divulgadas datas de comparticipação pecuniária

Os cheques da comparticipação pecuniária começa a ser atribuída a 3 de Julho e acontece até ao dia 14 de Setembro. De acordo com o porta-voz do Conselho Executivo, Leong Heng Teng, o plano vai incluir os “residentes que, em 31 de Dezembro de 2017, sejam titulares do bilhete de identidade de residente da RAEM, válido ou renovável”. Os residentes permanentes recebem 9000 patacas e os não permanentes 5.400 patacas. O plano vai custar aos cofres do Governo 6,19 mil milhões de patacas.



## Álvaro Barbosa nomeado vice-reitor da USJ

Álvaro Barbosa vai ser o novo vice-reitor da Universidade de São José. Até agora responsável pela Faculdade de Indústrias Criativas deste estabelecimento de ensino, o português substitui Maria Antónia Espadinha, que saiu do cargo em finais de Abril. Álvaro Barbosa tem doutoramento em Ciência e Tecnologia das artes e mestrado em Gestão de Indústrias Criativas. Antes de chegar a Macau, dirigia o Departamento de Som e Imagem na Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto.

## TORRE DE AZUL PARA CELEBRAR DIA DA UNIÃO EUROPEIA

A Torre de Macau juntou-se a vários outros lugares emblemáticos na China e foi iluminada em tons de azul para celebrar uma “ponte simbólica de luz” entre a China e a União Europeia. A 9 de Maio, Dia da Europa, a cor azul chegou também à Muralha da China, em Pequim, à Torre Pérola do Oriente, em Xangai e à Torre do Relógio, em Hong Kong. A iniciativa faz parte do programa de actividades preparado para o Ano do Turismo União Europeia-China, lançado em Veneza no início do ano.





## UM realiza congresso sobre confluências em língua portuguesa

O Departamento de Português da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Macau organizou um congresso internacional sobre confluências em língua portuguesa, linguística, literatura e tradução. Na conferência, que decorreu entre 10 e 12 de Maio foram apresentadas comunicações orais de mais de 40 investigadores e professores. O evento contou com a participação de diversos académicos, educadores e alunos de pós-graduação.

### MAIS DE 1600 CANDIDATURAS INTERNACIONAIS NO FESTIVAL SOUND&IMAGE

A 9.ª edição do Sound & Image Challenge de Macau, festival que motiva todos os anos produtores locais e internacionais de curtas-metragens e música a competir na região, já recebeu pelo menos 27 candidaturas de filmes portugueses. “Até agora já recebemos 1604 filmes da Grécia, Egipto, Estados Unidos, Reino Unido, Irão, Portugal ou Brasil”, afirmou a coordenadora do Creative Macau, Lúcia Lemos, que organiza o festival. O Sound & Image Challenge International Festival divide-se em duas competições: a de curtas-metragens e a vídeos musicais. Para a competição de curtas, os trabalhos serão recebidos até 16 de Junho, sendo o prazo alargado até 20 de Agosto para os vídeos musicais.



## Macau e Guangdong assinam acordo para fundo de desenvolvimento e cooperação

Macau e Guangdong assinaram no início de Maio um acordo para a constituição do fundo de desenvolvimento para a cooperação Guangdong-Macau. “A criação do ‘Fundo Guangdong-Macau’ constitui o primeiro resultado frutuoso na área da cooperação da inovação financeira entre as duas jurisdições”, disse em comunicado o secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong. “O Fundo Guangdong-Macau dará o seu contributo na promoção das redes de articulação e conexão em termos de infra-estruturas na Grande Baía Guangdong-Hong-Kong-Macau, no apoio à construção de grandes plataformas e na formação de novas indústrias”, lê-se ainda no documento. Ao longo de 12 anos, a região vai pagar pelo projecto 20 mil milhões de yuans.



## NÚMEROS

**1.216.548**

CARTÕES DE CRÉDITO EMITIDOS PELOS BANCOS DE MACAU NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2018 (+12,1%)

**MOP 588,3**

MIL MILHÕES DE DEPÓSITOS DOS RESIDENTES EM MARÇO DE 2018 (+10,3%)



## BNU doa um milhão de patacas ao IPM

O Banco Nacional Ultramarino (BNU) de Macau doou um milhão de patacas ao Instituto Politécnico de Macau (IPM). O IPM tem aproveitado “as vantagens do ensino da língua portuguesa e esforça-se por implementar a decisão de transformar Macau numa plataforma de comunicação entre a China e os países lusófonos”, indicou o BNU num comunicado. O valor doado anualmente é “calculado com base numa percentagem do valor gasto em compras” com um cartão do banco.

## BRASIL TEM NOVO DELEGADO NO FÓRUM

O Governo brasileiro confirmou a nomeação de Rafael Rodrigues Paulino para o cargo de delegado no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Rodrigues Paulino, segundo secretário do Consulado Geral do Brasil em Hong Kong, substituiu o diplomata Rodrigo Mendes Araújo, que trabalha na embaixada do Brasil em Pequim. Segundo o Governo, as mudanças no fórum reflectem o desejo do Brasil de aprofundar ainda mais as relações diplomáticas com a China, actualmente o seu maior parceiro comercial.



## Professores catedráticos da UM já podem presidir júri de doutoramentos

Até agora o júri das provas de doutoramento podia apenas ser presidido pelo reitor ou vice-reitores da Universidade de Macau, mas segundo uma proposta que recebeu luz verde do Conselho do Executivo, o reitor pode vir a delegar estas funções, por exemplo, a um professor catedrático. “O reitor da UM preside ao júri das provas de doutoramento, podendo delegar esta competência num vice-reitor, ou num professor catedrático, professor catedrático distinto ou professor catedrático de mérito que tenha sido o orientador de, pelo menos, três estudantes que tenham concluído o curso de doutoramento”, anunciou o porta-voz do Conselho Executivo, Leong Heng Teng. Actualmente, há 950 doutorandos na Universidade de Macau.



1453

SOCIEDADES CONSTITUÍDAS  
NO PRIMEIRO TRIMESTRE  
DE 2018 (-19)

238.970

VEÍCULOS A CIRCULAR  
NAS ESTRADAS DE MACAU  
NO FINAL DE MARÇO (-2,6%)

MOP 25,728

MIL MILHÕES DE RECEITAS  
DE CASINOS NO FINAL  
DE ABRIL (+27,6%)

\* comparações referentes ao mesmo período do ano transacto



# Macau galvaniza intercâmbio com Tailândia e Camboja

T IRENE LEONG

O reforço da cooperação da RAEM com os países do Sudeste Asiático irá abranger áreas tão diversas como o turismo, a agricultura, a tecnologia e a educação. Sob os promissores auspícios gerados pelo programa transnacional de desenvolvimento de infra-estruturas liderado pelo Governo Central, os governos tailandês e cambojano consideram também tirar partido da posição de Macau como porta para os mercados de língua portuguesa

O CHEFE do Executivo de Macau esteve num périplo de cinco dias pela Tailândia e pelo Camboja. De Banguecoque e Phnom Penh (as capitais dos dois países, respectivamente), Chui Sai On trouxe reforçadas as perspectivas de cooperação bilateral e o intercâmbio com as duas nações do Sudeste Asiático, envolvidas na iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Aproveitar o papel de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa “e assim explorar mais oportunidades de desenvolvimento” foi o grande “cartão de visita” apresentado pela RAEM, ciente das vantagens oferecidas pela sua posição privilegiada, que devem estar na “base da cooperação profunda com os dois países”, de acordo com um comunicado do Gabinete de Comunicação Social (GCS) de Macau.

O sector do turismo, mais precisamente nas vertentes da protecção do património cultural e da criação de um centro mundial de turismo e lazer, é para onde aponta a agulha da bússola da cooperação de Macau com Phnom Penh. Na capital do Camboja, o Chefe do Executivo assinou um memorando de entendimento com Prak Sokhon, ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Internacional do país, precisamente nesse âmbito.

Mas os laços de cooperação que se fomentam com o Camboja não se ficam por aqui, tendo havido também negociações sobre áreas como a agricultura e os recursos humanos e até o intercâmbio jovem, com o convite aos estudantes cambojanos para prosseguirem a sua formação em instituições de ensino na RAEM.



Visita à exposição de fotografias sobre o tema “Um país, dois sistemas” e “ Uma Faixa, Uma Rota”

Já em Banguecoque, Chui Sai On sublinhou a intenção de intensificar a cooperação e o intercâmbio com a Tailândia em várias vertentes, nomeadamente no âmbito da medicina tradicional chinesa, educação e mercados lusófonos. Mas a visita ficou marcada pelo avanço dado no plano de geminar Macau com Phuket, capital da província insular turística do mesmo nome, localizada no Sudoeste do país.

Nesse sentido, o Chefe do Governo da RAEM chegou mesmo a pôr o “preto-no-branco”, assinando com o ministro dos Negócios Estrangeiros tailandês, Don Pramudwinai, um memorando de entendimento com vista à geminação.



Em Banguecoque, o Chefe do Executivo de Macau participou na cerimónia inaugural do Fórum Internacional de Desenvolvimento da Medicina Tradicional 2018 (Tailândia)



**Assinatura do Memorando de Entendimento para Geminção de Cidades entre a Província de Phuket e a RAEM**

O documento atesta que Macau e Phuket “vão cooperar sob o princípio de igualdade e reciprocidade, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento próspero dos dois territórios, e desenvolver, de forma abrangente, o intercâmbio e a cooperação em várias áreas”.

### **Macau e Phuket, as gémeas inteligentes**

Na prática, a geminação implica oportunidades mútuas de cooperação entre as duas regiões em áreas como turismo e cultura, economia e comércio, mas também educação e medicina tradicional, com o incentivo do intercâmbio e vi-

sitas mútuas. O Governo tailandês quer aproveitar a oportunidade para, à imagem do que está a ser feito em Macau e aproveitando essa experiência, lançar também um projecto de “cidade inteligente”, integrado no plano económico nacional “Tailândia 4.0”, que conta entre os seus objectivos desenvolver as tecnologias de informação e criar um “corredor económico” no Leste do país.

No que diz respeito ao turismo, a Tailândia é já um dos 10 mercados que mais visitantes traz a Macau, com as ligações aéreas asseguradas por duas companhias que operam um total de 60 voos directos de e para Bangucoque, Phuket, Chiang Mai e Utapao. Ao mesmo tempo a Direcção dos Serviços de Turismo de Macau (DST) afirmou-se empenhada em “cooperar com as companhias aéreas na oferta de pacotes turísticos para encorajar mais tailandeses” a visitar Macau este ano, acreditando haver “potencial para diversificar os mercados de visitantes de Macau”.

Por sua parte, o primeiro-ministro tailandês, Prayut Chan-o-cha, espera que o número de turistas de Macau que visitam o país também continue e aumentar. Na reunião que manteve com Chui Sai On, o chefe do Governo da Tailândia defendeu o reforço da cooperação em “vários domínios”, sublinhando o “enorme potencial no sector turístico”, mas não só. Chan-o-cha considera haver outros “sectores em que Macau reúne condições vantajosas”, como a gastronomia, o vestuário e as indústrias criativas, nos quais as duas partes podem intensificar laços; e vê com muito bons



**A delegação de Macau participou numa mesa redonda entre jovens de Macau e do Camboja, para debater as oportunidades da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, em Phnom Penh**



Encontro entre o Chefe do Executivo, Chui Sai On, e o presidente da Assembleia Nacional do Reino do Camboja, Heng Samrin



O Chefe do Executivo da RAEM reuniu-se com a delegação oficial e membros da União Mil Talentos, em Phnom Penh

olhos o impulso que a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” poderá dar a toda a região do Sudeste Asiático, nomeadamente com a construção de uma rede ferroviária de alta velocidade, que promete aproximar da China o Laos, a Tailândia e Singapura, oferecendo-lhes um acesso renovado às regiões e províncias do Grande Delta do Rio das Pérolas.

Por outro lado, a galvanização das relações com Macau pode ter reflexos positivos também no que diz respeito à comercialização de produtos agrícolas, como notou, por sua vez, Somkid Jatusripitak, vice-primeiro-ministro da Tailândia, com a concordância de Chui Sai On, que observou ainda que o aumento da exportação de frutas frescas para Macau poderá abranger um ciclo ainda mais alargado, envolvendo também o bloco dos países de língua portuguesa.

### O Camboja e os 60 anos de uma amizade

Antes da frutífera passagem por Banguete, a comitiva de Chui Sai On já tinha visitado de forma igualmente bem-sucedida o Camboja, com quem a Tailândia faz fronteira a Sudeste. Em Phnom Penh, o Chefe do Executivo de Macau e o primeiro-ministro do Camboja, Hun Sen, deram passos inequívocos no sentido do reforço da cooperação dos dois territórios em diversas áreas, nomeadamente “no turismo, sector financeiro, comércio e cultura”. Um memorando de entendimento no âmbito do acordo-quadro de cooperação para a promoção da amizade bilateral foi assinado, materializando intenções de crescimento mútuo, com bastante simbolismo à mistura, num ano em que, coincidentemente a China e o Camboja comemoram o 60.º aniversário do estabelecimento das suas relações diplomáticas.

De acordo com o memorando assinado, as duas partes vão reforçar o intercâmbio no sector do turismo, com Macau a retirar enormes benefícios, nomeadamente a nível da protecção do património cultural e com vista à criação de um Centro Mundial de Turismo e Lazer. O documento também inclui planos relacionados com o papel de Macau enquanto plataforma para a cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa, abordando a promoção de produtos agrícolas cambojanos junto dos mercados daqueles países.

Prevista no memorando está também a implementação de um programa de intercâmbio juvenil, direccionado não só para estudantes como também para jovens empresários, que visa disponibilizar oportunidades de aprendizagem e inclui mesmo a criação de uma bolsa de estudo. O documento vem complementar outro, assinado em Março entre Macau e a província cambojana de Siem Reap, visando o reforço da cooperação no turismo, cultura e comércio.

Na opinião do Chefe do Executivo, as relações entre a China e o Camboja, que comemoram seis décadas desde o seu estabelecimento, atravessam a “sua melhor fase”, com o Governo cambojano a mostrar-se “muito receptivo” face à iniciativa transnacional de desenvolvimento de infra-estruturas liderada por Pequim. Relativamente às relações com Macau, “os dois territórios podem complementar-se nas suas vantagens, na facilitação da flui-



Encontro entre o Chefe do Executivo, Chui Sai On, e o presidente do Senado do Reino do Camboja, Say Chhum



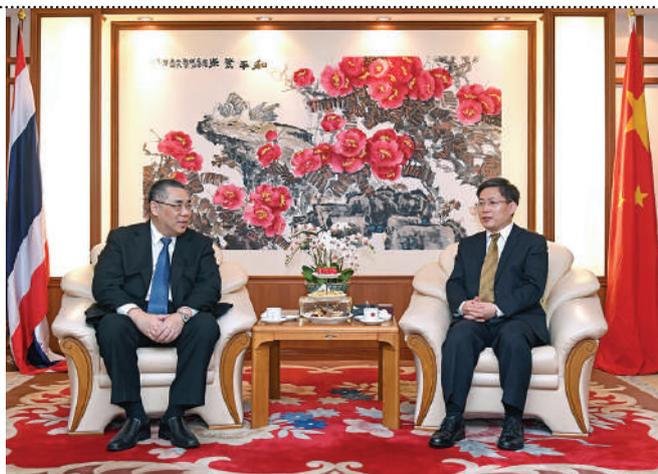
O Chefe do Executivo, Chui Sai On, cumprimenta o primeiro-ministro da Tailândia, Prayuth Chan-ocha

dez das trocas comerciais, nos serviços de intermediação financeira e na colaboração activa enquanto regiões abrangidas pela iniciativa da China “Uma Faixa, Uma Rota”, observou Chui Sai On.

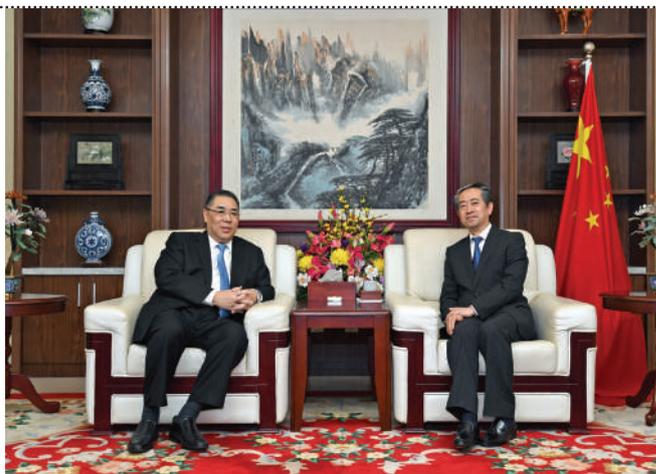
### Um balanço positivo rumo à diversificação

No rescaldo da passagem de Chui Sai On pelo Camboja e pela Tailândia, o Governo considerou que o périplo serviu para dar avanços importantes, que acabarão por contribuir para a diversificação económica da RAEM. O Chefe do Executivo apresentou um balanço “positivo” dos encontros mantidos em Banguete e Phnom Penh, até pela forma como as medidas ali aventadas irão servir para “apoiar o crescimento profissional dos jovens”.

Aliás, os jovens e o seu contributo para com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” estiveram mesmo no centro do debate numa mesa redonda promovida na capital cambojana, e que juntou jovens de Macau e do Camboja. Chui Sai On anunciou que o Governo da RAEM irá apoiar os jovens cam-



O Chefe do Executivo, Chui Sai On, e o Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Popular da China na Tailândia, Lyu Jian



Encontro entre o Chefe do Executivo, Chui Sai On, e o Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Popular da China no Reino do Camboja, Xiong Bo

bojanos a prosseguirem os seus estudos em Macau e sublinhou a importância de todos os sectores para maximizar “o aproveitamento da inovação e o espírito de esforço da nova geração”. O responsável máximo do Executivo de Macau enfatizou o empenho da RAEM em aprofundar o intercâmbio para uma maior “fluidez das trocas comerciais”, com vista a uma “maior interactividade e oportunidades de emprego para ambas as populações”.

No balanço das visitas, o porta-voz do Governo, Victor Chan, realçou os acordos de cooperação e amizade celebrados em Phnom Penh e Bangucoque – planos que visam projectar as vantagens de ambas as partes com os objectivos de “desenvolvimento mútuo, aprofundamento da colaboração, criação de quadros de cooperação e definição de orientações”. Victor Chan também sublinhou o papel que pode ser desempenhado pelos chineses ultramarinos em Macau e nos países integrados na iniciativa

### REFORÇO DAS LIGAÇÕES AÉREAS MACAU-CAMBOJA

Na passagem do Chefe do Executivo da RAEM por Phnom Penh, o reforço da cooperação bilateral na área do turismo foi um dos principais assuntos discutidos, tendo sido abordada, nomeadamente, a possibilidade de criar novas ligações aéreas entre Macau e o Camboja, uma possibilidade confirmada por Heng Samrin, presidente da Assembleia Nacional cambojana. O Chefe do Governo de Macau, por sua parte, assegurou que, assim que chegasse a Macau, iria “empenhar-se na análise da viabilidade” da introdução de novas ligações directas. O primeiro-ministro cambojano, Hun Sen, sublinhou que Macau e o Camboja já contam actualmente com *várias ligações aéreas* sem escala, enfatizando que esses voos directos “têm contribuído para o aumento das deslocações de turistas entre os dois territórios”.

“Uma Faixa, Uma Rota”, permitindo que Macau se possa “concentrar nas trocas comerciais de forma a proporcionar maior fluidez no financiamento no mercado capitais e consequentemente contribuir para o desenvolvimento dos seus participantes”.

Na senda da diversificação económica, o Executivo da RAEM considera terem sido dados importantes passos no sentido de intensificar parcerias em áreas como o turismo, economia e comércio. E isto não sem contemplar também a devida atenção ao reforço das trocas nos campos da cultura, formação de recursos humanos, protecção do património cultural, intercâmbio de jovens estudantes e sector empresarial. “Com toda essa cooperação estreita pode-se criar mais condições vantajosas e novas possibilidades para o desenvolvimento a longo prazo da RAEM”, considerou Victor Chan.

O balanço foi “extremamente positivo” também na opinião de Leonel Alves, ex-deputado da Assembleia Legislativa (AL), que acompanhou a maratona de encontros na qualidade de membro do Conselho Executivo, e para quem o panorama se vislumbra como uma oportunidade para Macau “se internacionalizar”.

“Como região administrativa especial, Macau tem um grande parceiro que é Hong Kong e, no âmbito da política ‘Uma Faixa, Uma Rota’, já se preparou. E Macau também tem de acompanhar esse ritmo: dar-se a conhecer, conviver mais com os países do Sudeste Asiático, exibir as suas potencialidades”, advertiu, notando também a grande receptividade e até “um carinho muito especial com Macau” demonstrado por parte dos dirigentes governamentais cambojanos e tailandeses. “Todo este ambiente político, de conhecimento mútuo, de maior convívio e troca de opiniões enfatizando o aspecto cultural e histórico, promovendo o turismo e outros investimentos”, deve ser acompanhado, defendeu. “É extremamente importante este passo de internacionalização de Macau integrado na política nacional mais ampla porque obviamente, a seu prazo, irão trazer benefícios para todos nós”, frisou Leonel Alves. ■

# MACAO

## Your Business Events Destination

Macao, compact and convenient, has emerged as one of Asia's leading destinations for all size of meetings and events. With over 37,000 hotel rooms and 190,000m<sup>2</sup> of meeting space within 30km<sup>2</sup>, ease of access to 2 international airports and the world's largest economic growth region.

Macao is the most convenient choice for your next meeting or event.

Contact our One Stop Shop to plan your next event!



*"One-Stop Service" for MICE Bidding and Support in Macao*

— [www.mice.gov.mo](http://www.mice.gov.mo) — [mice-onestop@ipim.gov.mo](mailto:mice-onestop@ipim.gov.mo) — +853 8798 9292 —



澳門貿易投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute



# Estímulo “verde” para a Macau do futuro

Reconhecendo a questão ambiental como um dos desafios mais decisivos para o seu futuro, Macau prepara-se para aproveitar a oportunidade “de ouro” que tanto a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” como o projecto da Grande Baía têm a oferecer no que toca à protecção do meio ambiente

**T** IRENE LEONG

**FOI O** próprio Chefe do Executivo que assumiu sem contemplações: Macau pretende tirar o melhor partido das oportunidades de crescimento oferecidas pelos grandes reptos de desenvolvimento de infra-estruturas a nível regional e aproveitar para “promover activamente a colaboração nas vertentes de protecção ambiental e de desenvolvimento da economia verde”.

Em declarações na abertura do Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF,

na sigla em inglês), Chui Sai On sublinhou o “papel importante” desempenhado por Macau na conjuntura de desenvolvimento da República Popular da China, articulando-se com a implementação das iniciativas nacionais ‘Uma Faixa, Uma Rota’, ‘Cooperação Regional do Pan-Delta do Rio das Pérolas’ e ‘Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau’, que trarão, acredita, “grandes oportunidades para o futuro desenvolvimento de Macau”.

“Estamos empenhados em demonstrar as vantagens de Macau enquanto plataforma para o reforço da cooperação em matéria ambiental entre a China e os outros países do mundo e apoiar o sector do Pan-Delta do Rio das Pérolas no sentido da internacionalização e da captação de investimentos”, acentuou.

## Grande Baía a ganhar forma

Focado na construção da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, o MIECF 2018 reuniu 50 oradores repartidos por sete sessões (seis regulares e uma especial), e acolheu uma “mostra verde”, com 490 expositores de 19 países e terri-



tórios, nomeadamente Interior do País, Austrália, Costa Rica, Holanda, Portugal, Singapura, Estados Unidos, Hong Kong e Macau. Durante a “Mostra Verde” as quase cinco centenas de expositores apresentaram soluções ecológicas destinadas ao combate à poluição do ar, da água e dos solos, e ideias para a construção de cidades sustentáveis. Uma visita guiada a Jiangmen, na China, e visitas técnicas a unidades de reciclagem foram também destaques no Fórum Ambiental.

Na sua 11.ª edição, o evento atingiu números que, para Irene Va Kuan Lau, vogal-executiva do Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM), atestam bem do seu crescimento, comparativamente à primeira edição, em que estiveram presentes apenas oito países, e da sua consolidação como “uma plataforma de intercâmbio muito eficaz”.

Em concreto, o MIECF 2018 terminou com 35 acordos assinados durante 349 sessões de bolsas de contacto (uma subida anual de 28 por cento), e contou, ao longo dos três dias da sua duração, com quase 4000 participantes.

Desde a sua criação, em 2008, o MIECF foi palco da assinatura de mais de 280 documentos de manifestação de interesse e acordos. A próxima edição do Fórum Ambiental vai decorrer entre 28 e 30 de Março de 2019.

### Sustentabilidade

Gigantescos e sombrios centros urbanos poluídos visual e atmosféricamente, tão cheios de gente como de despersonalização. Mais do que o distópico cenário de um qualquer filme de ficção científica, a descrição aflora uma tendência que se quer evitar a todo custo. “Sustentabilidade” é a palavra de ordem,

defende Christiana Figueres, antiga responsável da Organização das Nações Unidas (ONU) para as Alterações Climáticas.

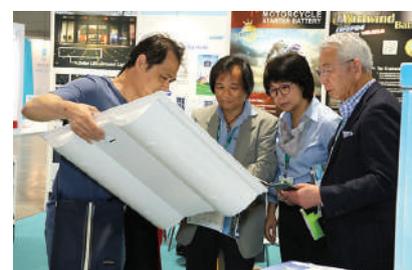
Figura de proa nas palestras do MIECF deste ano, a diplomata costa-riquenha alertou para um fenómeno que parece inelutável no panorama da distribuição demográfica do planeta: responsável por 80 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) global, metade da população mundial vive actualmente nas cidades e esse cenário vai continuar a agravar-se, sobretudo nos continentes africano e asiático, estimando-se que até 2050 cerca de 6000 milhões de pessoas vivam nos centros urbanos.

Para Hong Kong e outras metrópoles do Delta do Rio das Pérolas, as previsões apontam para o agravar da densidade populacional, tornando a sustentabilidade cada vez mais decisiva, alerta Figueres: “Conhecemos cidades que são poluídas, congestionadas e desumanizadas. No futuro, a nossa habilidade passa por construir cidades que sejam limpas, compactas, conectadas e acolhedoras”.

A ex-responsável da ONU elogiou a liderança da China na concepção das chamadas “cidades ecológicas”, um concei-

---

○ MIECF 2018 REUNIU 50 ORADORES REPARTIDOS POR SETE SESSÕES E ACOLHEU UMA “MOSTRA VERDE”, COM 490 EXPOSITORES DE 19 PAÍSES E TERRITÓRIOS





to inovador que se baseia no equilíbrio do desenvolvimento económico com a protecção da natureza que foi integrado na Constituição do país.

Embora o conceito de “cidade ecológica” (*eco-city*) não tenha uma definição concreta, para Figueres as cidades que queiram ter esse estatuto terão de ter quatro características fundamentais, ou seja, deverão ser “limpas, compactas, conectadas e preocupadas”. Mais concretamente, uma cidade “que prime pelos transportes eléctricos, pelos painéis solares, pela iluminação inteligente e por um *layout* que dê prioridade a caminhadas e bicicletas, será uma cidade sustentável”, conclui. ■

### SHUTTLES ELÉCTRICOS NA PONTE

As operadoras de jogo que queiram transportar clientes pela Ponte Hong Kong-Zhuahi-Macau só o poderão fazer através de transportes eléctricos, foi uma das novidades avançadas pela ex-secretária da ONU para as Alterações Climáticas Christiana Figueres, oradora principal do MIECF, em declarações à imprensa à margem do evento. “Apenas os veículos eléctricos dos resorts vão poder aceder ao terminal da futura ponte”, na ilha artificial do lado de Macau, adiantou. A antiga responsável das Nações Unidas sublinhou “as importantes estratégias ambientais” adoptadas por várias cidades chinesas, nomeadamente com a redução das emissões de gases poluentes e com a adopção de veículos eléctricos. “Tanto o sector privado como o público estão a caminhar no sentido da electrificação”, por perceberem que é não só mais ecológico como também mais rentável, destacou Figueres.

### APOSTA FORTE NA RECICLAGEM

O Governo de Macau vai reforçar os planos de reciclagem e de redução dos resíduos sólidos, com mais regulamentos sobre emissão de fontes fixas de poluição do ar e respectiva fiscalização, de acordo com a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA). Criar uma cidade mais sustentável é um dos objectivos destas medidas, que incluem o Planeamento de Gestão de Resíduos Sólidos de Macau (2017-2026). Concluído em finais de 2017, este documento prevê “reduzir o volume médio de resíduos urbanos produzidos diariamente ‘per capita’ em quase 30 por cento”, ou seja, de 2,11 quilos, em 2016, para 1,48, até 2026. Além da publicação, nos últimos anos, de vários regulamentos com o objectivo de “reforçar o controlo das emissões de gases de escape dos veículos da região”, em 2017, um plano para acelerar o abate de motociclos e ciclomotores a dois tempos, “altamente poluidores”, levou à retirada de circulação de mais de 5450 veículos.

訪  
客  
登  
記



澳門科技大學  
MACAU UNIVERSITY OF SCIENCE AND TECHNOLOGY

Don't let your cell phone distract you  
when you are on the pedestrian crossing and  
always keep your eyes on crossing the road

過馬路留心走  
不玩手機不低頭



生事務處 | 校園安全督察隊交通分隊

機械人屬澳門科技大學財物  
損壞須照價賠償



# Eu, robô: De Macau para o mundo

T MARCO CARVALHO F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Uma equipa de investigadores da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau concebeu um autómato que promete revolucionar o sector da prestação de serviços na região e no mundo. Originalmente desenvolvido com o propósito de providenciar assistência a idosos, o Singou Butler vai receber a partir de Julho os visitantes que entrem em Macau através das Portas do Cerco. O robô vai facultar informações, responder a dúvidas e até facilitar a obtenção do cartão Macau Pass. O aparelho vai começar a ser fabricado em massa numa unidade fabril da província de Guangdong. A 1 de Setembro lança-se à conquista do planeta

**AS PRIMEIRAS** impressões enganam. Hon Chi Tin fala com paixão e orgulho do autómato que se arrasta com um clamor mecânico aos nossos pés. Com uma aparência mais linear do que curva e um ecrã no lugar do rosto, o dispositivo facilmente se confunde com um brinquedo. Um brinquedo mais complexo e mais robusto do que é comum, mas ainda assim um brinquedo.

Com uma estatura a rondar o metro e meio de altura, carão macilento, cores garridas e uma estrutura rígida e esguia, sem ser esbelta, o aparelho é quase como que a negação dos possantes andróides que desde meados do século passado passaram a encarnar, no imaginário comum, a figura do robô por excelência.

O Singou Butler desloca-se com a cadência hidráulica dos carros de combate, num deslizar pautado por um coro de estalidos e de soluços que tornam

difícil a crença de que o atamancado autómato que ciranda por um pequeno espaço de quatro por quatro metros no recinto da MIECEF – o Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau – possa revolucionar o acolhimento a turistas, a assistência a idosos ou até salvar vidas.

E, no entanto, o Singou Butler I, garante Hon Chi Tin é capaz disso e muito mais. Desenvolvido por uma equipa liderada pelo académico da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa), o autómato é o segundo concebido pela Singou Technology, a empresa constituída pelo docente e investigador com o propósito de tornar tangível a investigação nos domínios da robótica e da inteligência artificial conduzida pela instituição de ensino superior.

A primeira criação da empresa – o Singou Guard I – patrulha desde Agos-

to do ano passado o campus da MUST. “O Singou Guard I foi concebido para desempenhar funções na área da segurança e do patrulhamento. Tem sido testado e colocado em uso nas instalações do nosso campus, no Centro de Ciência e em várias outros departamentos governamentais”, explica Hon Chi Tin.

Com 65 quilos e uma aparência mais consentânea com a dos robôs da ficção científica, o Singou Guard I tem uma autonomia de seis horas, consegue entender e falar inglês, domina várias variantes de chinês – do cantonês aos dialectos de Sichuan e de Xangai – e possui uma capacidade de memória extraordinária quando comparada com a frágil capacidade de assimilação do cérebro humano. Cada um dos seis autómato que patrulham as instalações da MUST tem capacidade para reconhecer entre 20 mil a 30 mil rostos, associá-los a um



Hon Chi Tin, académico da MUST e ‘pai’ do robô de Macau

nome e, por inerência, identificar elementos estranhos à realidade da instituição de ensino superior. Um humano dificilmente será capaz de recordar mais do que meio milhar de rostos, enfatiza Hon Chi Tin.

À tecnologia de reconhecimento facial o vigilante electrónico junta a capacidade para diferenciar vozes e para identificar de imediato se o seu interlocutor está a falar em chinês ou em língua inglesa. O Singou Guard I, explica o académico, consegue ainda efectuar deslocações de até 15 quilómetros sem perda de eficácia e captar imagens tanto à frente como à retaguarda, graças às duas câmaras de que está munido.

A capacidade de locomoção do robô-vigilante – que, além do campus da MUST e do Centro de Ciência de Macau, patrulha ainda as instalações da Escola Pui Ching e algumas valências na República Popular da China – é uma das poucas características em que a capacidade do autómato é notoriamente superior à do mais recente membro da família Singou. Lançado a 11 de Abril e apresentado ao público um dia depois, no âmbito da edição de 2018 da MIECF, o Singou Butler é também um robô de serviço, mas as funções para as quais foi programado pressupõem uma relação de maior proximidade com os humanos que se propõe servir. “Este robô foi originalmente pensado para prestar apoio a idosos. Visitei ao longo dos últimos anos muitos idosos e uma boa parte vive sozinha. Os filhos e netos não têm tempo para os visitar com a frequência desejada e o Singou Butler foi inicialmente concebido com o propósito de prestar apoio aos idosos que se encontrem nesta situação”, clarifica Hon Chi Tin.

Especialista em robótica e em inteligência artificial, o docente explica que, dada a forma como foi concebido, o Singou Butler é suficientemente versátil para desempenhar uma vasta miríade de outras funções, mas o acompanhamento de idosos é, porventura, a missão em que a performance do autómato pode potenciar os melhores resultados. Além de fazer companhia aos mais velhos, o robô pode transpor-



○ O SINGOU GUARD I TEM UMA AUTONOMIA DE SEIS HORAS, FALA INGLÊS E VÁRIAS VARIANTES DE CHINÊS — DO CANTONÊS AOS DIALECTOS DE SICHUAN E DE XANGAI POSSUI UMA CAPACIDADE DE MEMÓRIA EXTRAORDINÁRIA

tar pequenos objectos, ajudar em pequenas tarefas domésticas e, em situações extremas, está até programado para salvar vidas. “A partir de uma certa idade, os pequenos acidentes dentro de casa tornam-se mais frequentes. Quando os idosos se vêem envolvidos em situações de emergência, em que precisam de apoio urgente podem, pura e simplesmente, pedi-lo ao robô”, assegura Hon. “Basta dizer ‘Help’ ou o equivalente em chinês. O robô responde de imediato e liga para o telemóvel dos filhos, para o hospital ou para as linhas de emergência”, complementa o criador dos autómatos.

Capaz de entabular pequenas diálogos e de facultar informações circunstanciais sobre o meio que o envolve, o Singou Butler I é também um bom antídoto contra a solidão. O autómato está programado para disputar parti-

das do mais popular dos jogos chineses de mesa. “Este robô também consegue jogar *mahjong*”, diz Hon Chi Tin. “O *mahjong* é um jogo muito popular entre os idosos nas sociedades chinesas. É visto como um bom exercício mental e uma forma de trabalhar detalhes como as articulações, sobretudo nas mãos. O jogo é também um bom incentivo para o reforço do intercâmbio social. Muitas vezes um idoso sozinho é alguém que tem outro idoso sozinho do outro lado do corredor, mas que muitas vezes se remete ao silêncio por acreditar que não tem nada em comum com o vizinho.”

O professor da MUST revela que a fasquia definida pela indústria em termos de inteligência artificial é já muito elevada e assegura que o grupo de investigadores que dirige teve a preocupação de conceber o Singou Butler I tendo por

base os mais recentes desenvolvimentos no campo da inteligência artificial. “O domínio da inteligência artificial é um dos aspectos que estão neste momento na berlinda. Todas as grandes empresas tecnológicas da China e dos Estados Unidos estão a fazer uma forte aposta na inteligência artificial e o domínio deste ramo concreto da inovação vai ser, estou convicto, o próximo ponto de confronto e de competitividade à escala mundial”, antecipa o investigador. Em parte, é a aposta nos mais elevados padrões internacionais em termos de inteligência artificial que explica a versatilidade dos autômatos concebidos pela Singou Technology.

### Robô de serviço e de serviços

A 1 de Julho, se tudo correr como o previsto, os visitantes que entrem em Macau através da fronteira das Portas do Cerco vão passar a ser recebidos por um batalhão de novos guias turísticos. Os cicerones têm por missão garantir que quem assoma à RAEM é bem recebido e entre as competências que lhes são assacadas estão as de ajudar quem chega a Macau a fazer check-in num hotel, a obter o Macau Pass ou pura e simplesmente a optar pela forma mais conveniente de se deslocar para o centro da cidade.

O exército de novos guias pode conversar em cantonês, mandarim e inglês e se a Direcção de Serviços de Turismo (DST) – entidade com a qual a Singou Technology assinou um protocolo antes ainda do Singou Butler ser lançado – assim entender, também poderá vir a exprimir-se em japonês ou em coreano.

O acordo firmado com a DST é uma das várias parcerias que a empresa dirigida por Hon Chi Tin rubricou ao longo dos últimos meses [ver caixa], com o propósito de familiarizar eventuais clientes com os dois autômatos da família Singou, mas também para evidenciar o carácter polifacetado dos dois dispositivos, nomeadamente no que diz respeito ao contributo que podem dar no âmbito do sector dos serviços. “A aposta no segmento dos robôs de serviço sempre me pareceu óbvia.



Macau tem uma indústria de serviços muito sofisticada, com padrões muito elevados”, considera o docente da MUST. “A indústria dos serviços é um bom domínio para testar a nossa tecnologia em situações reais e Macau

constitui uma boa base para testar novas soluções tecnológicas.”

Os mais de 32 milhões de visitantes que procuraram Macau ao longo do ano passado oferecem o melhor dos enquadramentos quando o que está

### SINGOU BUTLER EM TODO O LADO

A Singou Robôtics, subsidiária da Singou Technology que vai fabricar o Singou Butler em Zhongshan, só em Julho começa a operar, mas o versátil autômato parece condenado ao sucesso, a julgar pelos acordos já assinados pelo grupo liderado por Hon Chi Tin. Para além do memorando firmado com a DST – que prevê que a partir de Julho 37 exemplares do robô nas Portas do Cerco – a empresa assumiu também o compromisso de fornecer 5000 robôs por ano ao portal Juwai.com, especializado na venda de fracções imobiliárias. Ao abrigo do acordo, assinado a 11 de Abril nas instalações do Centro de Ciência de Macau, a Singou Technology assume a responsabilidade de programar anualmente 5000 exemplares do Singou Butler com o propósito de facilitar a aquisição de activos imobiliários no estrangeiro por parte de cidadãos chineses. O portal Juwai.com é a mais influente plataforma electrónica chinesa de compra e venda de casas e apartamentos no estrangeiro. Com o acordo, o Singou Butler deve chegar a vários pontos do planeta com o propósito de facilitar a vida aos cidadãos da República Popular da China que queiram comprar casa fora do país. Em Janeiro, a Singou Technology já tinha firmado um memorando de cooperação com o grupo Macau CTS Hotel Management (International) Ltd. O acordo prevê que a empresa dirigida por Hon Chi Tin faculte vários exemplares do irmão mais velho do Singou Butler, o Singou Guard I, às valências hoteleiras e de restauração geridas pelo grupo. Numa primeira fase, os robôs serão colocados na recepção de unidades hoteleiras como o Hotel Emperor ou o Hotel Beverly Plaza com o objectivo de ajudar os hóspedes a conduzir os procedimentos de *check-in* ou de *check-out*.



em causa é provar que as competências do Singou Butler I não se resumem ao desígnio de prestar assistência a idosos. O memorando assinado entre a DST e a Singou Technology prevê que a empresa coloque um total de 37 autómatos no Posto Fronteiriço das Portas do Cerco. Os aparelhos têm por missão facilitar o acolhimento de turistas, mas as perspectivas de utilização do Singou Butler I são virtualmente infinitas e Hon Chi Tin não exclui a hipótese do robô poder vir a ser colocado ao serviço da população se o Executivo assim o entender. “Estamos a trabalhar com a DST para que os autómatos possam ser o mais útil possível aos visitantes de Macau. Os turistas que tiverem dúvidas podem interpelar os robôs: ‘Eu quero ir para a Torre de Macau. Como é que posso para lá ir?’ ou ‘Só tenho renmibi. Onde posso trocar dinheiro?’. O Singou Butler vai estar preparado para responder a questões como estas”, explica. “Mas não é tudo. Os turistas podem obter o Macau Pass através do robô e até transferir vales de desconto electrónicos para gastarem em lojas e restaurantes de Macau. Mesmo os residentes vão poder recorrer aos robôs para consultar alguns dos serviços do Governo. Se um residente quiser saber quando vai re-

ceber o dinheiro do Fundo de Pensões pode perguntar ao Singou Butler que ele responde”, antecipa Hon Chi Tin.

Os 37 exemplares do Singou Butler I que vão ser colocados à disposição da DST deverão ser dos primeiros produ-



zidos em série pela Singou Robòics, a subsidiária da Singou Technologies que vai ser responsável pelo fabrico dos autómatos. Concebido em Macau com uma pequena ajuda de uma empresa de *design* italiana, o Singou Butler lança-se à conquista do mundo a partir de uma nova unidade fabril, construída para o efeito na cidade chinesa de Zhongshan. “O *hardware* e o *software* foram inteiramente concebidos por mim e pela minha equipa. O *design* é da autoria de uma equipa italiana, mas o fabrico será feito na China.

Hon Chi Tin espera que das instalações da Singou Robòics possam sair mil autómatos até ao final do ano. A empresa tenciona expandir progressivamente a produção em 2019, mas só dentro de dois anos deverá produzir na máxima força, com objectivos bem mais ambiciosos. O responsável pelo projecto acredita que em 2020 o grupo consiga colocar no mercado 30 mil robôs e o objectivo é manter o volume de produção nos anos subsequentes.

Antes de se fazer à conquista do mundo, a 1 de Setembro, o Singou Butler I vai ser oficialmente lançado em Pequim no âmbito da World Robot Exhibition.

O autómato deve chegar ao mercado em dois tamanhos diferentes, consoante as funções para que está programado. O modelo mais pequeno, o mais indicado para prestar serviços de apoio e assistência a idosos, será comercializado por um preço que ronda os 10 mil dólares de Hong Kong. O modelo de maior porte, semelhante aos dos robôs que a partir de Julho vão receber quem chega a Macau, foi concebido como complemento às necessidades do sector dos serviços e deve custar cerca de 20 mil dólares de Hong Kong. “Não queremos fazer do robô algo inacessível. Queremos que o nosso robô seja uma presença ubíqua não só nos lares de Macau, como também nos lares de todo o mundo. Para que isso aconteça é importante que o preço seja acessível, porque isso permite que o autómato encontre o seu lugar no mundo real e faça aquilo para que foi concebido”, remata Hon Chi Tin, o pai dos primeiros robôs “made in Macau”. ■

# Xi Jinping saúda diálogo sino-lusófono sobre justiça

O PRESIDENTE do País, Xi Jinping, declarou ser de “grande importância” o fórum de cooperação e intercâmbio entre os sistemas judiciais da China e dos países de língua portuguesa, realizado em Cantão no passado mês de Março.

Numa carta citada pela agência de notícias Xinhua, o Presidente escreveu que o encontro vai “ajudar no desenvolvimento de um ambiente legal favorável e na construção de uma comunidade de futuro compartilhado para a humanidade”.

No fórum estiveram reunidos os responsáveis dos tribunais supremos de justiça da China, Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Sam Hou Fai, presidente do Tribunal de Última Instância de Macau.

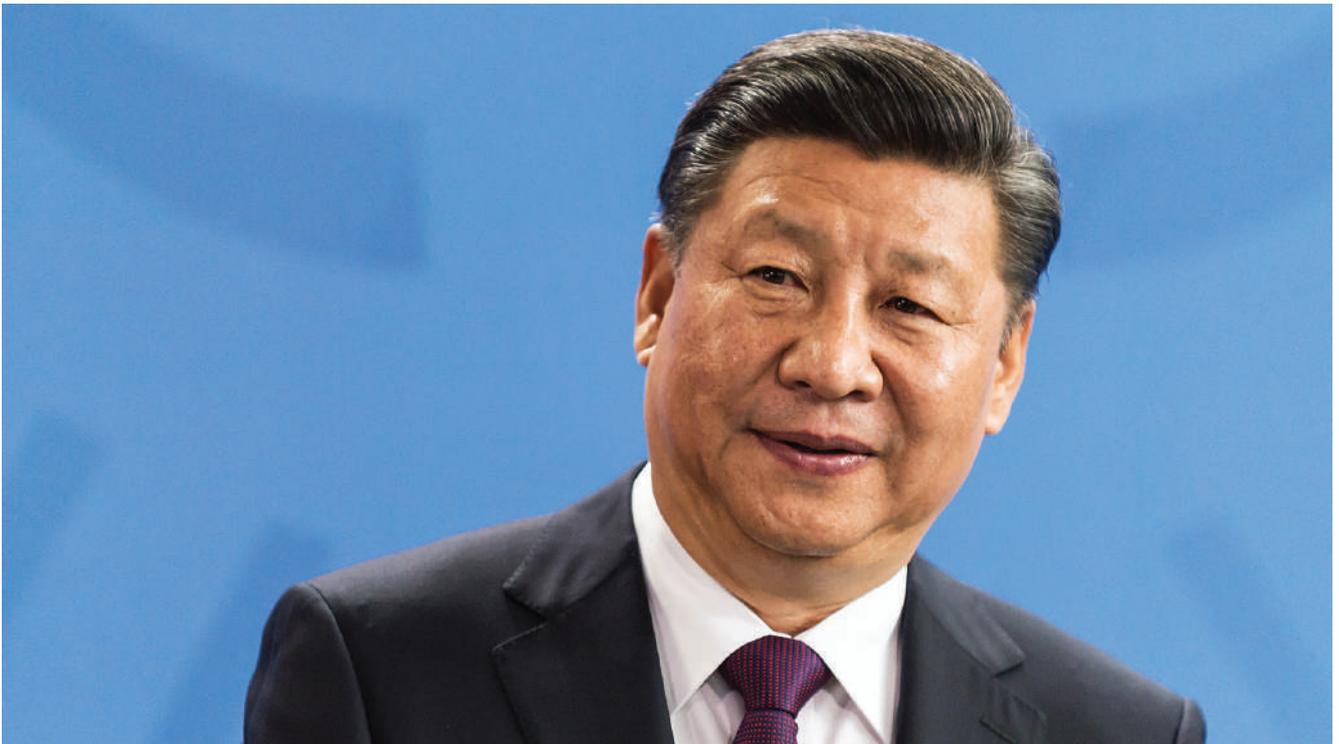
Para o presidente do Tribunal Supremo de Justiça de Portugal, António Henriques Gaspar, “esta é a altura certa para construir uma base de intercâmbio e cooperação”. Segundo um comunicado difundido pelo Tribunal Supremo Popular da China, o responsável afirmou que “Portugal está dis-

posto a avançar com o diálogo mútuo e partilha de informação com a China”.

A ideia foi igualmente partilhada pelo lado chinês. De acordo com Zhou Qiang, presidente do Tribunal Supremo Popular da China, o organismo está “disposto a ter uma cooperação mais prática com os países de língua portuguesa no estudo de casos, formação de juizes, partilha de informação, protecção dos direitos de propriedade intelectual e combate contra crimes transnacionais”.

Durante o encontro foi assinado um memorando de entendimento para a cooperação e o intercâmbio no domínio judicial entre a China, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Zhou lembrou ainda que a iniciativa da ‘Uma Faixa, Uma Rota’, proposta em 2013 pelo Governo Central, “é um espaço de oportunidades para que ambos os lados consigam fortalecer o intercâmbio e a cooperação, a confiança e o entendimento mútuo”. Sob o tema “a governança do ciberespaço”, o fórum acontece numa altura em que a China tem como objectivo fortalecer as ligações entre Ásia, Europa e África. ■





# MACAU 2017 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD  
+  
SELO  
“MACAU VOLTA ÀS RAÍZES COMUNS”

Seja bem-vindo à consulta  
do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos,  
através da seguinte página electrónica,  
ou descarregando as aplicações:

**Página electrónica:**  
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

**Aplicações:**

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **Macau 2017 – Livro do Ano** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau. Este ano, o **Livro do Ano** inclui ainda o selo filatélico “Macau: Volta às Raízes Comuns”, como prova do apoio do Gabinete de Comunicação Social às indústrias culturais e criativas de Macau. Diversas fotografias e vídeos podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes. O livro é publicado em chinês, português e inglês.



### **DIPLOMATA PORTUGUÊS DEFENDE PORTO DE SINES NA NOVA ROTA DA SEDA**

O embaixador de Portugal em Pequim, José Augusto Duarte, que esteve em Macau no final de Abril, disse que Portugal tem interesse em incluir o Porto de Sines na mega-iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”. “Portugal tem um interesse inequívoco em ficar conectado, com esta iniciativa, do ponto de vista económico”, afirmou o embaixador na residência oficial do cônsul-geral de Portugal em Macau e Hong Kong. Para o diplomata, o projecto pode ser um impulso para a economia portuguesa, na medida em que o país beneficia de “uma posição estratégica única na Europa”. José Augusto Duarte, que tomou posse como embaixador em Janeiro, esteve em Macau pela primeira vez para conhecer “os principais interlocutores” da região.

### **RAEM E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE ASSINAM ACORDO NA ÁREA DO TURISMO**

Macau e São Tomé e Príncipe assinaram em Abril um memorando de entendimento de cooperação na área do turismo, com vista ao intercâmbio de experiências em matéria de sistemas de planeamento, gestão e certificação da actividade. O documento estabelece o desenvolvimento de parcerias entre as operadoras turísticas, a partilha de “informações sobre a evolução dos mercados turísticos” e “a formação e o desenvolvimento das competências de quadros técnicos” para a actividade turística. Na sequência deste acordo, a Direcção dos Serviços de Turismo planeia organizar três sessões de estágios por ano, com a duração de duas semanas cada, envolvendo funcionários governamentais do turismo de São Tomé e Príncipe. Macau já assinou memorandos de entendimento de cooperação em matéria de turismo com seis países de língua portuguesa: Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor-Leste, Angola e Portugal.



### **CHINA É O MAIOR FINANCIADOR E CONSTRUTOR DE INFRA-ESTRUTURAS EM MOÇAMBIQUE**

A China é o maior financiador e responsável pela construção de infra-estruturas em Moçambique, disse o embaixador chinês naquele país africano. Em declarações Su Jian deu como exemplo a ponte Maputo-Catembe, a estrada circular de Maputo, a Estrada Nacional 6 e o porto de pesca da cidade da Beira. O diplomata sublinhou ainda a existência de outros projectos que integram uma lista compilada pelo governo de Moçambique com 13 áreas qualificadas como prioritárias. Su Jian salientou que Moçambique, que tem 2600 quilómetros de costa e muitos portos, pode funcionar como plataforma entre o Oceano Índico e países do interior do continente africano sem acesso directo ao mar, e desempenhar um papel na expansão da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.





### FINANCIAMENTO CHINÊS NA CONSTRUÇÃO DE CENTRO PROFISSIONAL NO HUAMBO

A China vai financiar a construção de um centro de formação profissional na província do Huambo, em Angola, com vista a determinadas especialidades, como a criação de sementes, processamento de produtos agrícolas e gestão de recursos humanos. O anúncio foi feito pelo embaixador chinês naquele país africano, Cui Aimin, durante uma visita ao Huambo, que serviu para, entre outros objectivos, conhecer melhor a realidade da província e as potencialidades nos sectores agrícola e industrial. O diplomata garantiu o apoio de Pequim na concepção e construção de agro-negócios modernos bem como na formação dos agricultores. Cui Aimin deixou ainda um apelo aos empresários chineses para que invistam no Huambo. Ao governo local pediu a criação de condições mais favoráveis de negócios para os estrangeiros que estejam interessados.



### SYNGENTA QUER AUMENTAR PARTICIPAÇÃO NO MERCADO BRASILEIRO

De acordo com o jornal brasileiro *Valor Económico*, um ano depois da conclusão da compra multinacional agro-química Syngenta pela gigante chinesa ChemChina, os investimentos desta empresa suíça aumentaram e a busca por incrementar a participação de mercado no Brasil continua. “O Brasil é a nossa grande prioridade. Com a aquisição da Nidera, fortalecemos a nossa posição no terceiro lugar”, disse o presidente global da Syngenta, Erik Fyrwald, referindo-se ao *ranking* global no mercado das sementes. No final de 2017, a Syngenta comprou

a Nidera Seeds, braço da chinesa Cofco International. O responsável observa um aumento das exportações brasileiras para a China e acredita que a empresa pode ter um papel nesse processo. “Vejo-nos como uma óptima ponte entre o Brasil e a China. O nosso trabalho é trazer a melhor tecnologia para os agricultores brasileiros e tratar com as autoridades brasileiras para que essas tecnologias passem por processos regulatórios e garantir que essas tecnologias também sejam aprovadas na China e, aí, a ponte poderá ser aberta”, salientou.

### ANGOLA TEM NOVO EMBAIXADOR EM PEQUIM

O novo embaixador de Angola na República Popular da China, João Salvador Neto dos Santos, apresentou, em meados de Abril, as credenciais ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do País. Durante o encontro, Neto dos Santos e o director-adjunto do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, Fan Yong, sublinharam a determinação em consolidar e aprofundar a cooperação, no âmbito do acordo de parceria estratégica entre Angola e a China. João Salvador dos Santos Neto foi nomeado em Fevereiro para o cargo pelo presidente angolano, João Lourenço. Licenciado em Direito e Relações Políticas Internacionais, veio substituir João Garcia Bires, que esteve em Pequim desde Dezembro de 2011.





### DELEGAÇÃO EM CABO VERDE AVALIA IMPACTO DO FÓRUM MACAU

Uma delegação chinesa esteve três dias em Cabo Verde para realizar uma avaliação dos 15 anos do Fórum Macau. A delegação, em que seguia o representante de Cabo Verde naquele organismo, Nuno Furtado, reuniu-se com a Agência de Promoção de Investimento de Cabo Verde, Trade Invest. “O objectivo desta missão é fazer a avaliação dos 15 anos do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) e conhecer as perspectivas dos países que o integram sobre o desenvolvimento futuro do fórum”, disse o chefe da missão Yao Zhi Zhong. “Ainda temos um longo caminho a percorrer e é necessário traçar novas estratégias de cooperação”, disse Nuno Furtado. Na opinião da presidente da Cabo Verde Trade Invest, Ana Lima Barber, deve perceber-se como melhorar a relação económica e comercial com a China. “Há várias áreas dentro deste vector China-Países de Língua Oficial Portuguesa nas quais é importante incrementar esta relação”, disse, sublinhando a necessidade do Fórum estar mais presente e de ser mais conhecido pelos empresários e instituições dos países. Na agenda, estiveram também encontros com organizações nas ilhas de Santiago e São Vicente, nomeadamente câmaras de comércio e associações de jovens empresários.

### PRODUTOS ALIMENTARES DOS PLP ATRAEM COMPRADORES EM HUIZHOU E DONGGUAN

Duas centenas de compradores participaram em duas acções de promoção de produtos alimentares de países de língua portuguesa nos municípios de Huizhou e de Dongguan, na província de Guangdong, informou o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). As duas acções, organizadas pelo IPIM e com coordenação da Câmara de Comércio da China para a Importação e Exportação de Alimentos e Produtos Nativos, contaram com a presença de 21 empresas fornecedoras de produtos alimentares dos PLP. Em exposição estiveram produtos como café, vinho, água mineral, petiscos, sal, sumo de frutas, bebidas, leite, óleo vegetal, entre outros. “Através da degustação e promoção de produtos *in loco*, os compradores obtiveram uma compreensão mais profunda sobre os produtos dos países lusófonos”, referiu o IPIM num comunicado.



### EMPRESAS DA RPC INVESTEM NA PRODUÇÃO DE ENERGIA SOLAR NO BRASIL

A Sepco1 Construções do Brasil, subsidiária do grupo PowerChina, vai construir nos próximos anos centrais de energia solar no Estado brasileiro do Mato Grosso. Segundo um acordo da empresa com o governo daquele Estado, a primeira central vai implicar um investimento de 307 milhões de dólares norte-americanos. A notícia, divulgada no CLBrief, refere que a empresa já está a construir uma linha de transmissão de energia eléctrica no Norte da região. Pedro Taques, governador do Mato Grosso, revelou durante a assinatura do acordo que diferentes empresas chinesas querem investir nos próximos cinco anos à volta de 5000 milhões de reais (cerca de 1,5 mil milhões de dólares norte-americanos) em projectos de produção de energia eléctrica a partir da biomassa e da energia solar.



聖若瑟  
修院  
藏珍館

TESOURO DE  
ARTE SACRA DO  
SEMINÁRIO DE  
S. JOSÉ

TREASURE OF SACRED ART  
OF  
ST. JOSEPH'S SEMINARY



Igreja de S. José, Rua do Seminário  
10h00 às 17h00, encerra às quartas-feiras  
Aberto aos feriados Entrada gratuita

[www.icm.gov.mo](http://www.icm.gov.mo)



# Hainão na rota do comércio livre internacional

A província de Hainão terá o maior porto do mundo em termos de dimensão e com o estatuto de zona de comércio livre internacional, plano anunciado pelo Presidente Xi Jinping, a ilha vai ganhar novo desenvolvimento num futuro próximo

**T** SANDRA LOBO PIMENTEL

**HÁ 30** anos, a Assembleia Nacional Popular aprovou uma resolução que estabelecia a região de Hainão como Zona Económica Especial. Três décadas depois da fundação da província, na capital Haikou, o presidente Xi Jinping anunciou que a região se vai tornar um exemplo da imagem da nação e revelou o plano piloto para tornar a ilha numa zona de livre comércio internacional.

A República Popular da China espera que investidores de todo o mundo apostem em Hainão e participem ativamente na construção de um porto de livre comércio e partilhem as oportunidades do desenvolvimento e reformas do país.

O Presidente Xi, que participou no Fórum Económico Boao em Abril, sublinhou no seu discurso que o porto de Hainão deve superar as actuais condições da República Popular da China, reflectindo o desenvolvimento da ilha e buscando exemplos de gestão de portos internacionais.

Hainão deve tornar-se uma zona ecológica de vanguarda e ainda um centro de turismo internacional, oferecer serviços e apoiar as grandes estratégias nacionais, elencou o presidente.

O plano para revitalizar o desenvolvimento da província passa por sectores específicos, como as tecnologias de informação, agricultura, pesquisa e inovação científicas, e ainda turismo, economia marítima, ecologia e educação.

No caso do turismo, a expectativa é que Hainão pos-

sa estabelecer mais rotas aéreas internacionais e implementar uma política de comércio livre de impostos mais aberta e conveniente.

### Vistos alargados e mais acessos

O plano do Governo prevê mais facilidades de entrada de turistas na ilha. A província vai autorizar estadias turísticas até um mês sem necessidade de visto para cidadãos oriundos de 59 países. Até agora, Hainão dava isenção de visto para estadias de entre 15 e 21 dias, a turistas oriundos de 26 países, mas apenas para viagens em grupo. Entre os países que beneficiam desta nova política constam o Brasil e Portugal, os únicos contemplados do universo lusófono.

Actualmente, Hainão recebe cerca de um milhão de turistas estrangeiros por ano, número que poderá aumentar para o dobro até 2020, fruto das medidas anunciadas pelo Governo.

O acesso à ilha também vai ser facilitado através de melhorias nos transportes e dando nova utilidade aos que já existem. É o caso da ferrovia de alta velocidade que liga quase todas as cidades e pontos turísticos importantes na ilha. Com 653 quilómetros, é a primeira de alta velocidade do mundo que rodeia uma ilha e foi inaugurada em 30 de Dezembro de 2015.

Outra das apostas é o aumento no número de ligações aéreas. A Hainan Airlines, a maior companhia aérea privada do país, tem voos directos entre a China e o México, tornando-se a primeira operadora com ligação aérea directa entre o país e a América Latina. O voo com destino à Cidade do México, faz escala em Tijuana, e tem uma frequência de três vezes por semana. O voo é operado num Boeing 787 Dreamliner.

Em 2008, a Hainan Airlines lançou o primeiro voo directo com os Estados Unidos, entre Pequim e Seattle e é a companhia que oferece mais ligações directas para aquele país. São 12 rotas de Los Angeles, Las Vegas, Seattle, San Jose, Chicago, Boston e Nova Iorque para Pequim, Xangai, Chengdu, Chongqing, Changsha e outros destinos na República Popular da China.

### Porto sem igual no mundo e aposta na ecologia

Até há poucas décadas, Hainão vivia da pesca e da agricultura, mas nos últimos anos converteu-se num dos principais destinos turísticos do país.

Quando o porto comercial ganhar forma, a ilha vai tornar-se o maior destino portuário de comércio livre do mundo em termos de dimensão. Hainão tem mais de 1800 quilómetros de linha de costa e 35.400 quilómetros quadrados de superfície, quase 50 vezes a dimensão de Singapura e quase nove vezes o tamanho do Dubai.

A ilha de Hainão deverá vir a desenvolver outros portos e infra-estruturas marítimas, que vão permitir que mais navios de cruzeiro operem no destino, bem como cargueiros e petroleiros que podem servir todo o Sudeste Asiático, mas também a Europa e o continente africano.



O país espera atrair ramos de negócio de todo o mundo que queiram investir em Hainão. Com o plano que aposta em alguns sectores e indústrias-chave, a competitividade sai reforçada, em especial, relativamente à vizinha ilha de Taiwan, mas também às regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong e até Singapura.

Com o plano de desenvolvimento apresentado pelo Presidente Xi Jinping, uma das prioridades é o desenvolvimento e a protecção do equilíbrio ambiental. Em toda a ilha, as autoridades têm dado prevalência ao desenvolvimento de indústrias amigas do ambiente, como o turismo, a agricultura e o ramo da saúde. Um dos exemplos é o parque de *software* de Chengmai, que já atraiu mais de 2500 empresas, incluindo alguns gigantes como a Tencent, a Baidu ou a Huawei.

Há ainda a meta de chegar a 2030 com o parque automóvel totalmente renovado com veículos que utilizem energias verdes de forma a cortar as emissões de gases. A província tem mais de um milhão de veículos, mas só este ano planeia construir 10 mil postos de abastecimento de energias amigas do ambiente e colocar no mercado 5600 veículos ecológicos.

Está em vigor também uma política de protecção da zona costeira. Desde 2013, o departamento de protecção ambiental do governo provincial publicou vários regulamentos, incluindo um que determina uma zona protegida ao longo de toda a costa da ilha, numa área que ultrapassa os 19.800 quilómetros quadrados.

As mudanças esperadas na província num futuro próximo também levaram o governo local a adoptar medidas proteccionistas de forma a evitar a especulação, em especial, no mercado imobiliário. O executivo avançou com uma política de quotas, com efeitos imediatos, que restringe a compra de imóveis na ilha. As novas regras obrigam a que os compradores interessados que não sejam residentes apresentem os registos de pagamento de impostos na província nos 60 meses anteriores à intenção de compra ou, pelo menos, de um membro da família.

É ainda necessário, para os não residentes que peçam empréstimo bancário com o propósito de arrendamento comercial, um mínimo de 70 por cento do pagamento e foi fixado um limite de cinco anos para que os proprietários transfiram os seus bens para Hainão. ■





LÍNGUA **M**

PORTUGUÊS

# Uma língua à solta

**T** DIANA DO MAR **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Os cursos de português nas instituições de ensino superior da China conheceram uma explosão na última década. Embora a um ritmo mais lento, a oferta continua a crescer ano após ano. Actualmente, há 38 universidades onde se ensina a língua de Camões

Handwritten text in a cursive script, possibly a signature or name, written in white ink on a dark, textured background.



Additional handwritten text in a cursive script, partially visible at the bottom of the image.

**LONGE VAI** o tempo em que se contavam pelos dedos das mãos as universidades da China com cursos de português. Actualmente, são 38, espalhadas um pouco por todo o país, com a grande maioria a oferecer licenciatura. Quem o diz é o director do Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa (CPCLP) do Instituto Politéc-

nico de Macau, Carlos André, que tem acompanhado de perto a expansão da língua portuguesa no Interior do País. “Há 10 anos havia apenas seis universidades com licenciatura” em língua portuguesa.

Carlos André tem o vasto mapa da China colado na parede do seu gabinete, agora com 38 alfinetes co-

loridos, tantos quantos os estabelecimentos de ensino superior que o português conseguiu alcançar. A maioria teve oportunidade de visitar desde que chegou a Macau há praticamente cinco anos. “Os dados de que disponho – e que forneci para o *Atlas da Língua Portuguesa* do Instituto Camões – resultam de inquéritos que tenho o hábito de fazer todos os anos. Como os números são rigorosos em relação a mais de três quartos das instituições foi fácil fazer a estimativa das restantes”, explica.

As 38 instituições de ensino superior da China – a mais recente sinalizada em meados de Fevereiro – têm uma oferta com “dimensões variadas”, havendo 26 cursos de licenciatura a funcionar efectivamente – um número que, ressalva, até pode estar a pecar por defeito. Já mestrados serão apenas dois e doutoramentos não existem de todo. De fora das contas ficam os estabelecimentos de ensino superior que têm o português como língua opcional.

Carlos André antecipa um “futuro francamente promissor” relativamente ao panorama de doutores de português na China, falando de uma questão de tempo: “Há vários a estudar em Macau e em Portugal e alguns darão excelentes quadros. Conheço-os, sei onde estudam e posso dizer que dentro de cinco anos teremos um conjunto grande de doutores em português na China”.

### Universo de alunos e professores

Eram por volta de 3500 os estudantes que estavam inscritos no início do actual ano lectivo em cursos de português nas universidades da China, de acordo com as estimativas de Carlos André, que nota a “considerável” diferença entre os que entram e os que saem: “Anualmente, entram no sistema 800 e não saem mais de 500”. Contudo, nem todos os anos abrem matrículas: há instituições de ensino superior que o fazem de dois em dois anos, por exemplo, outras de quatro em quatro, porque “abrir anualmente implicaria um volume de recursos



Carlos André, director do Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa

humanos, em concreto de docentes, muito complicado”.

Já os professores rondavam os 170, dos quais dois terços eram chineses no arranque do ano lectivo. Os restantes eram portugueses ou brasileiros, desconhecendo-se a existência de docentes oriundos de África.

O pioneirismo do ensino de português na China coube ao Instituto de Radiodifusão de Pequim (actual Universidade de Comunicação da China), que foi o primeiro a abrir uma licenciatura em Português em 1960, no mesmo ano em que o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim (ILEP, actual Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim) criou um curso de especialização. Esta fase constitui a primeira de quatro que Liu Gang, radicado em Macau há mais de uma década, identifica na sua tese de doutoramento, de 2017, sobre as estratégias utilizadas por aprendentes de Português Língua Estrangeira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa. Esses primeiros cursos correm até 1966.

Já a terceira fase, que Liu Gang designa de “dois pólos”, inicia-se em 1973. Nesse ano, o ILEP reabre o seu curso de português e, em 1977 com o exame nacional de acesso ao ensino superior a voltar a ser regularizado, regressa à normalidade, admitindo alunos do ensino secundário. Desse mesmo ano data outro marco: a abertura do terceiro curso de licenciatura em português no Instituto de Línguas Estrangeiras de Xangai (antecessor da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai), de acordo com Liu Gang, que leccionou na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, no Instituto Português do Oriente e no Instituto Politécnico de Macau. Durante esse período – o mais longo – que se estende até 2000, identifica ainda “algumas medidas importantes” no plano da promoção do ensino do Português Língua Estrangeira”, decorrentes da política de reforma e abertura ao exterior da China.

Já a quarta fase – de 2000 até ao presente – corresponde à generalização. A reabertura do curso de Português



na Universidade de Comunicação da China, 35 anos depois de ter sido interrompido, constitui um ponto de viragem, com o ensino de Português Língua Estrangeira a iniciar o “período de crescimento exponencial”. De acordo com os dados de Liu Gang, em 2005, mais três instituições abriram cursos e desde 2007, ano em que surgiram os primeiros mestrados, “têm aparecido, todos os anos, dois ou três cursos no mapa”.

Voltando precisamente ao mapa, Carlos André observa que as universidades que ensinam língua portuguesa se encontram distribuídas essencialmente pela costa do país, onde oito de nove instituições de ensino superior com oferta em português têm cursos de licenciatura. De fora do mapa da língua portuguesa na China figuram, por exemplo, a província esparsamente povoada de Qinghai ou o Tibete. O mesmo sucede com Xinjiang, embora

até tenha havido vontade. “Eu quis levar o português para lá, mas não consegui convencê-los, porque têm uma aposta muito grande no francês”, relata o director do CPCLP.

Outro universo paralelo é o do ensino (formal ou informal) através da Internet, com Carlos André a puxar mais de um caso que conhece de perto: “Tenho uma amiga mestranda na Universidade de Xangai que ensina português ‘online’ e conta com mais de mil alunos inscritos. Se eu conheço uma pessoa, imagine quantas não haverá...”

### Perfil motivacional

Graça Fernandes, que ensina Português Língua Estrangeira desde 1995 em Macau, tentou delinear o perfil motivacional dos universitários chineses que escolheram o português como futuro instrumento de trabalho, investigando, por exemplo, o impacto

que têm as suas representações prévias da língua, da cultura e dos falantes. Para o efeito, realizou um questionário com uma amostra de 357 alunos distribuídos por 16 instituições de ensino superior da China, incluindo três de Macau (Universidade de Macau, Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau e Instituto Politécnico de Macau). Os resultados estiveram na base da tese de doutoramento, apresentada na Universidade de Lisboa no ano passado, que teve como primeiro objectivo esclarecer “certos fenómenos” que foi presenciando ao longo de anos de prática.

“Este estudo visou oferecer uma visão holística da motivação. Qualquer professor percebe que há uma motivação diferente para cada um. Para centrar o processo de ensino/aprendizagem no aluno como ser individual é muito importante perceber o fenómeno de uma forma mais geral”, explicou a docente do IPM, que atestou, ao longo do processo, que os “diversos factores da motivação acabam por se interligar de forma sistémica”.

Começando pelas representações, “um dos principais factores a influírem na motivação para a aprendizagem do português, uma vez que existem, muitas vezes, antes mesmo de esse processo se iniciar”, Graça Fernandes observa desde logo que a grande maioria dos alunos da China não teve um contacto prévio com a língua e cultura portuguesa, ao contrário dos de Macau, pelo que optou por separar os dois grupos.

Um dado “curioso” é que o facto de os alunos de Macau terem tido um contacto prévio (activo ou passivo) com a língua, com a cultura e com os falantes nativos “não se converteu num factor de motivação acrescido”, tendo, aliás, gerado de, “forma inequívoca, um sentimento de ansiedade nas aulas”, comparativamente aos colegas do Interior do País, constata a docente. “Há uma forte identificação e consideram a cultura portuguesa um pouco como sua, porque é uma marca distintiva comparativamente à da China – o que é interessante –, mas o facto de ter havido uma aproximação ao

falante nativo, que eventualmente não foi positiva, dá a ideia de que acabou por tornar mais visíveis as diferenças existentes em termos culturais”, explica Graça Fernandes.

Não obstante, “qualquer aluno de Macau tem um parente, um amigo ou um conhecido e pode ver quais são as vantagens que pode retirar da aprendizagem da língua”, enquanto os estudantes da China têm de fazer um maior esforço de abstracção. “A imagem mental muito viva daquilo que pretendem ser/fazer com a língua estrangeira é que acaba por gerar uma força motivacional”, pelo que “o professor, na sala de aula, precisa de fazer com que saibam exactamente quais são os objectivos a curto, médio e longo prazo” sob pena de perderem o interesse.

O contexto de origem também interfere no género e grau de motivação. A docente contrastou o contexto formal de aprendizagem, opondo instituições mais antigas e tradicionais às mais jovens, para perceber o nível de motivação gerado junto dos estudantes. “A antiguidade do curso parece apontar para a possibilidade de existir uma experiência adquirida, relativamente aos aspectos formais da aprendizagem, que se reverte numa motivação acrescida para os alunos” que, por outro lado, também encontram uma “força motivadora de relevo” perante jovens docentes bilingues que leccionam em instituições com cursos mais recentes, pois acabam por ver neles “o reflexo” daquilo em que podem vir a tornar-se um dia.”

Graça Fernandes também quis perceber se um programa de mobilidade – de seis meses a um ano – em Portugal, influencia a motivação. “É muito favorável, mas o aluno também se apercebe, se criou uma imagem mental dos objectivos, que o que falta aprender é muito mais”, ou seja, que “há um fosso” que o “pode afectar positiva ou negativamente”. Assim, o aluno “pode redobrar o esforço ou achar que a diferença é tão grande que não vai chegar lá, e retirar o seu empenho”, explica a docente, embora frisando que a imersão linguística é “francamente positiva” porque “acelera muito a aprendizagem”, uma

vez que “o aluno está em contextos reais de comunicação”.

Isto ainda que, por vezes, haja “um desfazimento da realidade”, derivado nomeadamente da “visão estereotipada” dada aos alunos. “Muitas vezes os manuais transmitem a ideia do panfleto turístico, em que tudo é muito bonito, com diálogos quase perfeitos, mas os nossos diálogos do quotidiano estão cheios de desentendimentos, repletos de referências culturais implícitas” que, para os não nativos, “é preciso descodificar”, salienta Graça Fernandes, defendendo que os materiais didácticos, assim como as aulas, devem estar “mais genuíneos com uma realidade mais genuína e menos artificialmente construída”.

“De uma forma geral, a motivação é muito instrumental, do benefício prático que podem retirar, mas também tenho denotado que o perfil motivacional se foi alterando. Há 20 anos, o aluno da China sabia que o português seria seguramente um instrumento de trabalho no seu dia-a-dia, mas hoje em dia afigura-se, muitas vezes, como um meio para chegar a um determinado fim”, diz Graça Fernandes. Actualmente, “acaba por ter uma motivação muito ligada a uma competência intercultural”, dado que “quer ser cidadão do mundo e o português pode permitir-lhe viajar e trabalhar noutros países, não necessariamente num de expressão portuguesa” e também servir como “ponte para poder chegar a outras áreas do conhecimento”, como o Direito, a Economia ou Gestão. Já o aluno de Macau, reconhecendo “as grandes vantagens” em dominar o português, continua ainda muito ligado à ideia de um emprego na Administração Pública”.

### Bases para um referencial

Já Maria José Grosso tem, neste momento, em mãos as “bases” para um *Referencial de Português como Língua Estrangeira para Falantes de Língua Materna Chinesa*, “um instrumento de planeamento linguístico” e de “reflexão para a actuação pedagógica” que tem por objectivo último definir recomendações específicas para a elabo-



**Maria José Grosso, docente da Universidade de Macau**

ração de actividades, tarefas ou materiais didácticos adequados a este tipo de aprendentes. “Sempre tive vontade de fazer um quadro de referência para Macau. A ideia era termos público adulto, pelo que, juntamos informantes de 15 instituições de ensino superior de Macau e da China e também incluímos o Instituto Português do Oriente (IPOR), porque desempenha um papel importante”, explica.

O projecto ganhou forma em 2013 com uma equipa que se modificou durante os anos. Actualmente colaboram duas colegas: Jing Zhang e Ana Paula Cleto. Após o envio de questionários, procedeu-se à análise, cruzamento de dados e conclusões relativamente a pouco mais de 1500 alunos, mas o projecto não vai agrupar a dupla de componentes que Maria José Grosso gostaria e que, a seu ver, “não fazem sentido uma sem a outra”. “O documento orientador está praticamente pronto, mas o segundo relativo às tarefas, esse, deve ficar

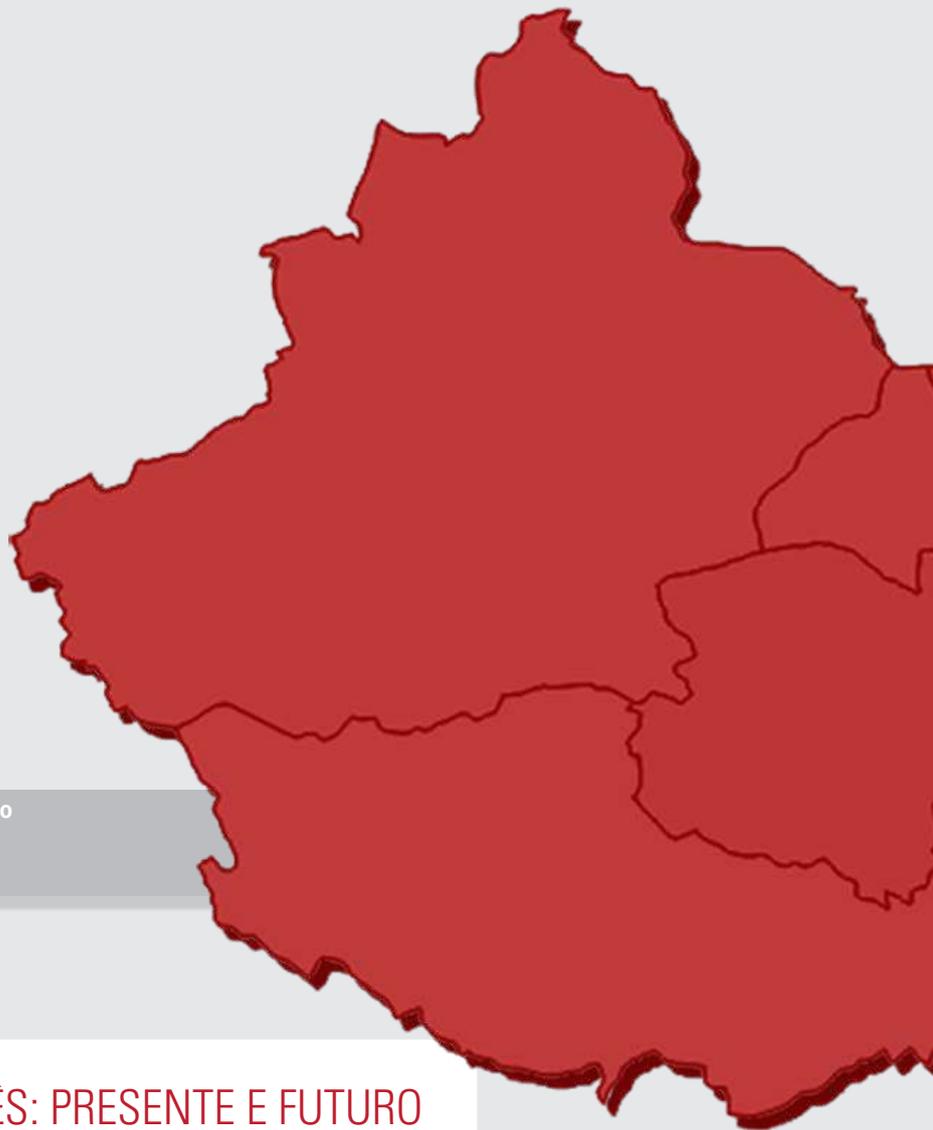
para mais tarde”, principalmente devido à falta de recursos humanos para tratar os dados, lamenta a docente da Universidade de Macau, co-autora de diferentes referenciais, incluindo o QUAREPE (Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro), um modelo que ainda hoje é utilizado e que se inspira no Quadro Europeu Comum de Referência.

Maria José Grosso introduziu-lhe mexidas, por exemplo, com o nível A0 (o Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro inicia-se no A1). “Eu sei dizer umas palavras em chinês logo não seria A1, mas A1 menos (no início da aprendizagem). Esse inquérito foi, por isso, mais ou menos mudado, mas já foi aplicado noutros trabalhos.” Do universo analisado, mais de um terço dos inquiridos está nesse nível, explica a docente, mostrando os dados. Por outro lado, ninguém ultrapassa o B2 na produção escrita (a única avaliada), ou seja, não há ninguém na amostra com nível C (1 ou

2). Um cenário desafiador tendo em conta as crescentes exigências. “A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por exemplo, pedia o B2 para a entrada no Mestrado e agora pede o C1”, realça.

Segundo os dados, os entrevistados, que têm na sua maioria entre 17 e 25 anos e são do sexo feminino, foram inquiridos nomeadamente sobre o que consideram mais importante na aprendizagem do português, sobre as matérias indispensáveis de estudo ou sobre os domínios que tinham e têm mais dificuldades. Também se conhecem pessoas de países de língua portuguesa e se “necessitam” de aprender português ou se utilizam a língua de Camões fora das aulas, por exemplo. Já relativamente à razão pela qual aprendem português sensivelmente seis em cada dez responderam que “saber mais uma língua é útil”. “Achamos que é por fins profissionais, mas não é isso que eles escrevem”, observa Maria José Grosso. ■

# MAPA DO PORTUGUÊS NA CHINA



Fonte: Dados facultados pelo director do Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa (CPCLP) do Instituto Politécnico de Macau

## FALANTES DE PORTUGUÊS: PRESENTE E FUTURO

NÚMERO DE FALANTES EM 2015

**263 MILHÕES**

NÚMERO ESTIMADO PARA 2015

**390 MILHÕES**

NÚMERO ESTIMADO PARA 2100

**490 MILHÕES**

Fonte: Novo Atlas da Língua Portuguesa, 2016, ISCTE-IUL/ Instituto Camões



PORTUGUÊS

# Uma verdadeira porta de entrada

 LUCAS CALIXTO

Não são apenas os chineses que têm apostado na aprendizagem da língua portuguesa em Macau. Há também outros estrangeiros que por aqui passam que, graças ao contacto com a cultura portuguesa, descobrem uma nova língua a explorar

**Roberval Teixeira e Silva fala no fácil contacto dos alunos com as culturas em língua portuguesa em Macau**

**ALÉM DA** crescente oferta de língua portuguesa ao nível do ensino superior, há ainda muitos cursos não conferentes de grau disponíveis em Macau para quem quer aprender português. A edição do ano passado do Curso de Verão de Língua Portuguesa da Universidade de Macau (UM), por exemplo, reuniu mais de 450 estudantes de todo o mundo, incluindo alunos oriundos da Coreia do Sul, do Japão, dos Estados Unidos e até da Moldávia.

O contacto com a língua portuguesa em Macau para os alunos estrangeiros vai além da sala de aula, pois há possibilidades de interacção, de conhecimento e de descobertas sobre a cultura portuguesa e a cultura macaense. E esses são benefícios de grande valor para os estudantes,

conforme sustenta Roberval Teixeira e Silva, docente do Departamento de Português da UM. “O que esses alunos asiáticos encontram em Macau é uma possibilidade de interagir e experimentar culturas em língua portuguesa, especialmente, a cultura portuguesa e macaense”, aponta.

O académico diz ainda que, “na realidade, os alunos têm a possibilidade de interagir com pessoas de todos os países e regiões de língua portuguesa”, o que acrescenta ainda mais à experiência de quem escolhe Macau como destino de estudo.

Os cursos de curta duração, como é o caso daquele que acontece todos os Verões na UM, acabam por criar oportunidades para que mais alunos possam visitar Macau e



**Gabriel Naomichi, de 21 anos, é japonês está em Macau para reforçar os seus conhecimentos na língua portuguesa**

estudar a língua durante um mês ou mais. Alunos de diversas nacionalidades têm marcada presença, o que demonstra o posicionamento de Macau como centro do ensino do português na Ásia. “Há muito interesse por parte de estudantes de outros países asiáticos. Costumamos receber coreanos, japoneses, vietnamitas, timorenses ou indianos, por exemplo”, indica Roberval Teixeira e Silva.

O professor aponta ainda que também há alunos japoneses que, através de bolsas dadas no seu país de origem, passam um ou dois semestres em Macau a frequentar cursos regulares de licenciatura. Este é o caso de Gabriel Naomichi, de 21 anos, que conta que escolheu estudar português em Macau para regressar ao seu país com

uma maior bagagem cultural e depois prosseguir com uma licenciatura em língua portuguesa.

O facto de ter toda uma estrutura em língua portuguesa foi essencial para a escolha de Gabriel por Macau. “Na minha universidade no Japão eu tinha apenas uma aula de português por semana, mas aqui posso ter 10 se eu quiser.” Um dos pontos positivos de fazer parte dos estudos na RAEM é também poder praticar a língua estudada com vários lusófonos pela cidade. “Posso falar português com muitas pessoas em Macau, o que faz com que eu tenha muito contacto com a língua.”

Antes de Macau, Gabriel passou uma curta temporada (três semanas) em Portugal, o que o ajudou a confirmar

a sua escolha pelo português como língua de trabalho. “A maioria dos japoneses não sabe falar português, mas eu sei, por isso sinto-me diferente dos outros japoneses”, acrescentando que a sua meta é candidatar-se a empregos na área diplomática.

Natália Jisook-Jung, sul-coreana de 20 anos, veio a Macau frequentar o Curso de Verão da UM, e estava no primeiro ano da licenciatura de língua estrangeiras no país natal. A experiência em Macau correu tão bem, que Natália desistiu da sua universidade na Coreia para levar a aprendizagem do português mais a sério na RAEM. Inscreveu-se na licenciatura de Estudos Portugueses e tem como grande objectivo trabalhar como tradutora ou hospedeira de bordo quando regressar a Seul.

Apesar de haver três universidades sul-coreanas a ofere-

cerem a cátedra em língua portuguesa, Natália sentiu que em Macau teria um contacto mais intenso com a língua. “Como há muitos lusófonos aqui, tenho muitas oportunidades para praticar o português, coisa que não acontecia na Coreia. Por isso esta foi uma decisão muito acertada”, diz.

### Até para nativos

Miriam Akiyama nasceu no Brasil, neta de japoneses que emigraram para o país sul-americano nos anos de 1940. Cresceu numa pequena comunidade japonesa no interior do Estado de São Paulo e as primeiras palavras que lhe saíram da boca foram em japonês. Tornou-se bilingue dado o contacto intenso tanto com a comunidade japonesa como a brasileira, e com muito apoio da família. “Os meus pais sempre se comunicaram comigo em português, mas era ne-



Natália Jisook-Jung decidiu continuar a aprender português em Macau depois de um Curso de Verão na língua de Camões

cessário que eu me expressasse nas duas línguas, dependendo da situação”, conta.

A curiosidade pela língua portuguesa começou só nos tempos em que estava a cursar a licenciatura em línguas estrangeiras inglês-português no Brasil. “Antes, na escola, as aulas de gramática e literatura eram muito maçantes para mim”, diz a rir-se. “Foi só quando eu estava a tirar a minha licenciatura que comecei a me apaixonar pela língua portuguesa. Quanto mais eu estudava inglês, mais eu gostava de português.”

Miriam deixou o Brasil há alguns anos e mudou-se com a família para o Japão. Apesar da distância, a língua portuguesa continuava a fazer parte dos seus planos, por isso passou a cultivar a ideia de inscrever-se num mestrado de linguística, uma disciplina que mudou a forma como olhava para o português. “Em 2014 vim a Macau para participar num

congresso linguístico. Fiz uma apresentação sobre a língua portuguesa no Japão, e fiquei impressionada com os professores que conheci por aqui. Como vivia no Japão e Macau é muito próximo da minha casa, resolvi vir para cá depois deste primeiro contacto”, explicou assim as razões que a fizeram a ser mestranda em linguística portuguesa na Universidade de Macau.

A escolha de Macau nunca surtiu dúvidas. “Gosto muito de Macau, especialmente por ser um local tão singular na Ásia. Um local com culturas orientais e ocidentais e imigrantes de outros países, o que o torna tão único. Para aqueles que estudam e pesquisam os pidgins e crioulos de base portuguesa na Ásia, é um lugar excelente.” Em breve, Miriam tenciona regressar ao Japão e lá ensinar uma das línguas que lhe roubou o coração. ■



Miriam Akiyama nasceu no Brasil mas tem origens japonesas. Agora escolheu Macau para um mestrado em linguística

## PATUÁ

# Uma língua que teima em viver

A sentença é há muito conhecida: com um número de falantes que não chega à centena e há várias gerações arredado do domínio do lar, o patuá é uma língua virtualmente morta. No entanto, “o papiá cristam di Macau” nunca foi tão estudado como agora, nunca teve tanta visibilidade e nunca esteve tão presente no imaginário comum da região. No ano em que o grupo Dóci Papiáçam di Macau completa um quarto de século, a MACAU tenta perceber o que reserva o futuro a uma manifestação que mais do que um mero idioma, é uma marca incontornável da identidade da comunidade macaense. O futuro da língua maquista, dizem os especialistas, pode estar, em grande medida, no mundo virtual

**F** MARCO CARVALHO

**O AUSTRALIANO** Alan Baxter, especialista na investigação do português afro-brasileiro, dos crioulos de Malaca e de São Tomé e Príncipe e com vasta obra feita no estudo e na divulgação do patuá, regressou a Macau há pouco mais de um ano e meio para dirigir a Faculdade de Humanidades da Universidade de São José (USJ), depois de ter estado à frente do Departamento de Português da Universidade de Macau entre 2007 e 2011.

Autor, em parceria com Miguel de Senna Fernandes, de *Maquista Chapado, Vocabulário e Expressões do Crioulo Português de Macau*, Baxter não esconde um certo afecto pelo patuá de Macau que suplementa em muito o interesse científico. Uma das primeiras medidas que tomou depois de ter assumido a direcção da Faculdade de Humanidades da USJ foi a de avançar para a criação de um curso de formação contínua em patuá. A iniciativa provou, no entender do docente, que o “maquista” não está de todo arredado da lembrança e dos interesses de quem

tem Macau como casa. “Houve muito interesse por parte da própria comunidade macaense. Acho que grande parte dos alunos que integrava a turma era oriunda da própria comunidade. Eram pessoas que tinham algum conhecimento do patuá e que têm um interesse genuíno na língua”, sustenta Alan Baxter. “Elaborámos, a partir de desenhos animados, diálogos e descrições de situações em patuá e, na parte final do programa, já estávamos praticamente numa situação em que os estudantes já estavam a falar alguma coisa.”

O interesse de uma comunidade, por mais exígua que seja, é sempre o mais relevante dos factores quando o que está em causa é contrariar a sentença de morte a que certas línguas parecem condenadas. No caso do patuá, o veredicto chegou no dealbar do novo século, com a inclusão do dialecto, por parte da UNESCO, na lista dos idiomas “criticamente ameaçados”. A UNESCO colocava, na viragem do milénio, o número de falantes do patuá na meia centena e o cenário desde então pouca melhoria registou, a julgar pelas opiniões de académicos e especialistas.

TIAGO ALCANTARA



**Alan Baxter, académico da Universidade de São José**

Em Fevereiro, por exemplo, Nala H. Lee, investigadora da Universidade Nacional de Singapura, deu a conhecer as conclusões de um estudo que traça um futuro negro não apenas para o patuá de Macau, mas também para uma série de línguas de contacto que foram perdendo vitalidade de forma acelerada ao longo das últimas décadas. De acordo com Lee, o maquista é um dos idiomas mais ameaçados de uma série de 96 línguas que analisou no âmbito do trabalho de investigação que culminou com a publicação, por parte da Universidade do Hawaii, do livro *Language Documentation and Conservation*.

A académica procurou quantificar o nível de ameaça a que os idiomas que estudou estão sujeitos, tendo por base quatro critérios: a transmissão do dialecto entre diferentes gerações, o número absoluto de falantes, as tendências no que diz respeito ao número de falantes e, por último, os domínios em que o idioma é utilizado. Nala H. Lee concluiu que em três dos quatro critérios de avaliação – a transmissão intergeracional, a tendência do número de



momento em que deixa de ser aprendida como primeira língua por crianças”, explica Baxter.

O linguista australiano reconhece, no entanto, que a realidade nem sempre se compadece com pressupostos teóricos e, no caso do patuá, o estatuto de referente cultural da comunidade macaense de que o idioma goza tem impedido a obsolescência total da língua. “O patuá não vai morrer porque, apesar de não ter falantes nativos e apesar de não ter uma utilidade funcional como língua de comunicação, é uma língua que tem uma carga cultural muito forte e é representada, por exemplo, em teatro”, lembra o académico. “É necessário, no entanto, clarificar que apesar de não ser uma língua factualmente morta, o patuá perdeu por completo o seu espaço como língua funcional para a comunicação do dia-a-dia.”

### O patuá como registo identitário

À ideia de um idioma em morte suspensa, Elisabela Larrea contrapõe a noção de uma língua em fase terminal e de uma comunidade que teima em prolongar-lhe a vida. “A minha mãe costuma dizer que o patuá sofre de cancro. Nós somos os médicos. Sabemos que se trata

de um cancro terminal, mas tentamos prolongar-lhe a vida o mais que nos for possível. Penso que é exactamente isso que estamos a fazer”, sustenta.

Filha de pai basco e de mãe macaense de sétima geração, a investigadora terá sido dos primeiros “filhos da terra” a dotar o interesse pela “dóci papiçam di Macau” de uma envolvente académica. Em 2008 abordou, na tese que lhe valeu o grau de mestre, *O Macaense na Rede Global*, a expressão da identidade cultural macaense no período imediatamente após a transferência de administração de Macau para a China e, de momento, ultima um doutoramento em comunicação intercultural na Universidade de Ma-

cau centrado na relevância do teatro em patuá no processo de construção da identidade macaense.

A exemplo do que sucede com Alan Baxter, também Elisabela Larrea se recusa a alimentar a ilusão de que o patuá pode voltar a ter uso corrente e a ser uma circunstância do quotidiano. Apesar de ainda não ter concluído o projecto de doutoramento, a investigadora propõe como teoria central da sua tese que o patuá, de uma mera manifestação linguística, tornou-se em algo bem mais significativo para a comunidade macaense. “A base central da minha tese é que o patuá deixou de ser uma língua falada no espaço do lar para se tornar numa língua performativa. Com esta designação não me refiro apenas à performance em palco, mas também à natureza representacional do dialecto, que assume assim o estatuto de marca identitária”, assume Elisabela. “Hoje em dia o patuá tem uma função mais lúdica do que qualquer outra coisa, quase como se fosse uma representação que lembra a comunidade da identidade macaense.”

O riso é a grande finalidade das récitas que o grupo Dóci Papiçam di Macau leva ao palco com devoção, mas a relevância das peças escritas por Miguel de Senna Fernandes não se esgota em gargalhadas e aplausos. Quando, há 25 anos, o então jovem advogado assumiu a exigente tarefa de dar continuidade ao legado de José dos Santos Ferreira (mais conhecido por Adé), o conhecimento que detinha da dinâmica da língua era diminuto, mas a noção de que as artes de palco poderiam retardar o ocaso do patuá era já um aspecto central das estratégias de afirmação do dialecto como um aspecto central da identidade macaense. “O palco tornou-se um veículo fundamental para que o patuá tivesse algum suporte e é neste sentido que nós procuramos fazer com que o patuá seja conhecido”, assume o dramaturgo. “O que o Dóci Papiçam tenta fazer ao levar o patuá ao palco é, desde logo, fazer rir. Mas há finalidades colaterais, como demonstrar a capacidade da própria língua se adaptar às novas circunstâncias”, elucida Senna Fernandes.



falantes e os domínios do uso da língua – o patuá alcança o nível máximo de risco.

Para Alan Baxter, este estudo pouco traz de novo, até porque o diagnóstico da vitalidade do patuá está há muito traçado. Em termos estritamente linguísticos, esclarece o director da Faculdade de Humanidades da USJ, o crioulo de Macau é um idioma tecnicamente morto, ao qual manifestações com uma carga cultural estruturante devolvem esporadicamente vida. “É muito difícil definir a morte de uma língua. Nós, os linguistas, definimos a morte de uma língua a partir do momento em que não tem mais falantes, digamos, nativos. Ou seja, a partir do



Elisabela Larrea está a fazer uma tese de doutoramento sobre o teatro em patuá

Caracterizadas por uma forte componente de crítica social, as peças que o grupo leva ano após ano ao palco do Centro Cultural de Macau contradizem a própria imagem de que o “papiá cristã di Macau” ainda goza em alguns círculos, onde é considerado uma língua de ‘nhonhas’ e ‘chuchumecas’, falada em surdina em faustosos chás gordos por gente enredada em sedas e brocados. Acutilantes e actuais, os temas desenvolvidos por Miguel de Senna Fernandes são um retrato da Macau contemporânea, num exercício que exige a adaptação progressiva do dialecto a hábitos e circunstâncias modernas. “Procuramos retratar, num sentido actual e corriqueiro, o dia-a-dia e procuramos imaginar como é que o patuá poderá ser utilizado precisamente para retratar o quotidiano que nos é comum”, explica o grande impulsionador da reabilitação do teatro em patuá. “Se os contextos que existiam antigamente já não existem agora, pois bem, vamos arranjar forma de adaptar o dialecto aos contextos actuais. E como é que se pode proceder a esta adaptação sem violentar a natureza da língua ou o tal processo de formação linguística? Passa, precisamente, por demonstrar a

versatilidade do patuá para os contextos actuais”, assume o advogado.

De um ponto de vista estritamente linguístico, defende Alan Baxter, a incorporação de lexemas não é rara nem inapropriada, embora os crioulos se diferenciem por processos muito próprios de valorização semiótica. “O patuá e o kristang de Malaca, por exemplo, têm mais ou menos o mesmo número de lexemas: provavelmente entre 2000 e 3000 palavras. Isto não quer dizer que a língua seja pobre. Há muitas línguas que têm um léxico deste tamanho e são línguas com grande vitalidade, que continuam a ser faladas por comunidades reais”, explica o director da Faculdade da Humanidades da USJ. “Como é que se utiliza um léxico deste tamanho para expressar o que precisamos de expressar no dia-a-dia? Na formação de frases, em vez de utilizar uma palavra, descreve-se o referente. A sintaxe ajuda na expressão. Por outro lado, nas línguas com um léxico menos numeroso, é bastante frequente a palavra ter vários significados. A ausência de léxico tecnológico, por exemplo, só será problemática se houver a intenção de fazer uso do patuá no quotidiano. Mas não vejo porque razão é que o patuá – nomeadamente o ‘maquista chapado’, que tem mais influên-

cia do português – não pode lançar mão de algumas palavras e alterar a fonologia do lexema para que funcione bem no crioulo”, assume Baxter.

### Pode uma língua sobreviver sem falantes?

Presidente de duas das mais representativas associações da RAEM – a Associação dos Macaenses (ADM) e a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM) – Miguel de Senna Fernandes defende que o trabalho feito ao longo dos últimos 25 anos pelo grupo Dóci Papiáçam prova que a língua, apesar de antiga, não está necessariamente datada. O advogado está convicto que o patuá pode manter, nos tempos que correm, a versatilidade que lhe é característica. “Quando estou a escrever as récitas e tento descrever situações do quotidiano que nos são familiares, sinto-me como se estivesse a tirar do baú o vestido que era da minha avó e o entregasse à minha filha para ela levar ao baile de finalistas”, ilustra Senna Fernandes. “O desafio está em fazer com que isto seja *cool*.”

Versatilidade e vitalidade não são, no entanto, a mesma coisa. Se as peças que o Dóci Papiáçam leva ao palco provam que o patuá pode sobreviver ao teste do tempo, nem por isso têm a força suficiente para garantir a legitimação do uso da língua. Se em Malaca e Singapura (ver caixa) o número de falantes ainda é suficientemente relevante para que as comunidades euroasiáticas acreditem que o recurso ao dialecto pode ajudar a salvar o kristang, em Macau o desuso do maquista terá já atingido um ponto de não retorno. “Falta-nos um substrato humano mínimo que possa dar apoio à subsistência da língua. No caso do kristang, ainda existem falantes. São poucos, mas ainda existem – umas centenas, pelo menos. O cenário é muito diferente daquele que encontramos em Macau. Na diáspora encontramos ainda alguns falantes do patuá, mas em Macau temos pouca gente”, aponta Miguel de Senna Fernandes. “Se esse substrato humano existisse, existiria também uma certa legitimação do uso

da língua. Se não tivermos isso não há versatilidade que o valha.”

Para as gerações de jovens macaenses, as récitas que o grupo de teatro leva ao palco pauta, o mais das vezes, o primeiro contacto com um idioma que é parte intrínseca da sua própria identidade. “Vi pela primeira vez uma peça em patuá em 2002 e foi a partir daí que percebi o potencial da língua. Quando era pequena, recorde-me de ouvir patuá: uma ou outra expressão, uma ou outra palavra, mas não as identificava como sendo patuá. O teatro, a esse nível, já dá um compromisso significativo, ao amplificar a capacidade de as pessoas tomarem conhecimento e consciência desta realidade”, explica Elisabela Larrea a propósito da sua própria experiência com a língua.

Na récita “Qui di Tacho?”, que o Dóci Papiacám levou recentemente ao palco, participaram, por exemplo, dois jovens de 14 e 15 anos. Ele estreou-se nas artes cómico-trágicas e ela juntou-se pelo terceiro ano consecutivo ao grupo de teatro, depois de ter subido pela primeira vez ao palco aos 12 anos. “O Dóci tem essa dinâmica. O objectivo é mesmo envolver mais pessoas e, precisamente, pessoas mais novas. Pessoas

que se estreiam e que vão procurar dar o seu melhor. Podem não ter grande experiência, mas o que interesse é que se utilize a língua. Isso é que é fundamental”, reconhece Senna Fernandes.

O palco não resgatou o idioma do estado vegetativo em que se encontra, mas o esforço de sustentação que o grupo de teatro tem vindo a desenvolver tem sido responsável por ganhos evidentes. Expressões como ‘sapecá’ (dinheiro), ‘chuchumeco’ (intriguista), ‘buburiça’ (disparate), ‘chacha’ (mulher de idade), ‘fula’ (flor) ou ‘amochâi’ (amorzinho) fixaram-se no português que se fala em Macau e até ultrapassaram as fronteiras das comunidades lusófonas de Macau. “Alguns dos meus amigos chineses mostram-se muito interessados com o trabalho que eu tenho vindo a fazer na área do patuá e já adquiriram algumas expressões. Um bom exemplo é ‘amochâi’. Eles sabem em que circunstâncias é que a palavra pode ser utilizada. Há uma tomada de consciência por parte da população que não se fica apenas pela comunidade”, defende Elisabela Larrea.

A investigadora da Universidade de Macau está ciente de que, sem o subtrato humano de que Miguel de Senna

Fernandes fala, a sobrevivência do patuá enquanto língua viva não é mais do que uma remota miragem, mas não abre mão de um certo idealismo. Nas mãos do grupo de teatro liderado pelo advogado, sustenta Larrea, poderá estar mesmo a chave para a salvaguarda do idioma. “É verdade que os Dóci Papiacám são um grupo de teatro e não são uma escola de línguas, mas estou certa de que o grupo poderia até enveredar por outros projectos e, quem sabe, lançar acções de formação”, realça a doutoranda. “Creio que a organização de acções de formação talvez pudesse ajudar a fortalecer o patuá. Se dependesse de mim, eu arrastava o grupo Dóci Papiacám para a equação porque são vários os membros do grupo que dominam o patuá e que poderiam ensinar o dialecto com naturalidade.”

### Internet: o caminho que importa trilhar

Alan Baxter conta promover, a partir de Setembro, a sequela do curso de formação contínua que lançou em Fevereiro do ano passado. A iniciativa atraiu duas dezenas de pessoas – “a maioria veio da própria comunidade, mas tivemos também portugueses, brasileiros e



até um aluno chinês” – e, no entender do docente, isso demonstra que há interesse, dentro e fora dos limites da comunidade macaense, por uma abordagem mais sistemática ao patuá. A segunda edição do curso não foi lançada mais cedo porque o esforço de sistematização do ensino do maquista só será bem-sucedido e verdadeiramente abrangente quando estiverem reunidas algumas condições. “Vamos lançar uma segunda edição em Setembro. Para essa altura terei mais material disponível também, graças ao trabalho que estamos a fazer em termos de digitalização dos recursos linguísticos. Este material é algo que vai dar um grande contributo em termos de elaboração de materiais didácticos. Em Setembro já devemos ter preparada uma versão piloto dos materiais interactivos que gostaríamos de colocar à disposição de todos na Internet”, prevê Baxter.

Apesar do número de teses, de artigos e de monografias sobre o crioulo de Macau ter disparado nos últimos anos, não foi ainda conduzida uma empreitada de sistematização do maquista do ponto de vista estritamente gramatical. A única gramática do dialecto macaense alguma vez dada ao prelo foi publicada por José dos Santos Ferreira em 1978, recorda Alan Baxter. “Temos um rascunho de uma gramática que o Adé fez e que é bastante bom, mas há muita coisa que não foi descrita. Faz falta um estudo extensivo da gramática e posso dizer que temos um projecto em andamento”, adianta o docente australiano. “A razão pela qual estamos a colocar todo o material que temos disponível em formato digital é precisamente essa. A digitalização dos materiais vai-nos dar a oportunidade de conduzirmos tarefas de mineração de dados, de estruturas e de palavras e, em última instância, de perceber de que forma é que determinadas estruturas são utilizadas.”

A informação recolhida no processo, explica Baxter, vai permitir a elaboração de uma gramática descritiva que vá ao encontro dos princípios definidos pela linguística científica. Se o projecto chegar, como o académico deseja, a bom porto, o patuá ganha o



tipo de sustentáculo que nunca teve. “A gramática pode servir de base para a elaboração de material didáctico, mas não só. As pessoas interessadas poderão utilizá-la para facilitar a elaboração de, por exemplo, novo material escrito: mais contos, peças de teatro ou, quem sabe, até de um romance”, ilustra o investigador.

Para além da tarefa de digitalizar todo o acervo de materiais relacionados com o patuá, a USJ propõe-se investir o crioulo de Macau de uma dimensão institucional no âmbito de um novo programa de mestrado. “Nos novos planos, há uma disciplina dedicada exclusivamente ao patuá. Haverá outras disciplinas que ensinam questões técnicas e metodológicas para o tratamento de material linguístico, mas haverá uma disciplina em específico sobre o patuá. Já escrevi a proposta, que está agora em análise”, aponta Baxter.

O professor propõe-se dinamizar acções de formação de forma mais regular, mas não esconde o desejo de conferir uma outra envolvimento ao curso. “Gostava muito de incorporar a participação de mais pessoas que tenham um domínio mais natural do curso. Não falei com ninguém ainda. É uma ideia que não está totalmente configurada e amadurecida, mas gostaria de ter a participação no curso de pessoas que trabalham nas peças de teatro”, adianta Baxter. “Com a participação de pessoas da comunidade – como ajudantes, assistentes ou mesmo como professores – creio que poderíamos alcançar um reforço importante da língua.”

Os caminhos da rede, adverte Alan Baxter, continuam em grande medida por explorar. Os esforços de tirar pro-

veito das potencialidades da Internet têm partido da dedicação dos inefectíveis do patuá. Em 2012, Miguel de Senna Fernandes lançou um blogue, o “Como Tá Vai?”, com o qual se propunha assegurar uma presença mais visível do falar de Macau no mundo digital. Em 2016, Elisabela Larrea lançou o “Bela Maquista”, projecto no qual publica *flashcards* com expressões em patuá traduzidas para três línguas – português, inglês e mandarim. Os vídeos que o Dóci Papiaçám produz somam milhares de visualizações na Internet. Ainda assim, o potencial da rede está ainda por aproveitar. “A Internet é um recurso muito importante neste sentido. Acredito que devíamos seguir o exemplo de Singapura (ver caixa) e produzir pequenos vídeos para disponibilizar através da Internet a quem tenha alguma curiosidade sobre o patuá”, sugere Elisabela Larrea.

Com uma presença residual na Internet, o patuá poderá ganhar uma morada fixa no mundo digital até ao final do ano, por iniciativa da USJ. O trabalho que a instituição está a conduzir sob a batuta de Alan Baxter deverá materializar-se com o lançamento de um portal electrónico que vai disponibilizar, entre outros aspectos, um léxico o mais detalhado possível e ainda recursos escritos e fonológicos do dialecto.

A nova plataforma vem complementar os recursos e materiais dispersos já existentes no vasto mundo virtual. “A aposta na comunicação pela Internet é uma batalha que ainda não foi trilhada. É isto que temos de fazer”, diz Miguel de Senna Fernandes, sobre o futuro de uma língua em morte suspensa que teima em viver.

## O EXEMPLO DE SINGAPURA

“**HÁ MUITA** coisa que pode ser feita e um bom exemplo é o que se faz em Singapura.” O elogio ao trabalho desenvolvido por Kevin Martens Wong e pela plataforma Kodrah Kristang (literalmente “Acorda, Kristang”) chega pela opinião avisada de Alan Baxter, académico que conhece como poucos o papiá kristang, crioulo luso-malaio que se fala em Malaca e em Singapura e, com menor expressão, também em Kuala Lumpur e em Penang.

“Em Singapura há um jovem universitário, estudante de linguística, que formou um grupo de interesse em torno do kristang, da vertente do crioulo de Malaca que se falava em Singapura e que está na mesma situação que o patuá. Ou seja, quase não tem falantes”, recorda o actual director da Faculdade de Humanidades da Universidade de São José.

“Há alguns jovens que mostraram interesse em revitalizar a língua e que montaram toda uma estrutura para esse efeito. Dão aulas – inclusive para crianças – e elaboraram uma série de materiais didácticos. Há material audiovisual na Internet e até um jogo, muito interessante, em que o jogador para progredir tem de raciocinar em crioulo básico. É uma boa forma de aprender o léxico básico e algumas frases”, admite Baxter.

Outrora uma presença audível em zonas nobres de Singapura como Katong, Joo Chiat ou a Avenida Frankel, a variante de Singapura do kristang entrou em acelerado declínio a partir da década de 1930. O facto de ser considerada pelos próprios falantes como um linguajar imperfeito, a meio termo entre o malaio e o português arcaico, acelerou a sua substituição pelo inglês e precipitou a insolvência do dialecto, ao ponto de Kevin Martens Wong, agora com 26 anos, ter tropeçado quase por acaso na existência da língua. Filho de mãe eurásiana, Wong foi confrontado com a vitalidade perdida do kristang em 2015, quando recolhia in-

formação para um artigo sobre idiomas regionais ameaçados de extinção.

Depois de ter aprendido a língua durante dois meses junto dos poucos falantes nativos que ainda dominam a dinâmica do crioulo, Kevin Martens Wong concebeu um ambicioso projecto que, em última instância, aponta à reabilitação e revitalização do idioma. Há pouco mais de dois anos o projecto Kodrah Kristang começou a ganhar forma. O jovem associou-se a Bernard Mesenas, um professor reformado, e lançou um curso básico de kristang em 10 lições de duas horas cada, no qual se inscreveram 14 alunos. Desde então, foram mais de 400 os residentes de Singapura que já entraram para o curso. “Podemos dividir as pessoas com interesse no kristang em três grupos: aquelas com alguma ligação biológica à língua; as com interesse em aprender sobre o legado cultural das comunidades que estiveram na origem de Singapura, e aquelas mais focadas numa perspectiva académica”, explicou Martens Wong à MACAU.



Kevin Martens Wong

O estudante de linguística diz que antes de empreender o esforço para relançar o interesse da comunidade eurásiana pelo crioulo de Malaca, o kristang era falado na cidade-Estado por cerca de meia centena de pessoas, sobretudo idosas. A exemplo do que sucede com o maquista, o único crioulo malaio-português que sobreviveu às tergiversações da história tem base lexical portuguesa, ainda que as estruturas gramaticais estejam em grande medida ancoradas no malaio. O kristang reflecte, no entanto, as interações que ocorreram ao longo dos últimos séculos na região do Estreito de Malaca e, com o passar do tempo, o crioulo acabou por incorporar expressões de idiomas como o hokkien, o hakka ou o cantonês. Quando, há dois anos, Kevin Martens Wong desencadeou o movimento que levou à formação da Kodrah Kristang fê-lo com plena consciência de que reabilitar uma língua às portas da extinção não é um desafio fácil, mas nem por isso moderou o nível de ambição que coloca no projecto. Wong concebeu um plano de 30 anos, dividido por cinco fases, que tem como fim último consolidar o kristang no seio da comunidade eurásiana e, conseqüentemente, abrir caminho à revitalização da língua. “O nosso grupo procura utilizar o kristang sempre que pode, de forma a que este dialecto possa ganhar o seu próprio espaço no quotidiano das pessoas, que assim se familiarizam com ele e acabam por apreciá-lo. Uma vez mais, é fabuloso que as aulas que promovemos em Singapura tenham sido bem-sucedidas, mas isso não é de todo suficiente para que o kristang sobreviva”, reconhece. “É necessário que as pessoas usem o kristang, o amem e se preocupem com ele de forma a que a língua possa ter um espaço nas suas vidas. Com o patuá o mesmo acontece. O nosso grupo acredita que é possível fazer com que o kristang se torne numa língua o mais relevante possível para as próximas gerações.” O investigador tenciona agora lançar no próximo ano um manual que possa servir de sustentáculo à aprendizagem do idioma.

# “A MELHOR MANEIRA DE LEMBRAR ADÉ É REEDITANDO A OBRA”

“SE O Adé estivesse vivo, ia ralar comigo, ia discutir comigo, mas acho que acabaria por ficar contente por existir alguém que assumiu o repto de dar continuidade ao trabalho que ele fez ao longo de mais de 50 anos.” As palavras são de Miguel de Senna Fernandes, advogado que tomou em mãos a tarefa de manter vivo o teatro em patuá após a morte, há 25 anos, daquele que foi o grande responsável por conferir ao maquista a dimensão transversal que ainda hoje possui.

Com José dos Santos Ferreira, poeta macaense mais conhecido por Adé, o patuá soltou-se dos grilhões que o mantinham acorrentado à realidade do lar e ganhou uma visibilidade inédita. Apesar de não ter chegado a trabalhar com Adé na redacção de nenhuma das muitas récitas que o seu precursor levou ao palco, Miguel de Senna Fernandes conserva de Santos Ferreira uma imagem de rigor e de dedicação à causa do patuá. Exigente consigo próprio e com os que o rodeavam, pontual e rigoroso, Adé era um purista, defende o grande impulsor do grupo Dóci Papiacám di Macau. “A sua escrita é muito lógica, muito constante, porque ele era um purista. Era alguém que cultivava a escrita e que privilegiava uma certa regularidades ortográfica em tudo, o que é algo que de certa forma contraria a própria natureza verbal dos crioulos”, recorda Miguel de Senna Fernandes. “O Adé inspirou-me, inspira-me e vai continuar a ser para mim uma fonte de inspiração. Espero que um dia, quando eu deixar de escrever, que outra pessoa siga o meu exemplo e pegue no meu trabalho da mesma forma que eu peguei no trabalho do Adé”, admite o advogado.

Figura incontornável da comunidade macaense nas décadas de 1970 e 1980, José dos Santos Ferreira colabo-



rou de forma activa com a Emissora de Radiodifusão de Macau, a predecessora da actual Rádio Macau. Desportista nato, organizou competições de modalidades tão distintas como o futebol e o hóquei em campo, tendo dirigido o Hóquei Clube de Macau e a Associação de Futebol.

O trabalho desenvolvido por José dos Santos Ferreira na área do desporto ainda hoje é recordado, mas o seu principal legado é o esforço que empreendeu ao longo de mais de cinco décadas com o propósito de impulsionar a divulgação do dialecto de Macau. A dedicação valeu-lhe a atenção do Governo de Lisboa e, em 1979, foi agraciado pelo então Presidente da República Portuguesa António Ramalho Eanes com o Grau de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique. Cinco anos depois, o Governo de Macau atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Cultural.

Com mais de duas dezenas de obras publicadas, Adé morreu em Hong Kong a 24 de Março de 1993. A mais

honrosa das homenagens de que foi alvo o grande cultor e divulgador do maquista materializou-se três anos após a sua morte, com a Fundação Macau a editar e publicar na íntegra a sua obra. “Autor prolífero, publicou em vida cerca de 20 títulos nos géneros da crónica, poesia e ficção. Através da sua permanente intervenção literária, em poesia e prosa, peças de teatro e comédias, récitas e programas radiofónicos do mais genuíno sabor macaense, Adé foi o grande e único cultor do moribundo dialecto macaense ou patoá. A sua obra encerra, numa simplicidade comovente, material riquíssimo para a reconstituição da ‘dóci papiacám di Macau’ e das vivências macaenses até onde uma grande e amorosa memória pode remontar”, escreveu a Fundação Macau na contracapa das “Obras Completas de José dos Santos Ferreira”, que publicou em 1996.

Um quarto de século após o seu desaparecimento, o legado de Adé permanece vivo pela mão de Miguel de Senna Fernandes e do grupo Dóci Papiacám di Macau, mas os mais de 20 títulos que José dos Santos Ferreira deu à estampa desapareceram há muito dos escaparates das livrarias locais. Vinte e cinco anos depois da morte do mais dialecto divulgador do doce falar de Macau, a melhor forma de homenagear Adé, defende Alan Baxter, é através da reedição da sua obra. “O material do Adé, sobretudo o volume que contém o esboço da gramática e um pequeno léxico, merece ser publicado novamente. A edição que temos é de 1996 e foi publicada pela Fundação Macau. O que me preocupa é que o patuá não tem muita visibilidade em termos de publicações. Se há material que podia ser reeditado era este volume em particular. Gostava de ver o patuá mais visível nas livrarias”, assume o docente da USJ. ■

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

## A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



**T** VANESSA AMARO E SIN IOKI  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

**LAM KUAN** era cozinheiro numa embarcação ao serviço da Marinha Portuguesa no início do século XX. Como grande parte da tripulação era portuguesa ou macaense, tinha de cozinhar ao gosto do ‘freguês’. Foi ali que aprendeu o que fazer com o bacalhau seco e salgado, ou a preparar as iscas temperadas com vinho e azeboladas que ainda hoje fazem parte da ementa de um dos primeiros restaurantes de comida portuguesa que Macau viu nascer, em 1918. Quando deixou o trabalho na embarcação, Lam Kuan viu na gastronomia portuguesa uma oportunidade de negócio. Investiu então as poupanças num pequeno espaço onde fazia cozinhados para fora e tentava que os poucos clientes que tinha passassem a palavra e o negócio prosperasse. Mas ter apenas um nome chinês no negócio, 坤記餐室, não estava a ajudar. E assim surgiu A Vencedora, baptizado em homenagem à embarcação com esse mesmo nome e a quem devia os novos dotes culinários. Não tardou para que os portugueses, a sua principal clientela de então, falassem d’A Vencedora e do cozinheiro Kuan.

No Anuário de Macau datado de 1921, A Vencedora já constava na lista de recomendações como uma loja que comercializava vinhos, azeite, conservas e chouriços, e que também servia refeições no seu espaço e aceitava “comensais de fora”. O espaço era pequeno – o número 26A da Rua do Campo –, não cabiam mais do que 30 pessoas sentadas e era preciso reforçar as contas a vender produtos portugueses acabados de chegar de longas viagens.

O fundador d’A Vencedora já não está cá para contar a história. Quem toma as rédeas agora do negócio são os seus três netos, depois de já terem sido os dois filhos os responsáveis pela consolidação deste restaurante, que em 1992 deixou o número 26 e mudou-se um espaço adquirido pela família a poucos metros da loja original.

Lam Kok Lon não se lembra bem

## GASTRONOMIA

# Pratos com história

Em 1918, abria portas na Rua do Campo um pequeno restaurante que se gabava de ter pratos portugueses com o verdadeiro sabor de Portugal. Um século depois, a clientela mudou bastante, mas os sabores continuam quase iguais. A Vencedora, um dos restaurantes mais antigos da cidade, gaba-se agora de ter sido pioneiro a aproximar a cultura chinesa da portuguesa



quantos anos tinha quando começou a lavar pratos e a servir às mesas ali. Se calhar, diz, “esteve sempre ali” com o avô e o pai. Mas foi só em 1974, quando acabou o secundário, aos 18 anos, que passou a estar ali horas a fio e a se envolver em tudo. “Antes disso, dava só uma ajuda nas horas vagas, porque o meu pai dizia que a prioridade era os estudos.”

No início, a família toda estava mais envolvida com o negócio. Além do avô Lam, os dois filhos passaram a trabalhar ali. Mais tarde, foram os seis netos, mas hoje este é um negócio “para os velhotes”. “Eu não tenho filhos e os meus sobrinhos têm bons empregos e não têm grande interesse nisto. Neste momento, somos o meu irmão e eu, a minha cunhada e uma das minhas irmãs. Temos todos mais de 60 anos.”

Aqui tudo foi aprendido como parte de uma herança de família – desde a língua portuguesa à escolha dos ingredientes portugueses e os modos de prepará-los. Nunca houve cadernos nem bloquinhos de anotações. Está tudo na memória de Lam Kok Lon, que aprendeu tudo com o pai. Este, por sua vez, aprendeu com o seu pai, e o pai do pai de Lam Kok Lon aprendeu a ver e a seguir instruções dos portugueses na embarcação onde trabalhava. A ementa de pratos foi crescendo à medida que os clientes iam aprovando os sabores adaptados aos ingredientes mais à mão nos mercados de Macau. Na maior parte das vezes, os próprios clientes ajudavam o senhor Lam a confeccionar os pratos mais ao sabor original de Portugal. Há 20 anos que o menu é o mesmo e há três que os preços se mantêm inalterados. Hoje Lam Kok Lon, de 62 anos, já não tem a responsabilidade de cozinhar tal como o avô. Promoveu os seus assistentes a cozinheiros e apenas faz o controlo de qualidade. “Estas pessoas estão connosco há 30 anos, por isso estão mais do que habituados a cozinhar à nossa maneira.”

Eduardo Gracias, funcionário público na reforma, é um cliente habitual desde 1953. Já experimentou todos os pratos do menu e atesta que muito



pouco foi alterado ao longo dos anos. Para quebrar a rotina, e por ser quase tão antigo como o restaurante (tem 86 anos), Gracias também tem direito a pratos personalizados. “Às vezes não me apetece nada do que eles têm na ementa e peço-lhes para fazer algo. Digo-lhes como quero e eles cozinham ao meu gosto”, conta.

### Prato cheio, bolso vazio

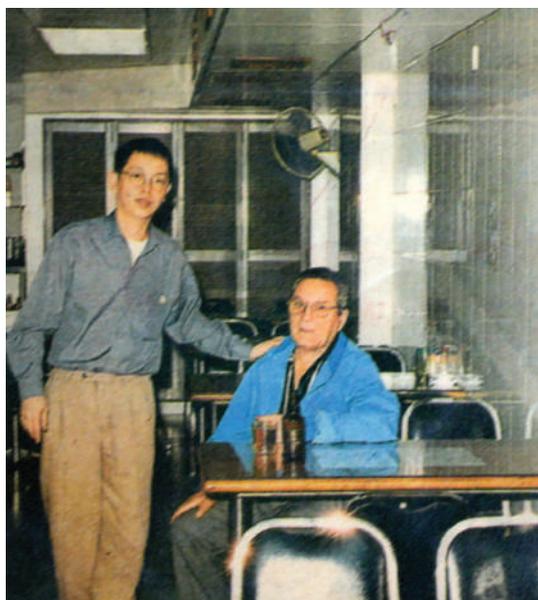
Gregório Madureira, 83 anos, caminha para as seis décadas em Macau – e seis décadas passadas muitas vezes ali, à mesa. Foi dos primeiros restaurantes que lhe foi apresentado quando chegou à cidade como militar, em comissão de serviço nos idos anos de 1950. Os almoços eram por norma no quartel, mas o jantar era frequentemente feito nos poucos restaurantes portugueses e macaenses que havia na altura.

O Fat Siu Lau, outro centenário restaurante da cidade, era o grande concorrente de A Vencedora, mas a clientela principal – militares em comissão de serviço – abundavam naqueles anos. Na década de 1940, por exemplo, chegou a haver cerca de 800 solda-

dos nos quartéis de Macau e os restaurantes que serviam pratos portugueses começaram a despontar nas zonas de maior afluência de pessoas. “Estavam sempre todos cheios. Se não havia mesa aqui ou ali, encontrava-se sempre algum com um lugarzinho”, recorda Madureira.

Gracias e Madureira lembram-se bem dos tempos em que A Vencedora funcionava como uma espécie de cantina dos militares. “Cerca de 90 por cento da clientela era portuguesa, à qual juntava-se uns quantos macaenses. Raramente se viam chineses. Era quase tudo militares que procuravam um ambiente descontraído e familiar”, aponta Madureira. Os dois amigos também se lembram bem daqueles que se foram embora e deixaram contas por pagar. “Nunca estivemos na lista”, dizem orgulhosos.

Lam Kok Lon disse que a família nunca somou as patacas que ficaram por cobrar e hoje já ninguém liga às dezenas de vales amarelados e desfeitos guardados numa caixa de madeira. Pedro, por exemplo, bebeu uma garrafa de cerveja no dia 11 de Julho







de 1963, assinou o vale de 2,10 patacas, mas nunca regressou para quitar a dívida. O mesmo fez Domingues, no dia 18 de Outubro de 1968, que almoçou bem e não deixou uma única pataca na mesa. “Segundo o meu pai contava, os clientes diziam que pagavam no fim do mês, que assim só se faziam as contas uma só vez. Mas depois nunca mais cá punham os pés”, conta a rir-se. Daí veio o dizer que hoje já não faz sentido: “Português de Portugal come bem e paga mal”.

Ainda assim, Lam Kok Lon foi surpreendido – aliás, muito surpreendido – quando dois velhos clientes voltaram, mais de 40 anos depois, e insistiam em quitar a antiga dívida. “Explicaram que foram deslocados assim de repente e tiveram de ir embora sem ter tempo, nem cabeça, para acertar as contas.” Já ninguém se lembrava da dívida, “algo irrisório nos tempos que correm”, por isso os irmãos que hoje gerem o estabelecimento não quiseram aceitar o pagamento. Os ‘maus’ clientes pagaram então em géneros, oferecendo garrafas de vinho e de baço caseiro.

### Tudo em família

Há 28 anos, Carlos Peixoto chegava a Macau e foi ali, numa mesa de canto ainda no antigo espaço d’A Vencedora, que teve o seu primeiro jantar. O empresário, de 52 anos, não ficou desiludido com o que comeu e desde então fez-se cliente fiel. Tornou-se amigo da família e até pede-lhes ajuda quando precisa de resolver questões mais complicadas em língua chinesa. Gosta de prolongar os almoços a conversar com “os mais antigos”, que “têm sempre grandes histórias de Macau”.

O ambiente continua basicamente igual àquele que Peixoto encontrou há 28 anos. “A modéstia, a boa conversa e o convívio continuam os mesmos. Sobretudo, sentimo-nos em família aqui.” Por isso mesmo até chega a levar os seus cozinhados, como uma feijoada portuguesa, para comer com todos os empregados à mesa. Também para Gracias, que chega a almoçar e a jantar ali no mesmo dia, ainda mais

do que a comida, o ambiente familiar é o que mais lhe puxa. Gosta de sentar-se à mesa e ficar à conversa sem olhar para as horas. “Grandes conversas já tive aqui. É um espaço muito familiar, de muito convívio”, diz o macaense de 86 anos.

Os irmãos Lam não se queixam do negócio, que, dizem, nunca lhes falhou. Nunca sentiram grande concorrência de outros estabelecimentos de comida portuguesa que foram abrindo ao longo do tempo. Mas recordam os tempos áureos da casa sempre a abarrotar, entre 1985 e 1999. “Acho que foi a altura em que houve mais portugueses em Macau. Tínhamos a casa sempre cheia e recusávamos muitas reservas.” Hoje os jovens portugueses já não visitam tanto este local. “Temos muitos portugueses velhos residentes; estão sempre cá, dia sim dia sim. Os mais novos de vez em quando aparecem, mas não voltam com frequência.”

A Vencedora também aparece nos livros de viagens classificado como um restaurante pitoresco e tradicionalmente português. Por isso, avistam-se muitos clientes de outras paragens, com os visitantes de Hong Kong, do Japão e da Malásia a ocuparem muitas mesas com regularidade. O bacalhau cozido com grão (MOP

130), as iscas de vaca (MOP 80) e o bitoque (MOP 75) formam o trio de pratos com maior saída.

O dia dos irmãos começa às 8h00, com uma visita ao mercado da Horta da Mitra, de onde sai grande parte dos ingredientes que são usados nas refeições do dia. A base para os pratos portugueses, como o azeite e o chouriço, nunca falha. “O nosso fornecedor é tão antigo como o restaurante e já sabe bem o que precisamos”, refere Lam. Nas prateleiras, só há vinhos portugueses. “Temos de tudo, alguns baratos e outros mais caros; tudo ao gosto do cliente.”

Quinze pessoas trabalham ali diariamente, cinco deles são locais e fazem parte da mobília da casa há mais de 30 anos. Essa é também uma das razões pelas quais os irmãos Lam afastam a hipótese de reforma. “Temos estes empregados super leais, que gostam de cá estar. Temos de dar o exemplo e continuar com eles.”

Só há uma falha a corrigir, já apontada por dezenas de clientes: a sobre-mesa. Lam disse que já arriscaram fazer arroz doce, mas que nunca apanharam o jeito. Por isso, cliente que reclama da falta de açúcar no fim da refeição “leva com um licor de amêndoa amarga e sai feliz”. ■





## FUTEBOL

# O ano em que o Benfica encantou a Ásia

Quatro campeonatos consecutivos e um quinto na forja, uma posição dominante dentro de portas e uma campanha extraordinária fora delas, no âmbito da segunda mais cotada competição de clubes do continente asiático. A Casa do Sport Lisboa e Benfica estreou-se com estrondo na Taça da Confederação Asiática de Futebol (Taça AFC) e colocou o desporto-rei de Macau no mapa futebolístico da Ásia, ao garantir uma vitória em Pyongyang e um triunfo importante em Taiwan. Os tetracampeões da RAEM falharam o apuramento para a segunda fase da prova, mas encantaram a Ásia, encerrando a sua prestação com quatro vitórias em seis partidas. Um retrato de uma epopeia há muito ambicionada e de 10 anos de esforço, ambição e glória

**T** MARCO CARVALHO  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

**EM QUASE** 20 anos de futebol José Luís Martins nunca viu nada assim. Um rumor unísono e harmónico embrenha-se nas entranhas do estádio Kim Il-sung e despedaça a quietude da pardacenta tarde de Pyongyang. No balneário onde o grupo de trabalho do

Benfica se prepara para a sessão de aquecimento que antecede o jogo com o Hwaebul Sports Club, segundo classificado da mais recente edição da liga norte-coreana de futebol, o clamor que chega do relvado intimida: nas bancadas, 22 mil vozes vibram em harmonia como se de uma só voz se tratasse.

O cadenciado canto cedo se desfaz numa chuva, também ela compassada

de aplausos, para recomeçar de novo, num fluxo incessante de entusiasmo. Habitados a jogar perante 16 mil cadeiras vazias, os tetracampeões de Macau fazem alongamentos sobre a relva e trocam olhares cúmplices de espanto. “No aquecimento já tínhamos o estádio cheio. É impossível não ficar impressionado com o ambiente. Houve momentos, ao longo do encontro, em

que o colega está a um metro de nós e a gente não o ouve. Foi assim durante 90 minutos: bandas a tocar, cânticos, claque organizadas. Foi um espectáculo de nos fazer tremer as pernas”, reconhece José Luís Martins, atleta conhecido pela alcunha de Cuco.

Com capacidade para 50 mil espectadores, o estádio está longe da sua capacidade plena, mas os mais de 20 mil adeptos norte-coreanos que assistem ao encontro parecem muitos mais, tal é o entusiasmo e a vitalidade com que brindam as equipas em campo. Nos raros momentos em que as vozes se calam, anuncia-se a presença de uma banda de metais nas bancadas. Os adeptos norte-coreanos mantêm-se imperturbáveis e a cadência de celebração perdura até ao apito final, num espectáculo paralelo que jogadores e dirigentes encarnados tão cedo não esquecerão. “Quando nos deparamos com um ambiente destes, para nós que estamos habituados a jogar no Estádio da Taipa com 15 mil cadeiras vazias e 50 pessoas a assistir ao jogo, é normal que nos sintamos mais nervosos e ansiosos”, assume Nicholas Torrão. “No entanto, ao fim de cinco minutos é isto que qualquer jogador de futebol quer: ter um estádio cheio”, admite o médio ofensivo, que já vestiu por 14 ocasiões a camisola da selecção de futebol de Macau.

Com uma trajectória no mundo do futebol que o levou a treinar em países como o Qatar, Omã, a Tanzânia ou as Maldivas, Bernardo Tavares não é propriamente estranho a banhos de multidão nos estádios, mas até à noite de 14 de Março o treinador, de 38 anos, nunca se tinha deparado com tamanha vitalidade. “Na altura em que estávamos a ensaiar as coreografias e os cânticos e pareciam uma só voz. Eram 22 mil vozes, mas parecia uma única voz. Até para mim foi algo assombroso”, assume o técnico. “Quando estive na Tanzânia cheguei a ter num ou noutro jogo 40 mil pessoas nas bancadas, mas com esta vivacidade, esta agitação e estas coreografias foi a primeira vez”, admite.

O espírito incansável de entrega dos adeptos do Hwaebul – clube fundado em 2013 pelo próprio líder norte-corea-

no Kim Jong-un – não foi, no entanto, a característica que mais surpreendeu o treinador do onze encarnado. A mais notória, no entender, de Bernardo Tavares foi o desportivismo com que a massa adepta norte-coreana aplaudiu os jogadores adversários no final de um encontro que não correu de feição à equipa de Pyongyang. No primeiro desafio na condição de visitante disputado pela Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau nas competições continentais asiáticas, a equipa de Macau por 2-3 e arrancou uma enxurrada de aplausos aos adeptos da casa. “Estes rapazes, estes guerreiros tiveram o prazer de estar num palco com 22 mil pessoas, conseguiram fazer três golos e foi tão boa a impressão que deixaram que no final foram aplaudidos por grande parte daquela moldura humana que estava no estádio”, recorda o treinador dos tetracampeões. “Os jogadores do Benfica foram cumprimentar os adeptos depois da equipa da casa também o ter feito e foram muitos, milhares eu diria, os que aplaudiram os nossos rapazes de pé. É algo que dificilmente se esquece”, complementa Tavares.

Quando o árbitro apita para o final do encontro, Cuco não contém as emoções. As lágrimas escorrem-lhe pelo rosto e o peito enche-se-lhe de serenidade. A serenidade que acomete quem tem a ventura de ver os sonhos tornarem-se tangí-

veis. “Chegar à fase de grupos e ganhar contra uma equipa da Coreia do Norte, na própria Coreia do Norte, foi algo que nunca julguei possível”, admite o médio, de 36 anos. “Tanto que acaba o jogo e eu desfaço-me em lágrimas. Eu acabo o jogo em lágrimas porque me veio o filme todo à cabeça. Todo. Passou-me diante dos olhos todo o sacrifício que fizemos, tudo aquilo pelo qual lutámos ao longo dos últimos seis anos. Foi um momento único”, remata o atleta.

### Um desígnio seis anos na forja

“Se me dissesse há três meses que nesta fase da competição o Benfica teria três vitórias e nove pontos eu não acreditava.” O veredicto é de Duarte Alves e reflecte a incredulidade que a campanha que o clube protagonizou na Taça da Confederação Asiática de Futebol ainda desperta em adeptos, entusiastas do futebol e nos próprios atletas do plantel encarnado. E, no entanto, a participação nas competições asiáticas sempre foi como que uma espécie de “Santo Graal” para a equipa.

Aos 34 anos, Duarte Alves é, na qualidade de director desportivo, o rosto visível da dinâmica, da ambição e da perseverança do projecto das águias de Macau. O pai, o advogado Leonel Alves, foi eleito a 23 de Outubro de 2009 para a presidência da então incipiente Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau, mas



Para Duarte Alves, director desportivo, o sucesso deve-se a “trabalho, trabalho e trabalho”



foi o filho quem foi aos poucos assumindo o estatuto de timoneiro de uma empreitada desportiva que cedo se afirmou como diferente das demais. O comunicado emitido na sequência da eleição de Leonel Alves para a direcção do clube, há quase nove anos, dava o mote para o que seria o ambicioso percurso do Benfica até à vitória alcançada a 14 de Março, em Pyongyang. “Obviamente que um dos maiores esforços da direcção eleita será a criação de condições para que a equipa principal da Casa do Sport Lisboa e Benfica em Macau continue o seu bom trajecto nos campeonatos seniores da RAEM, sendo o próximo objectivo a subida à Segunda Divisão, querendo também chegar longe no campeonato da Bolinha”, lê-se então na nota de imprensa.

Desde então, os objectivos do Benfica de Macau foram ganhando densidade, mas a ambição permaneceu intacta,

como se o mote do clube não fosse outro que não o “citius, altius, fortius” – “mais rápido, mais alto, mais forte” – que define o movimento olímpico internacional. No período de uma década o conjunto encarnado saltou do Campeonato da Terceira Divisão de Macau para os grandes palcos do futebol asiático. Pelo meio venceu quatro Ligas de Elite (2014, 2015, 2016 e 2017), três Taças da Associação de Futebol de Macau (2013, 2014 e 2017) e um Campeonato de Futebol de Sete (2014). Este ano, com 11 jornadas disputadas, o Benfica dispõe de uma vantagem de sete pontos sobre o segundo classificado e caminha a passos largos para a revalidação do título na principal prova do futebol de Macau, o que a confirmar-se, confere ao emblema encarnado um estatuto inédito na história recente do desporto-rei em Macau: nunca antes uma equipa celebrou cinco títulos

consecutivos nos relvados locais.

Para Duarte Alves, o sucesso do projecto encarnado deve-se a “trabalho, trabalho e trabalho” e à capacidade demonstrada pela equipa – da estrutura dirigente ao menos utilizado dos jogadores do plantel – de se manter fiel aos objectivos a médio e longo prazo traçados logo após a subida ao primeiro escalão. José Luís Martins juntou-se ao grupo de trabalho em 2013, depois de ter alinhado durante uma temporada com a camisola da formação da Casa de Portugal em Macau e já então, um ano antes do clube se ter sagrado campeão pela primeira vez, a filosofia que imperava no seio da equipa era a da superação progressiva das metas estabelecidas, recorda o “patrão” do meio campo encarnado. Mais do que a conquista da principal prova do desporto-rei local, o objectivo primordial era já então disputar as competições continentais e colocar Macau no mapa do futebol asiático. “O sonho foi sempre esse. Desde que cheguei ao Benfica, em 2012, que o projecto foi sempre esse, o de um dia disputarmos as competições da AFC. Trabalhamos desde então todos os dias, de manhã e à tarde, para conseguirmos, primeiro, ser campeões de Macau e depois então, passo a passo, chegar à AFC. Depois de duas tentativas frustradas, finalmente conseguimos”, elucida Cuco.

Muito desejada, a estreia do Benfica nas competições asiáticas propriamente ditas só se materializou à terceira tentativa, depois de em 2015 e em 2016 o conjunto encarnado não ter conseguido marcar presença no *play-off* de qualificação para a fase de grupos da AFC. Com três derrotas averbadas em quatro jogos disputados na antecâmara das competições asiáticas, dirigentes e jo-





## APRENDER A LÍNGUA PARA DOMINAR OS RELVADOS

“Foi algo inesquecível. Porventura o jogo mais especial que fiz na carreira. Não só pelo jogo em si, mas também pelo ambiente: pelo país em si, pela massa adepta que colocaram nas bancadas e até pelo próprio estádio. Conseguimos usufruir desse ambiente, ganharmos o jogo e eu, individualmente, ter tido a possibilidade de fazer dois golos é algo que nunca mais esquecerei.”

Carlos Leonel Fernandes foi um dos principais artífices da campanha de sucesso da Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau na campanha de estreia do clube encarnado na fase de grupos da Taça da Confederação Asiática de Futebol. A 14 de Março, na capital norte-coreana, bisou frente ao Hwaebul Sports Club e fez o que até então apenas dois futebolistas portugueses – o actual treinador-adjunto do Atlético de Madrid, Tiago Mendes e Eusébio da Silva Ferreira – tinham feito: marcar por mais do que uma ocasião a uma equipa da Coreia do Norte. A façanha de Carlos Leonel Fernandes consegue, porventura, ser ainda mais significativa: o avançado, de 31 anos, facturou em plena Pyongyang, perante dezenas de milhar de adeptos norte-coreanos.

Uma semana antes, a 7 de Março, o avançado madeirense – que em Portugal alinhou por clubes como o Ribeira Brava, o Pampilhosa, o Fátima ou o Tirsense e em Macau VESTIU JÁ a camisola da Casa de Portugal – já tinha sido a presença catalisadora que permitiu que o Benfica se estreasse na segunda principal competição da Confederação Asiática de Futebol com um triunfo frente à formação formosina do Hang

Yuen – o Benfica venceu por 3-2 e Fernandes fez o gosto ao pé por duas vezes.

“Estávamos unidos por algo superior, por algo maior, que era esta Taça AFC. Desde que eu cheguei ao clube, há quatro anos, sempre fui aliciado com a Taça AFC. O objectivo era ir à Taça AFC”, explica o dianteiro. “Sempre tivemos esse foco em algo maior e que era poder representar Macau numa fase de grupos. Esse momento chegou. É claro que quando o momento chega, a equipa fica motivada. Sentimo-nos bem, sentimo-nos que valeu a pena todo este esforço”, remata.

Cumprido que está o desígnio de disputar as competições continentais asiáticas ao serviço do Benfica, Leonel Fernandes quer começar a preparar, já a partir de Setembro, provas e partidas que só deverá disputar, se a sorte o bafejar, dentro de oito, nove ou 10 anos. Depois de ter ajudado o Benfica a conquistar três dos quatro campeonatos que a formação encarnada tem no palmarés, o madeirense ruma a Pequim com o propósito de aprofundar o estudo do mandarim, língua que começou a aprender há dois anos. “Este meu investimento no mandarim é mesmo a pensar no futuro. Quero tornar-me treinador e quero começar precisamente na China. Sinto que poderei ter sucesso na China como treinador, mas sei que para isso é preciso muito trabalho e uma das armas que me vai ajudar é a língua.”, salienta o avançado que também já marcou por três ocasiões nos cinco desafios que disputou com a camisola da selecção de Macau.

gadores do Benfica tinham poucas razões para acreditar que a campanha de estreia na AFC pudesse ser bem-sucedida. Com dois adversários norte-coreanos e um formosino no grupo, atletas, dirigentes e equipa técnica estavam, antes do arranque da competição, convictos que os rivais que lhe calharam em sorte eram ossos demasiado duros de roer. “Se me dissessem antes do início da competição que depois de disputar cinco jogos teríamos nove pontos, sinceramente, por muito sonhador que se seja ou por muito que me auto-motive ou motive os meus jogadores, não seria fácil de acreditar. As equipas norte-coreanas são 100 por cento profissionais e têm grande qualidade. Um dos jogadores do April 25 Sports Club que esteve no banco no jogo que fizemos em Macau o ano passado jogava na Liga Suíça”, salienta o treinador Bernardo Tavares.

Duarte Alves afina pelo mesmo diapasão. O director desportivo revela que o objectivo primordial da participação na Taça AFC passava, antes de qualquer outra instância, por aprender e assimilar o mais possível com a participação na prova. Se a equipa se despedisse da gesta com um único ponto alcançado, o feito seria celebrado de forma inequívoca como uma grande conquista. “O propósito do Benfica nas competições asiáticas sempre foi o de ganhar experiência, o de conhecer novas realidades e o de absorver o máximo de informação possível e procurar importá-la para Macau”, ilustra Alves. “Se me perguntasse há uns meses se acreditava que o Benfica se pudesse apresentar a este nível, dir-lhe-ia que se a equipa conquistasse um ponto já seria fantástico. Numa primeira participação a este nível e poder ter um ponto contra equipas de um ranking supostamente mais alto do que o nosso eu diria que seria praticamente impossível. Se o empate se afigurava difícil, o que dizer de uma vitória em Pyongyang e de outra em Taiwan?”, sublinha o director desportivo.

O percurso de quase 10 anos da Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau atingiu um inesperado clímax a 14 de Março com o triunfo alcançado em Pyongyang sobre o Hwaebul Sports Club, mas a extraordinária opepeia da formação encar-

nada na Taça da Confederação Asiática de Futebol arrancou com um feito não menos excepcional. A 7 de Março, no Complexo Olímpico de Macau, o Benfica impôs-se ao onze taiwanês do Hang Yuen, vencendo o jogo por 3-2. No início de Maio, em Nova Taipé, o Benfica repetiu a vitória, com contornos ainda mais expressivos, fechando o placar em 4-1, consumando a terceira vitória do Benfica na Taça AFC após duas derrotas consecutivas frente ao April 25 Sports Club.

O campeão norte-coreano em título, que goleou em Pyongyang o Benfica de Macau por 8-0 e repetiu o triunfo no Estádio da Taipa por 0-2, acabou por se revelar o único obstáculo verdadeiramente intransponível na caminhada do Benfica. “Quando perdemos por 8-0 na Coreia do Norte, chegamos a intervalo a perder por dois. Se a nossa posição tivesse sido a de defender, o resultado não teria sido tão pesado”, explica Bernardo Tavares. “Mas não é isso que está no ADN desta equipa.”

Na partida de despedida das águias de Macau, a 17 de Maio, a equipa terminou a sua participação na Taça AFC com mais uma vitória, desta feita diante do Hwaepul por 3-0, no Estádio de Macau. Em mais uma noite de magia de Carlos Leonel, que marcou os três golos dos encarnados, as águias confirmaram o segundo lugar do Grupo I, com quatro vitórias em seis jogos.

### Nivelar por cima

A cumprir o seu primeiro ano no comando técnico dos campeões locais, Bernardo Tavares diz que o segredo do sucesso do Benfica está à vista de todos. “Estes jogadores, alguns dos quais estão aqui há cinco, seis, sete anos é que são os verdadeiros obreiros do sucesso do Benfica. Não é o Bernardo Tavares. Os verdadeiros artífices do sucesso da equipa são eles e o Duarte e a respectiva direcção. São as pessoas que trabalham no dia-a-dia e que estiveram durante seis, sete anos à espera de ver cumprido este sonho de chegar à fase de grupos da AFC.”

É a manutenção de jogadores como Cuco, Edgar Teixeira, Filipe Duarte, Lei Chi Kin, Nicholas Torrão, Chan Man ou Carlos Leonel Fernandes que explica, no

entender de Duarte Alves, o sucesso alcançado dentro das quatro linhas, bem como a coerência e a qualidade do futebol praticados. “O que tornou este projecto a médio e longo prazo uma realidade foi a manutenção de jogadores que são incontornáveis na estratégia da equipa. Alguns já estão connosco desde 2012. Pouco a pouco fomos ajustando e mantendo os jogadores chave, especialmente os locais. São atletas que são peças fundamentais para este projecto, tendo em conta a realidade do futebol em Macau e as regras da Liga de Elite”, explica o dirigente. “Os jogadores estrangeiros são sempre fáceis de encontrar. Há milhões e milhões de jogadores pelo mundo fora interessados em jogar em Macau. O importante foi termos conseguido manter aquele núcleo de jogadores. Depois, ano após ano, temos conseguido aperfeiçoar a equipa, rectificando as fragilidades que conseguimos identificar. A meu ver, esta é a grande razão pela qual temos conseguido fazer o que temos vindo a fazer e que justificam a conquista destes quatro títulos e de mais algumas taças pelo meio”, complementa Duarte Alves.

Os jogadores reconhecem que a filosofia de jogo e a coesão da equipa são fruto da aposta declarada na continuidade de uma mão cheia de atletas que

constituem o grupo de trabalho dos campeões locais. “O segredo do Benfica? O segredo é a continuidade da mesma malta. Eu cheguei um ano depois do Filipe Duarte e do Edgar Teixeira e desde então mantivemo-nos sempre no Benfica. Mesmo jogadores que entraram depois, como é o caso do Nicholas e do Carlos Leonel, já estão no clube há três ou quatro anos. Quem chega tem o trabalho facilitado na hora de entrar na equipa”, defende Cuco.

“A estratégia do Benfica tem funcionado muito bem. Temos de dar mérito à direcção, que manteve a mesma estrutura da equipa. Se olharmos para os últimos quatro anos em que fomos campeões, o clube foi capaz de manter seis ou sete dos jogadores mais influentes e isso faz toda a diferença. Nas outras equipas os jogadores estão sempre a mudar e a mudança cria instabilidade. Mesmo que o treinador lá permaneça durante quatro anos, se todos os anos tiver uma equipa diferente não vai conseguir enraizar o seu sistema de jogo, até porque a Liga de Elite não é suficientemente competitiva”, sustenta Nicholas Torrão.

O resultado da aposta na continuidade de um grupo chave de atletas traduz-se por um domínio que desde há cinco anos não tem conhecido rival nas lides do futebol local. A estratégia do Benfica tem sido tão bem-sucedida que se arrisca a criar um vazio competitivo e a instaurar uma cultura monolítica de predomínio encarnado, nos antípodas do que é a visão original da Casa do Sport Lisboa e Benfica para o futebol da RAEM. “O nosso objectivo como clube, e também o das pessoas que estão nos bastidores a apoiarem-nos, foi sempre o de tentar ajudar a elevar o nível do futebol local”, assume Duarte Alves. “Sabemos que se nos limitarmos a jogar apenas em Macau, o nosso desenvolvimento será muito limitado, porque estamos habituados a jogar sempre contra o mesmo estilo de jogadores, contra o mesmo estilo de equipas, com as mesmas limitações. A participação nas competições asiáticas permite que os nossos jogadores conheçam e se adaptem a novas realidades e é este processo que, em última instância, ajuda a elevar o nível do futebol.” ■





## MACAU E O BENFICA: UMA PAIXÃO ANTIGA

A equipa local afirma-se como orgulhosa herdeira do Sport Macau e Benfica, emblema que terá sido oficialmente fundado a 17 de Outubro de 1951 na qualidade de ramo n.º 232 da casa-mãe portuguesa, o Sport Lisboa e Benfica. “O Macau e Benfica foi fundado em 1951. Desde então tem tomado parte nas lides do futebol local em diferentes momentos. Não temos toda a informação sobre as competições em que participou e em que escalões, mas nos anos de 1990, por exemplo, lembro-me que o Macau e Benfica era uma força activa no panorama futebolístico de Macau, ainda que sobretudo nos escalões de formação”, assinala Duarte Alves. “As várias encarnações sob as quais o nome do Benfica de Macau se tem vindo a manifestar ao longo de todas estas décadas mantêm sempre o mesmo espírito. São sempre benfiquistas que assumem o desafio de levar o nome do Benfica o mais longe possível.”

O anuário publicado pela Associação de Futebol de Macau ainda em 1950 identificava o Benfica Futebol Clube de Macau como um dos clubes inscritos no organismo. A equipa que trajava, como não podia deixar de ser, camisola encarnada e calções brancos, tinha sede no n.º 18 da Rua Almirante Costa Cabral. Manuel da Silva Matos era o delegado da formação encarnada.

O seu primeiro grande feito materializou-se antes ainda do Sport Macau e Benfica ter sido oficialmente fundado. A 11 de Julho de 1951, a revista *Mosaico* – uma publicação trilingue de periodicidade mensal – dava conta de um dérbi com feição lisboeta a mais de 10 mil

quilómetros de Lisboa. “O encontro de futebol que mais arrebatou o entusiasmo do público foi a disputa da final da Taça de Macau. Digladiaram-se neste importante prélio desportivo o Sporting Clube de Macau e o Sport Macau e Benfica, tendo este sido derrotado pelo primeiro”, lê-se na publicação.

O conjunto encarnado manteve-se activo pelo menos até 1955, ano em que a principal prova de futebol foi disputada por seis equipas. Para além do Benfica, participaram na competição as formações da Polícia, do Sporting, do Negro-Rubro, do Lusitano e do Atlético. Mas nem só de futebol vivia o Macau e Benfica: havia ainda formações de ciclismo, atletismo e até de automobilismo, a exemplo do que sucedia com o Sporting Clube de Macau. Em Agosto de 1970, a cidade volta a ser varrida por uma onda benfiquista.

Com Eusébio à cabeça, o Sport Lisboa e Benfica visitou Macau no âmbito de uma digressão asiática, tendo derrotado, a 20 de Agosto, no Campo do Canídro, a selecção de Macau por 4-0. Dois dias depois, a 22 de Agosto, o onze encarnado voltou a entrar em campo, derrotando um misto de jogadores de Hong Kong por 7-0. Os dois encontros foram vistos por mais 10 mil espectadores e até Ho Yin, pai do primeiro chefe do Executivo de Macau, Edmund Ho, se rendeu ao futebol praticado por Eusébio e companhia. “O Sport Lisboa e Benfica não é só o campeão de futebol de Portugal, mas também, por duas vezes, campeão da Taça da Europa e mundialmente conhecido pela sua

magnífica perícia (...) Muitos habitantes de Hong Kong e de Macau sentem-se extraordinariamente gozados por terem tido a oportunidade de apreciar a maravilhosa perícia dos valorosos futebolistas portugueses”, sublinhou o então líder da comunidade chinesa no jantar de confraternização organizado em honra dos atletas do Benfica.

O clube encarnado acabaria por regressar a Macau menos de três anos depois, no âmbito de um novo périplo pelo continente asiático. Orientado na altura por Jimmy Hagan, o plantel encarnado incluía jogadores como Eusébio, Shéu, Néné, Humberto Coelho, Simões, Diamantino ou Jordão. Depois de ter disputado três jogos em Hong Kong, a onze do Sport Lisboa e Benfica participou num único encontro em Macau, tendo derrotado um colectivo de jogadores de Macau e de Hong Kong.

A constituição, no final da década de 1980, do Clube de Futebol Benfica de Macau – envolvido actualmente nas lides da II Divisão sob a designação informal de formação do Consulado de Portugal em Macau – dá a entender que o Sport Macau e Benfica estaria por esta altura inactivo. O emblema volta a dar cartas menos de 10 anos depois, ainda que nos escalões de formação. Em Junho de 2010, o ainda presidente do Sport Lisboa e Benfica, Luís Filipe Vieira, inaugurou oficialmente a Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau e o resto é história: quatro campeonatos, três Taças da Associação de Futebol de Macau, um Campeonato da “Bolinha” e o nome do Benfica disseminado aos quatro ventos por toda a Ásia.

TRADIÇÕES **M**

# Festival do Barco-Dragão

T FERNANDO SALES LOPES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O Festival do Barco-Dragão, em honra do poeta Qu Yuan (屈原) que viveu no Período dos Estados Combatentes, tem lugar no 5.º dia da 5.ª Lua. Conhecido também como o duplo cinco, neste ano de 2018 calha no dia 18 de Junho do Gregoriano



Macau,  
China  
Dragon boat Team

**O TUNG Ng** (端午節) é um antigo festival chinês que marca o solstício de Verão do calendário Lunar. Na antiguidade, o Verão era tido como uma época do ano pouco saudável, na qual o calor, a secura e outras situações propiciavam o aparecimento de todo o tipo de doenças. Por isso, o dia dos barcos-dragão é, também, um dia de exorcizar as más influências de modo a fazer-se frente às pestilências que se aproximam.

O Barco-Dragão é o segundo festival do calendário chinês que comemora a vida. O primeiro é o Ano Novo, que assinala a Primavera, e o terceiro, o Festival de Chong Chao ou do Meio do Outono.

### O mítico Dragão

No Confucionismo, o dragão representa força, virtude e honestidade. É também símbolo do poder imperial. Os imperadores eram tidos como uma encarnação do Dragão. Na China, o mítico dragão concentra em si inúmeras facetas, mas transporta sempre o bom augúrio. Para o povo, o dragão é inseparável da água e significa fertilidade. Na Primavera traz dos céus as chuvas, no Outono mergulha nas águas, recolhendo-as. Com a água, ou da água, vivem aqueles que em Macau o veneram, ou veneravam, com mais intensidade: os pescadores e os comerciantes de pescado. Os comerciantes fazem-no em terra na celebração do Dragão Embriagado, enquanto que os pescadores o fazem através da festividade do Barco-Dragão.

Hoje o festival centra-se na sua componente lúdica com as corridas, como um desporto cada vez com mais adeptos. As corridas internacionais de barco-dragão, que se iniciaram no início dos anos de 1980, são o símbolo principal do festival. Antes, as equipas representavam associações,

grupos e pescadores, que as realizavam tendo presente a lenda que lhes deu origem.

Para a maioria das pessoas, a data está directamente relacionada com a tragédia do poeta Qu Yuan, um ministro do Rei de Chu no período dos Estados Guerreiros, cerca de 300 anos antes de Cristo. Leal e adepto da paz com os outros reinos, acabaria por ser vítima das intrigas palacianas. Mal aconselhado, o Rei desterrou o poeta, e este continuou a escrever poemas contra a corrupção, o egoísmo dos governantes, e o desprezo que votava ao povo. O seu Rei acabou por morrer às mãos do inimigo.

Qu Yuan, ao saber que a traição e a corrupção tinham vencido, atirou-se ao rio Miluo. O povo tentou recuperar o corpo, lançando para as águas arroz para que os peixes não o devorassem. Nos barcos os tambores ruidosamente tentavam afastar os peixes, ao mesmo tempo que os remos, com a mesma intenção, batiam na superfície das águas. À noite o espírito do poeta apareceu aos amigos pedindo para que lançassem o arroz, envolvido em folhas de bambu, atadas com fios de seda de várias cores, para que os bagos não desaparecessem. Por isso se fazem as corridas de barcos-dragão e se come o *tchong*.

### Superstições e crenças do Duplo Cinco

Se hoje se festeja o poeta, antes a data estava associada ao culto da fertilidade. No sul da China marcava o crescimento do arroz. Os agricultores faziam os seus rituais ao deus Dragão, para que a colheita viesse a ser farta.

Iniciava-se a época quente e com ela o aparecimento de doenças, que era necessário prevenir, particularmente nos mais novos, com menos resistências. Nas portas das casas penduravam-se ramos de plantas, fortemente aromáticas, para afastarem as doenças.





Mandava a tradição que, para se afastarem os males das crianças, se juntavam fitas de seda com as cinco cores que se prendiam às roupas. O mesmo se colocava nos cabelos e se atava (e acta) o *tchong*. As cinco cores simbolizam os cinco elementos.

Conhecido como *catupá* [ver caixa] pelos macaenses, comer o *tchong* é para as gentes de Macau quase obrigatório durante esta quadra.



Como curiosidade se aponta também a prática macaense de se guardarem as roupas de Inverno nesta data, nomeadamente o que necessitava ser mais protegido como peleria e tecidos nobres que eram depositadas nas Torres de Prestamista até ao surgimento da estação fria.

### A azáfama da festa

Dois meses antes das corridas, as diversas associações tratam dos seus barcos reparando, calafetando, pintando de novo, ao mesmo tempo que se iniciam os treinos que, ao romper do dia ou ao cair da noite, marcam a sua presença na cidade, ouvindo-se ao longe o bater nos tambores que marcam a cadência aos remadores.

Tudo começa com dádivas aos deuses pedindo a protecção para as equipas e sorte para o seu desempenho. São várias as cerimónias de Pai San (onde se evocam os espíritos) que antecedem a disputa entre as equipas de Macau e aquelas oriundas dos quatro cantos do mundo.

A superstição é confessada pelos intervenientes, que a justificam como forma e antídoto para evitar acidentes. Fazem-se oferendas e reverências. Dá-se vida ao dragão que guiará a embarcação. Vai-se espargindo os remadores, protegendo-os contra qualquer mal, que o panchão com o seu forte ruído afastará. Feitos os sacrifícios, expressas as intenções, alimentando-se os espíritos, é tempo de tratar do corpo, que ser remador não é tarefa fácil.

### Do Tung Ng às Corridas Internacionais de Barcos-Dragão

Em Macau, até aos anos de 1980 o Tung Ng festejava-se no seu próprio dia, com as tradicionais corridas de barcos-dragão representativas das diversas associações locais, pelo



que a festividade era vivida com a intensidade e a simplicidade de outras festividades, em que a disputa entre bairros e corporações e o convívio da festa marcavam pelo ritual mais um ciclo na vida das gentes. Realizavam-se então em águas livres do Rio das Pérolas ao longo da Baía da Praia Grande.

Hoje a actividade mais importante são as Regatas Internacionais de Barcos-Dragão, promovidas e organizadas anualmente no Centro Náutico da Praia Grande em conjunto pelo Instituto do Desporto e pela Associação de Barcos-Dragão de Macau, e que cada vez mais atraem participantes de todo o mundo. Equipas vindas de várias partes do globo concentram-se em Macau, lado a lado com as locais, para disputarem os apetecidos títulos.

A Associação dos Trabalhadora da Função Pública, a maior associação laboral de Macau, também está presente com a sua equipa, o mesmo acontecendo com muitos serviços pú-

blicos e empresas, nomeadamente as hoteleiras locais também formam as suas equipas para o evento. Também equipas de estudantes do ensino superior de Macau e de outras partes estão presentes.

### Participação das mulheres

A grande transformação consequência da internacionalização do evento e da componente jovem é a participação feminina cada vez mais presente. Assinale-se que tal participação estava vedada pela tradição que não permitia às mulheres participarem em corridas de barco-dragão.

A juventude, sempre presente nestas regatas, é a garantia da continuidade da tradição, embora modernizada com a inclusão da vertente desportiva. Contudo, tudo leva a crer que é esta vertente que lhe garante a continuidade.

Da festa das comunidades piscatórias locais, que em mar aberto faziam as suas corridas assinalando a data, em rara confraternização, até às modernas corridas internacionais de barcos-dragão, vai a distância da globalização e de uma Macau colocada no mapa dos grandes eventos mundiais.

### Lendas e mitos

Embora a morte do poeta Qu Yuan seja indissociável desta data, muitas lendas e factos se desenvolvem em redor da festividade de Tung Ng. Antes mesmo de se atribuir a origem da festividade ao letrado, poeta e ministro do Reino de Chu, o festival era dedicado a outro fiel servidor real, Wu Zixu, do Estado de Wu, que também mergulhou nas águas de um outro rio no dia de duplo cinco.

Após a sua morte, Wu Zixu passou a ser adorado como uma divindade dos rios e é lembrado ainda hoje na província de Jiangsu, nomeadamente em Suzhou, durante o Festival de Tung Ng.

Mas antes, muito antes de estes heróis enobrecerem a data com o exemplo dos seus actos de lealdade para com os seus monarcas, o duplo cinco se diz também ter sido dedicado à divindade Senhora Serpente Branca (白蛇傳).

Também há quem atribua a origem da festividade a uma celebração ao Rei Dragão que vivia sob as águas. O arroz teria o significado de oferendas à divindade, e a origem das corridas de barcos-dragão à concentração de embarcações dos que vinham visitar familiares e amigos pelo rio nessa altura.

### O poeta símbolo da honra e da dignidade

Qu Yuan (340 a.C. – 278 a.C.) foi um intelectual e ministro da corte do Rei de Chu do Sul, no Período dos Estados Guerreiros. Os seus poemas fazem parte da antologia *Chu Ci*. A tradição assinala o Festival Tung Ng, mais propriamente, o Festival do Barco-Dragão, como o da comemoração da sua morte.

O culto de Qu Yuan, o seu exemplo de lealdade e do significado milenar do Tung Ng estão na memória ancestral do povo, tendo a data passado a ser feriado em toda a China desde 2008. Este dia era celebrado como o Dia dos Poetas na República da China. Nos anos de 1950, o Partido Comunista



Chinês apresentava Qu Yuan como um “poeta patriota”, um exemplo a ser respeitado.

Há mais de 2000 anos, no período dos estados guerreiros na China, viveu um poeta chamado Qu Yuan, segundo narra a lenda homem muito inteligente e que, por isso, se tornou conselheiro do rei Wai Wang, de Chu. O rei tinha muitos funcionários e conselheiros corruptos que não gostavam do poeta. Convineram então o monarca de que Qu Yuan não lhe era fiel como ele

pensava. Tantas coisas lhe disseram que o rei acreditou mandando-o para o desterro. Longe da sua terra, o reino de Chu, Qu Yuan escrevia poemas contra a corrupção, o egoísmo dos governantes e o desprezo que os grandes votavam ao povo...

(...) o rei de Chu estava de más relações com o reino de Qin. O poeta sempre aconselhou o seu rei a fazer alianças com o reino de Qi para poder enfrentar o reino de Qin, se tal fosse necessário. Assim que Qu Yuan foi expulso, o rei de Qin tratou de subornar os conselheiros do rei de Chu de forma a convencerem-no a quebrar a aliança com o reino de Qi. Ora, bem... o poeta, mesmo no exílio, soube disto e mandou um recado ao rei para não acreditar nas boas intenções e não ir visitar o reino de Qin para o que fora convidado.

- E ele foi? (...) - Foi, e foi preso, acabando por morrer às mãos do inimigo.

(...) Ao saber da desgraça que acontecera ao seu rei e ao seu reino, da vitória da traição e dos corruptos sobre a lealdade e a honestidade, o poeta atirou-se ao rio Miluo. Ao saber da tragédia o povo, que amava o poeta, lançou ao rio as suas canoas para recuperar o corpo de Qu Yuan antes que os monstros marinhos se apoderassem dele. Para afastarem os peixes e maus espíritos do corpo do poeta lançavam arroz para as águas, ao mesmo tempo que tocavam insistentemente nos seus tambores com estrondoso ruído, e com os remos agitavam as águas batendo com as pás na sua superfície. Mas a primeira tentativa foi em vão. Então, à noite – diz a lenda – o espírito do poeta apareceu aos seus amigos dizendo-lhes que a sua acção só teria efeito se os barcos tivessem o feitio de um dragão e se o arroz que lançassem ao rio fosse envolvido por folhas de bambu, atadas com fios de seda de várias cores...

Aqui nasceu o tchong que é hábito comer-se nesta época. Existem duas versões da lenda para o arroz atirado ao rio, uma delas era para os monstros marinhos comerem e, assim, deixarem o corpo do poeta em paz, a outra é que o poeta estava preso nas profundezas do rio necessitando desse arroz para se alimentar!

Com uma ou outra razão a verdade é que, ainda hoje, passado tanto tempo se continuam a fazer corridas com barcos-dragão e a comer-se, neste dia, o tchong (...)



ÁTRIO M



**T** MARCO CARVALHO  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

**Ainda não completou 37 anos e já é um dos mais bem sucedidos maestros da sua geração. Quando é que se consciencializou de que, mais do que um músico, o que queria mesmo ser era maestro?**

Foi um longo percurso desde que comecei a aprender a tocar piano em Macau, tinha eu quatro anos e meio, cinco anos. Há 30 anos Macau não tinha nada que ver com o que é agora. Não existiam grandes actividades relacionadas com a música clássica e havia uma única orquestra, que era, de certo modo, uma espécie de predecessora da actual Orquestra de Macau. Era um projecto dinamizado pela comunidade, com músicos semi-amadores. Apesar de ser uma orquestra comunitária, tinha uma actividade considerável. Promovia concertos uma vez por mês ou, quando muito, de dois em dois meses. Sempre fui muito afortunado. A minha mãe adora música clássica e foi ela que me levou ao meu primeiro concerto, um espectáculo da antiga Orquestra de Macau. Fiquei completamente deslumbrado. Não estava de todo à espera que uma orquestra pudesse soar da forma como sou. Fiquei intrigado quando vi um tipo caminhar para o meio do palco... Lembro-me de ter dito à minha mãe: "Aquele homem leva um pauzinho na mão! É tão engraçado". Quando reparei que o som despontava da zona para a qual ele se virava, disse à minha mãe: "Eu quero ser aquele homem com o pauzinho na mão". Presumo que a minha mãe tenha dito para si mesma: "Está bem. Talvez este seja como eu. Talvez este rapaz goste de música". Pouco depois de ter assistido ao concerto comecei a estudar piano.

**Ainda assim, teve de rumar a Hong Kong para estudar música e para se tornar um músico profissional ...**

Comecei a estudar música em Macau. O facto de, posteriormente, ter rumado a Hong Kong não foi mais do que um golpe de sorte. Fui afortunado, uma

LIO KUOKMAN

# Pauta e rota de um maestro afortunado

Estudou piano numa das mais conceituadas escolas de música do planeta e direcção de orquestra com alguns dos principais pesos pesados da música erudita internacional. Em 2014 assinou a melhor participação de sempre de um jovem maestro no Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Svetlanov, ao arrecadar três prémios. No mesmo ano, tornou-se o primeiro maestro chinês a dirigir a prestigiada Orquestra de Filadélfia, onde permaneceu durante dois anos e, desde então, tem actuado com algumas das mais ilustres orquestras mundiais. Os críticos louvam-lhe a subtilidade, a sensibilidade e um "indispensável sentido de controlo", mas o jovem maestro, nascido em Macau no início da década de 1980, diz que mais do que ao talento, deve à sorte uma carreira a todos os níveis admirável. Lio Kuokman em discurso directo

vez mais. Venci uma competição local e fui seleccionado nesse ano para ir para Hong Kong estudar piano. Hong Kong abriu-me a mente: fui ver todos os concertos que podia. A partir daí, uma coisa levou a outra. Fui para Nova Iorque também para estudar piano e foi quando terminei o meu mestrado, em Juilliard, que decidi que o que queria mesmo era seguir o meu sonho de infância e tornar-me um maestro. Candidatei-me ao Curtis Institute of Music. Antes disso já tinha dirigido algumas orquestras, por um lado para ganhar experiência e, por outro, para testar as minhas capacidades. Mas, naquela altura, teria sido presunçoso da minha parte apresentar-me como um maestro. Seguiram-se alguns anos no Curtis Institute. A impressão que tenho é que algo acontecia sempre que dobrava uma nova curva e algumas destas coisas eu não esperava de todo. Por exemplo, entrar em Juilliard ... Não estava à espera de ser aceite numa escola como aquela. Depois ingressei no Curtis Institute, que é uma escola fantástica. Por ano,

aceitam um ou outro aluno que quer estudar direcção de orquestra. A ideia que tenho é que tive sorte a cada curva do meu caminho. Tive a sorte de me cruzar com professores formidáveis, pessoas que não só puxaram por mim, mas que demonstraram também que se importavam verdadeiramente com o que eu fazia e com a forma como eu o fazia. Tive muito bons colegas e amigos fantásticos. De uma forma muito sumária, este foi o meu percurso e agora tenho a felicidade de estar onde estou. Devo dizer, no entanto, que me deparei também com muitos altos e baixos, com muitas dificuldades a meio do caminho.

**Tinha 33 anos quando venceu o Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Svetlanov. Foi um momento que lhe mudou a vida?**

É outro momento que eu defino como afortunado. Antes de me inscrever na competição, já tinha sido escolhido para o lugar de maestro assistente da Orquestra de Filadélfia. Perguntei

a mim mesmo: “Devo submeter-me a concurso? Pode ser esta a última competição em que participo antes de avançar com a minha carreira?”. Acabei por me decidir: “Bem, vou dar o meu melhor”. Ao longo destes 30 e tal anos algo que eu aprendi e que faço questão de colocar em prática é que devemos sempre procurar dar o nosso melhor. Se algo bom se cruzar no nosso caminho, devemos aproveitar e ficar feliz por ter acontecido. Se não acontecer, o melhor mesmo é virar a página e seguir em frente. Quando concluí a minha licenciatura no Curtis, depois de ali ter passado quatro anos, fui apanhado na desolação daquele que foi o pior ano de que há memória para a economia norte-americana. Concluí os meus estudos em 2009 e o meu primeiro emprego foi com uma orquestra local. Ligaram-me e disseram-me: “Temos um concerto para si”. Respondi-lhes que estava disponível e enviei-lhes o meu material, as minhas partituras, tudo o que tinha para enviar. Duas semanas antes do concerto ligaram-me para me dizer: “Escusa de vir porque abrimos falência”. Este foi o meu primeiro emprego. Há sempre altos e baixos em qualquer percurso, mas, para ser sincero, não me senti muito mal. Pelo menos tinham-me ligado. Isto aconteceu meia dúzia de dias depois de eu me ter licenciado. Apesar de tudo, foi algo bom porque se lembraram de mim. Há sempre coisas boas que acontecem, mas também tive sorte porque sempre aprendi com as más também. De forma geral, são muitas as coisas boas que me continuam a acontecer.

**A participação no Concurso Svetlanov fez com que se tornasse conhecido no círculo da música erudita francesa. Regressa a França com bastante frequência para concertos, tendo dirigido algumas das orquestras gaulesas mais conceituadas. Sendo o público francês um dos mais exigentes do mundo, como é que se sente com todo este reconhecimento?**

Actuar em França é sempre muito entusiasmante. O público e a crítica em França são sempre muito... Como é que

posso explicar? Eles são muito bons e conhecem muito bem aquilo que escutam. Por isso, obviamente, em qualquer dos concertos que dirijo em França tenho mesmo de dar o meu melhor. Lembro-me com bastante frequência do que me dizia um professor: “As pessoas só se lembram dos teus maus concertos. Raramente se lembram de todas as coisas boas que fizeste”. Uma má *performance* pode destruir uma carreira. É óbvio que, nessa perspectiva, a pressão é enorme.

**A maioria das críticas que lhe foi feita é bastante positiva: “um maestro cheio de sensibilidade e de vida” ou “um intérprete talentoso”. Onde é que busca inspiração?**

Depende do que estiver a dirigir. O tipo de experiência que me traz agora a Macau é dirigir Leonard Bernstein. Neste caso, penso em Nova Iorque, transporto-me para a época em que ele compôs as obras. Trata-se de música *jazz*? Se sim, então vou tentar imaginar que estou num bar ou num local do género, porque foi a este tipo de sítio que ele foi buscar inspiração. É difícil para mim caracterizar a forma como dirijo uma orquestra, porque cada uma das peças em que trabalho, procuro produzi-la a partir da perspectiva do compositor. Ao fim e ao cabo, são os compositores que eu devo servir. Foram eles que escreveram as músicas. Quero saber aquilo em que Beethoven estava a pensar, aquilo em que Brahms estava a pensar. É isso que eu procuro fazer.

**A sua carreira esteve, de certo modo, focada no seu trabalho como maestro nos últimos anos, mas a verdade é que é também um pianista aclamado e um músico de câmara de reconhecido talento. Qual destas competências é para si mais difícil?**

Ainda toco bastante, sobretudo música de câmara. E ainda gosto muito de tocar piano. É muito difícil para mim comparar piano e orquestra, bem como dizer de que aspecto gosto mais. Tratam-se ambos de música e a música é o meu mundo. Aquilo que posso dizer é que gosto muito de partilhar o palco

com alguém. Há tanta química em palco durante um espectáculo ao vivo! É algo que só acontece naquele momento e apenas aquele momento importa. Só a possibilidade de criar algo em conjunto com os meus amigos e colegas é algo que considero muito poderoso. É isso que é uma orquestra. Quanto ao piano ... Sim, ensaiamos e depois enfrentámos um piano solitário no palco, mas não podemos, verdadeiramente, comparar piano e orquestra, porque se trata de duas experiências completamente diferentes.

**Qual diria que é a vertente que mais o entusiasma sempre que sobe ao palco?**

Há tantos aspectos. Nos ensaios há sempre algumas coisas que discutimos entre nós: “Vamos fazer isto aqui e isto acolá”. A razão pela qual o fazemos é para garantir que tudo decorre como planeamos. O que me deixa mais entusiasmado é algo que acontece apenas em espectáculos ao vivo. Há um ou outro momento em que os músicos se libertam e, de algum modo, quando tal acontece, algo mágico nasce. Para mim esse é o aspecto mais satisfatório. É uma questão de emoções. Num concerto de ópera, por vezes, vemos os cantores abraçar o momento, abraçar a música e isso é muito fascinante e poderoso. Tudo isto é algo que me deixa muito satisfeito. Somos músicos, mas aquilo que criamos é vida, é sangue. Quando fazemos algo que é planeado ao milímetro, por exemplo, quando gravamos um álbum num estúdio, a música é, de certa forma, fria. Num concerto ao vivo, por outro lado, a vida abunda. Cabe-nos a nós transmitir essa vida às pessoas para quem actuamos.

**Já referiu que se sente tão confortável na condução de uma ópera como na direcção de um concerto sinfónico. Qual destas duas dimensões do espectáculo é mais exigente para um maestro?**

No que diz respeito ao número de pessoas em palco, é claro que que na ópera as coisas são muito diferentes. Numa produção de ópera, o habitual é estarem

150 ou 200 pessoas em palco, incluindo o coro, os cantores e a orquestra. Nesse sentido, tecnicamente falando e tendo em conta todas as technicalidades, talvez seja mais difícil dirigir uma ópera, mas se pergunta se uma ópera é mais flexível do que um concerto sinfónico, dir-lhe-ei que não, que não acredito que assim seja. Eu tenho muita sorte. Sorte! Lá está de novo esta expressão. Gosto desta palavra, até porque me sinto todos os dias afortunado por poder subir ao palco. Sinto-me afortunado por poder dirigir muitas produções de ópera e por poder aprender com a experiência dos cantores, porque é assim que eu quero que uma orquestra soe. Numa orquestra, os instrumentos devem comportar-se como cantores. Devem cantar. Os cantores não são os únicos que devem ser flexíveis. Numa das obras de Leonard Bernstein que ensaiamos para o concerto de Macau há uma

série de solos. Eu disse aos solistas: “Sejam o mais livres que puderem, façam o que quer que seja que nós vamos atrás”. É exactamente isto que sucede numa produção operática. Não é, de todo, fácil para mim dizer qual é a mais difícil, porque estamos a falar de realidades muito diferentes, mas posso dizer que a direcção de ópera é algo de onde retiro muita inspiração.

**Deixou Macau muito cedo, mas há alguma marca de Macau na forma como conduz o seu trabalho?**

Macau tem sobre mim uma enorme influência. Tudo começou em Macau. Comecei por aprender o trombone e por actuar numa orquestra escolar. Esta experiência ajudou-me a compreender melhor outros instrumentos, ainda que depois me tenha dedicado ao piano. Comecei a estudar piano, mas não estava exclusivamente focado na

aprendizagem do piano. O que eu quero dizer é que também me interessava compreender de que forma funcionava uma orquestra, de que forma funcionava uma banda. Este aspecto, eu diria, foi a pequena semente que me fez crescer. Foi a partir daí que me comecei a interessar pela música numa outra perspectiva. Depois disso, comecei a dirigir a Orquestra Juvenil de Macau. Foi a Orquestra que me ofereceu a primeira oportunidade para testar as minhas capacidades na condução como maestro. Agora, quando olho para Macau e para Hong Kong, fico estupefacto, porque as mudanças foram muitas. Fico feliz pelo facto do Governo dar um grande apoio ao sector das artes. É algo de que necessitamos, porque uma cidade deve ter uma orquestra profissional, precisa de ter bandas juvenis. Mesmo o público deve poder beneficiar de um terreno fértil em ter-





mos culturais, um terreno que torne possíveis concertos e espectáculos, principalmente os de música clássica. Se assim não for, não haverá qualquer vida. Precisamos de cultura como quem necessita de pão para a boca.

**Este é o tipo de profissão em que é absolutamente indispensável agarrar toda e qualquer oportunidade que se atravessa no caminho. O convite que recebeu da Orquestra de Filadélfia para se tornar maestro-assistente por um período de dois anos foi para si uma bênção?**

Quando consegui esse emprego senti que tinha realizado um sonho. A primeira vez que vi uma actuação ao vivo da Orquestra de Filadélfia foi em Hong Kong, quando ali estava a estudar piano. A Orquestra tinha um concerto e eu lembro-me de ter estado na fila durante mais de três horas para adquirir um bilhete. Comprei ingresso para um daqueles assentos na última fila. Era estudante e não tinha dinheiro para pagar por um lugar melhor. Quando estava a assistir ao concerto disse a mim mesmo: “Meu Deus, um dia, se me tornar maestro, ficaria tão, mas tão feliz por poder actuar com eles”. Quando me foi concedido o estatuto de maestro-assistente fiquei muito, mas mesmo muito contente, não só por poder actuar com a Orquestra, mas, so-

bretudo, por poder ficar a saber como é que este grupo gigantesco, com tanta história, trabalhava no dia-a-dia. Todos os dias, durante o tempo que passei com a orquestra, foi muito o que aprendi com os meus colegas: com os músicos, com o pessoal de apoio, com todos quantos me contaram tudo o que havia para saber sobre a Orquestra. Senti que me foi dada a oportunidade de ler um livro – um livro de história – durante o período em que permaneci com a Orquestra.

**Depois da Orquestra de Filadélfia, já conduziu concertos em países e regiões como Japão, Hong Kong, França e Rússia. É uma vida vibrante?**

Aprecio muito o tipo de vida que tenho neste momento. Gosto de ter este tipo de agenda agitada, porque me concede a oportunidade de conhecer novos amigos e novas orquestras, em locais diferentes do planeta, quase todas as semanas. Tento, ainda assim, reservar algum tempo para caminhar um pouco pelas cidades que visito e, quando regresso quer a Macau quer a Hong Kong, procuro encontrar-me sempre que posso como os meus amigos. Gosto de viajar, de conhecer diferentes culturas e, em particular, de experimentar cozinhas diferentes. Gosto muito de comer. Tudo isto é importante para mim e

é por isso que gosto tanto da vida que levo neste momento.

**Toca com bastante frequência com a Orquestra de Macau. A Orquestra percorreu um longo caminho desde que foi fundada, há mais de 20 anos. Acredita que a Orquestra de Macau se pode tornar numa das grandes orquestras mundiais?**

Absolutamente. A expressão “grande orquestra mundial” é uma expressão com um sentido muito lato, mas, no meu entender, a Orquestra de Macau tem bastante potencial e pode, definitivamente, tornar-se uma das mais importantes e mais influentes orquestras da Ásia. Acredito muito piamente que tal pode vir a acontecer. O mais interessante nesta orquestra é o facto de ser tão parecida com Macau: é o resultado de uma mistura de diferentes pessoas e de diferentes culturas, que se juntaram para fazer música. Estamos a falar de pessoas com diferentes origens. A música é precisamente isso. A música tem o poder de juntar as pessoas, dá-se-lhes um sinal e *boom...* elas tocam. É um momento mágico.

**O sonho de qualquer maestro passa por criar raízes numa orquestra, por se afirmar como o maestro principal de uma orquestra. Esta é uma etapa que se vai materializar mais tarde ou mais cedo?**

Sim. Acredito que é algo que vai acontecer. Porém, não é o tipo de questão em que penso constantemente. É importante procurar a orquestra com a qual gostaria de construir uma relação de longo prazo. É o tipo de circunstância que eu, enquanto maestro, desejo, ainda que não esteja, nem de longe nem de perto, sempre a pensar nisso.

**Teve a oportunidade de trabalhar com várias orquestras ao longo dos últimos anos. Ficou de olho em alguma delas?**

É muito difícil responder a esta questão. Para um maestro, encontrar uma boa orquestra é como contrair matrimónio. Antes de se casar, precisa de passar por um ou outro namoro. Tem uma ou outra relação, procura perceber

se há um bom entendimento mútuo e só depois, se as coisas funcionarem, é que vão tentar fazer crescer algo em conjunto. Se assim não for, é porque está enalhado num mau casamento. É por isso, de certa forma, que eu ainda estou à procura da orquestra certa.

**Houve alguma altura em que tenha sentido “Eu não consigo fazer isto. Vou-me embora...”**

Não [risos], isso nunca aconteceu. Tenho, porventura, sorte. O meu trabalho, enquanto maestro que se posiciona perante um grupo de músicos, é procurar fazer com que toquem o melhor que lhes for possível. Nunca, mas mesmo nunca, em momento algum da minha vida, acredito que possa sentir que trabalhar com músicos não é algo que me concretiza. Não me vejo a evocar esse tipo de sentimento.

**Há algum compositor que exija de si um maior esforço na hora de dar vida a uma partitura?**

De facto, todas as orquestras têm uma personalidade diferente: uma orquestra russa é muito diferente de uma orquestra francesa. Uma orquestra do Reino Unido tem uma personalidade muito distinta daquela que caracteri-

za uma orquestra dos Estados Unidos. Aquilo que procuro fazer quando estou a programar um concerto é aparelhar essa personalidade com uma obra com a qual a orquestra se possa relacionar mais facilmente. Se incluir no programa uma obra ou um compositor à qual a orquestra não está habituada, o mais provável é que o trabalho que tenho na direcção se complique. Por exemplo, uma orquestra russa a tentar tocar *jazz*. Estive em Moscovo em Janeiro com o propósito de interpretar Bernstein. Procurei fazer com que a orquestra entrasse no ritmo do compositor. É curioso: tive oportunidade de olhar para as pautas de alguns dos músicos e muitas ainda tinham rabiscos feitos à mão, dos tempos da União Soviética. Um dos músicos até fez uma observação com bastante piada: “Algumas dessas anotações ainda são mais velhas que o Bernstein”. Cada uma das orquestras com que actuo exige de mim que diligencie a melhor forma de fazer com que toquem o repertório escolhido e é por isso que não é fácil definir que compositores são ou não difíceis. Depende sempre da situação.

**Quem é o seu compositor favorito?**

Brahms. Não diria que é o melhor dos

compositores. Gosto de Brahms porque, de uma forma ou de outra, esteve comigo desde o início. No primeiro concerto que vi em Macau, a orquestra tocou a Sinfonia n.º 2 de Brahms. Lembro-me perfeitamente disso. Tinha quatro anos, mas lembro-me bem: era a Sinfonia n.º 2. Na prova de selecção a que me submeti quando fui contratado pela Orquestra de Filadélfia dirigi uma sinfonia de Brahms. Quando venci o Concurso Svetlanov, em França, também optei por Brahms. Não estou a dizer com isto que me tenha especializado e que só consiga dirigir Brahms. Não é, de todo, isso. No entanto, sinto uma grande ligação à música de Brahms, talvez por ter tocado a música de câmara que compôs e muitas das suas composições para piano. Tenho um vínculo muito forte com a sua obra.

**Onde mais o podemos ver a actuar este ano?**

No final do ano, devo regressar para conduzir ‘Madam Butterfly’ em Hong Kong. É uma das óperas de que mais gosto. Em Junho viajo para o Japão, para dirigir o meu primeiro concerto em Quioto. Tenho pela frente um ano em cheio e mal posso esperar para voltar a subir ao palco. ■





## O REGRESSO DO VERÃO E DO INSPIRARTE

**Espectáculos, cinema e *workshops*. Este Verão, o InspirArte volta aos palcos do Centro Cultural de Macau na companhia de artistas de todo o mundo e com actividades para toda a família**

**T** CATARINA DOMINGUES

Actividades pensadas para os mais novos e para a família, mas com convite estendido a toda a comunidade. Esta próxima edição do “InspirARTE no Verão”, que decorre entre 1 de Julho e 26 de Agosto, oferece um cartaz com espectáculos, cinema e *workshops*, na companhia

de artistas de outros mundos. “Hansel e Gretel”, inspirado no conto clássico dos irmãos Grimm, sobe ao palco do grande auditório do Centro Cultural de Macau entre 13 e 15 de Julho. O Ballet Escocês apresenta um trabalho que, de acordo com a organização, vai levar “tanto as crianças como o público mais crescido a girar num carrossel

de deliciosas guloseimas e destreza, contando uma história plena de magia e argúcia”. “O Caminho Para Casa”, produção dinamarquesa (19 e 22 de Julho) é uma aventura visual que ganha forma através de marionetas e de música. Inspirada no conto ilustrado de Oliver Jeffers, esta peça conta a história de um rapaz que um dia voa tão alto e tão



longe que o avião a hélice onde segue acaba por pousar avariado na lua. É aí que conhece um pequeno marciano que se encontra na mesma situação. Já a dupla belga D'Irque & Fien traz a Macau entre 3 e 5 de Agosto "O Carrossel dos Carneirinhos", uma actuação que envolve acrobacia e música, que "desafia a gravidade e deixa o público como que hipnotizado", assegura a organização. De Espanha chega "Beatles para Bebés", "um sofisticado espectáculo de afectos que transforma os clássicos dos Quatro Fabulosos numa enriquecedora experiência performativa para todos". Trata-se de um trabalho concebido e encenado pelo colectivo La Petita Malumaluga, companhia especializada na criação de produções para os mais novos. A edição deste ano do "Cinema InspirARTE em Festa" apresenta ainda uma série de oito filmes. "Todos estes filmes revelam diferentes perspectivas do mundo, levando o público a viajar aos cenários onde são rodados", escreve o Centro Cultural. A película alemã "Ao nível dos olhos", vencedora de Melhor Filme Infantil dos Prémios da Associação Alemã de Críticos de Cinema em 2017, aborda a busca de um menino de 11 anos pelo pai biológico. Da Índia chega "Dhanak", obra assinada por Nagesh Kukunoor, que acompanha a "viagem mágica" de dois irmãos pelo Rajastão. Nesta jornada, "onde vão cruzar-se com uma série de personagens coloridas", Pari quer ajudar o irmão de 10 anos, Chotu, a recuperar a visão. Vencedor de múltiplos galardões internacionais, incluindo o Grande Prémio do Festival de Cinema de Berlim, "Dhanak" é uma fábula encantada que reforça a querença na beleza da vida". Pode consultar os workshops disponíveis, que decorrem desde o início de Julho, na página do CCM ([www.ccm.gov.mo](http://www.ccm.gov.mo)).

**INSPIRARTE NO VERÃO**

1 DE JULHO – 26 DE AGOSTO  
CENTRO CULTURAL DE MACAU



**MÚSICA**
**Celine Dion em Macau**

Actuação da artista canadiana em Macau faz parte da digressão mundial, que vai passar por várias cidades asiáticas. Depois de subir ao palco da Arena do Venetian, a cantora vai estar ainda em Singapura, Jacarta, Taipé, Manila e Banguécoque. "My Heart Will Go On", "I'm Alive", "A New Day Has Come", "When I Fall in Love" são alguns dos sucessos da cantora.

29 E 30 DE JUNHO DE 2018

ARENA DO COTAI

**Bilhetes a partir de MOP 480**

**The #1's Tour de Mariah Carey**

Um regresso da norte-americana a Macau, depois de ter actuado em eventos corporativos, como é o caso da abertura do Studio City, em 2015. A vencedora de cinco Grammy incluiu Macau na rota da sua digressão mundial "The #1's Tour". "Dreamlover", "Emotions" e "Hero" são alguns dos temas que a cantora vai trazer até à Arena do Venetian.

20 DE OUTUBRO DE 2018

ARENA DO COTAI

**Bilhetes a partir de MOP 480**


**ÓPERA**
**A Sombra da Borboleta e o Rebento da Péra Vermelha**

A ópera cantonense está de regresso a Macau com esta obra do dramaturgo Tong Dik Sang. Trata-se de uma "produção de grande escala encenada com perícia por um colectivo de mestres do género, dirigida por Pak Suet Sin, a actriz principal da produção original, quando a ópera estreou em Hong Kong, em 1957", escreve o Centro Cultural de Macau.

14 - 19 DE JUNHO DE 2018

CENTRO CULTURAL DE MACAU

**Bilhetes a partir de MOP100**


**CINEMA**
**Festival Sound & Image**

O Sound & Image Challenge International Festival divide-se em duas competições: a de curtas-metragens e a de vídeos musicais. Os trabalhos finalistas desta 9.ª edição, festival que atrai anualmente produtores locais e internacionais a participar na competição, vão ser apresentados no Teatro D. Pedro V.

4 - 9 DE DEZEMBRO DE 2018

TEATRO D. PEDRO V



## A COLECCÃO DE CERÂMICA DE MANUEL DA SILVA MENDES

**Profundo conhecedor e colecionador de arte chinesa, o advogado português Manuel da Silva Mendes encomendou a dois artesãos de Guangdong, em princípios do século passado, trabalhos em cerâmica de Shiwan. A coleção está agora disponível no Museu de Arte de Macau**



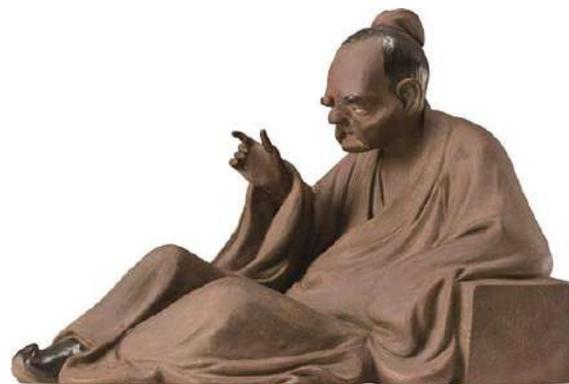
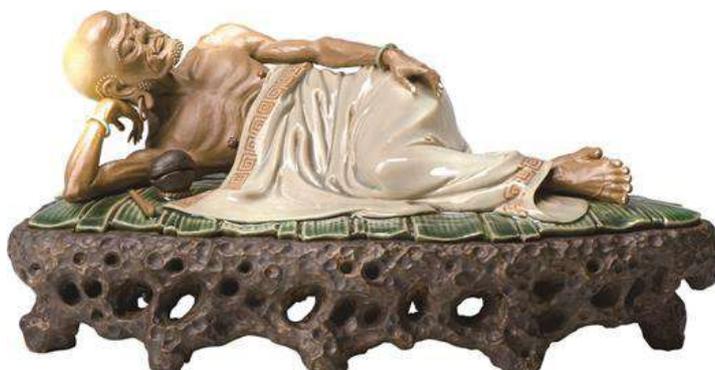
**T** CATARINA DOMINGUES

Diz-se que Manuel da Silva Mendes (1867-1931) foi um dos primeiros colecionadores de arte a investigar a cerâmica de Shiwan. É a ele que pertence também um vasto espólio de trabalhos nesta forma artística.

A coleção do advogado português, que está disponível agora no Museu de Arte de Macau (MAM), integra um grupo de figuras de grande escala, produzidas nos anos de 1920, e ainda um conjunto de peças em miniatura, que “são um bom exemplo da renovação e prova da integração

do artesanato tradicional chinês e as formas de expressão artística do ocidente no início do sec. XX”, refere um comunicado o MAM.

Além de colecionar figuras de grande escala concebidas por mestres de renome, Silva Mendes convidou o artesão Pan Yushu para vir a Macau,



mostrando-lhe algumas das suas estatuetas produzidas segundo os cânones europeus. O mestre entregou ao português uma série de pequenas estatuetas, que seriam mais tarde replicadas em grande escala com a colaboração de Chen Weiyan numa fábrica de cerâmica em Cantão.

Alguns desses exemplares encontram-se nesta mostra, que se realiza até 12 de Agosto.

Shiwan pertence ao município de Foshan, na província de Guangdong. Ao longo do século XVI, a produção cerâmica desta região foi influenciada por tecnologia de várias províncias do centro do país. “É na confluência entre as tradições locais características da região de Cantão e as novas técnicas introduzidas pelas migrações que se forma o estilo próprio de Shiwan”, escreve numa nota introdutória Lou Tai Seng, curador da exposição, realçando que devido à vaga migratória do século XIX a arte de Shiwan também “tornou-se muito popular” além-fronteiras.

Uma das características desta cerâmica é a variedade cromática dos vidrados, sendo o branco, o vermelho e o azul os mais frequentes. É comum as figuras humanas apresentarem o vidro apenas na área das vestes, opção que confere “aos personagens representados uma grande expressividade”, explica ainda Lou Tai Seng.

A recriação de figuras ligadas ao folclore local, lendas, óperas e novelas também era representativa desta arte, embora nos finais da Dinastia Qing e início do século XX se tenha assistido a uma diversificação temática: às figuras históricas e heróis populares juntaram-se anónimos, bustos nus, e personagens estrangeiras. “Símbolo dessa revolução temática são, por exemplo, as figuras esculpidas por Pan Yushu, que integram o espólio deste museu”, vinca Lou Tai Seng.

**MUSEU DE ARTE DE MACAU**

ATÉ 12 DE AGOSTO DE 2018

**Entrada livre**



## Apaixonados por Macau – Caligrafia e Pintura de Macau

A mostra reúne 90 peças e conjuntos de obras de arte de calígrafos, pintores e escultores que, entre a década de 1930 e o século XXI, viveram em Macau ou de alguma forma mantiveram laços com a cidade. Entre os artistas encontram-se Shang Yanliu, Zheng Jin e Gao Jianfu.

MUSEU DE ARTE DE MACAU

ATÉ 12 DE AGOSTO DE 2018

**Entrada livre**

## Hoje, Estilo Suíço

Para ficar a conhecer um pouco sobre a evolução do *design* gráfico suíço, está em exposição um total de 250 obras, desde cartazes, capas de livros, entre outros trabalhos de *design* gráfico. “As obras não evidenciam apenas a criatividade do *design*, mas mostram também o engenho dos designers ao nível dos conceitos e das técnicas e matérias utilizadas nas obras”, escreveu o Instituto Cultural, responsável pela organização.

GALERIA DO TAP SEAC

ATÉ 17 DE JUNHO DE 2018

**Entrada livre**

## Matéria Estranha

A exposição “Matéria Estranha” é uma visita ao mundo da ciência dos materiais. Esta exposição apresenta mais de 40 itens interactivos, ilustrando a estrutura e as propriedades dos materiais, os avanços mais recentes, suas aplicações e as tendências do futuro.

CENTRO DE CIÊNCIA DE MACAU

ATÉ 14 DE AGOSTO DE 2018

**Bilhetes a MOP 25 (passível de descontos)**

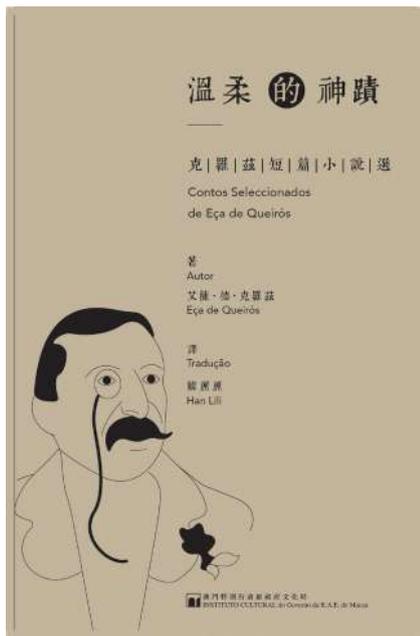
## Exposição de Catálogos do 20.º Aniversário do Museu de Macau

A iniciativa destina-se a assinalar as duas décadas de existência do Museu de Macau, que abriu as portas no dia 18 de Abril de 1998. Vinte e três catálogos recordam algumas das exposições que foram realizadas naquele museu. “Cada catálogo é o resultado de esforços conjuntos envidados na busca pela perfeição e excelência”, lê-se num comunicado do Instituto Cultural.

CENTRO ECUMÉNICO KUN IAM

ATÉ 30 DE AGOSTO DE 2018

**Entrada livre**



**T** CATARINA DOMINGUES

Nunca uma selecção de contos de Eça de Queirós tinha sido traduzida para chinês. Han Lili foi a primeira a fazê-lo. O trabalho resultou em *Contos Seleccionados de Eça de Queirós*, obra bilingue (português e chinês), que inclui seis histórias do autor realista português – “Um Poeta Lírico”, “No Moinho”, “A Aia”, “O Suave Milagre”, “Singularidades de uma Rapariga Loura” e “O Tesouro”

## SELECÇÃO DE CONTOS DE EÇA TRADUZIDOS PELA PRIMEIRA VEZ EM CHINÊS

***Contos Seleccionados de Eça de Queirós*, obra bilingue – português e chinês – editada pelo Instituto Cultural, resulta de uma longa viagem cultural entre a língua de partida e de chegada**

– e ainda “Chineses e Japoneses”, colecção de artigos publicados em 1893 no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*.

De acordo com o Instituto Cultural (IC) de Macau, responsável pela edição, o livro integra a série “Colecção de Literatura Chinesa e Portuguesa” e tem como objectivo “promover o intercâmbio literário” das duas línguas. A publicação “permitirá dar a conhecer aos leitores o estilo de escrita modernista e queiroso das obras de Eça de Queirós, aprofundando assim o intercâmbio da cultura luso-chinesa”, lê-se num comunicado do IC. Han Lili admite que esta foi também a primeira vez que tentou “verter Eça de Queirós para o papel”. No processo de dar vida ao autor português

em chinês, a tradutora assume “dificuldades inesperadas”, que resultam na seguinte comparação: “Eça de Queirós é para os portugueses o que Lu Xun é para os chineses”. “Além das diferenças registadas nas duas línguas em termos de construção frásica, conotação linguística, ditos ou citações populares e elementos culturais, constituíram ainda temas de discussão o estilo de autor, a representação de metáforas textuais, os efeitos produzidos nos leitores de língua de chegada”, resume a subdirectora da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau.

A tradutora enumera ainda outras características da obra de Eça que representaram um desafio à tradução: “Queirós emprega, alternativamente,

## PARA LER

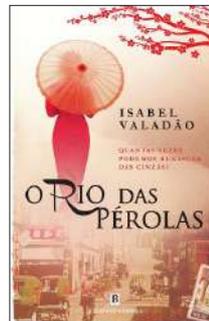


### Chui Tak Kei – História numa biografia

**João Guedes**  
**Albergue da Santa Casa da Misericórdia, 2018**

Obra da autoria do jornalista João Guedes sobre a vida de Chui Tak Kei, tio do actual Chefe do Executivo, Chui Sai On. Empresário e um dos principais elos de ligação entre as comunidades chinesa e portuguesa, Chui foi ainda vice-presidente da Assembleia Legislativa e participou no processo de transferência de Macau e na elaboração da Lei Básica. A obra trilingue

(português, inglês e chinês) de 240 páginas apresenta também fotografias que até hoje não eram conhecidas do público.



### O Rio das Pérolas

**Isabel Valadão**  
**Bertrand Editora, 2017**

Mei Lin foge do convento, vai parar ao submundo das casas de ópio e prostituição de Macau e acaba por ser vendida como *pei-pa-chai*. É então que conhece Manuel, filho de uma das famílias portuguesas mais importantes da cidade. Esta

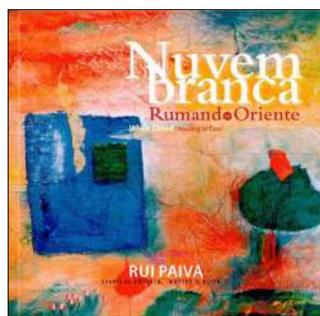
é uma viagem pela Macau das décadas de 40, 50 e 60 do século passado.

a narração na primeira pessoa e na terceira pessoa, criando na leitura uma experiência que usufrui tanto da confiabilidade da narração na primeira pessoa, quanto do efeito onnipotente criado pela narração na terceira pessoa. Este conjunto de narrações constitui o fio condutor para orientar a leitura”.

A obra de Eça não é, porém, desconhecida do público local. O primeiro romance do autor traduzido para a língua chinesa foi *O Crime do Padre Amaro*, em 1984, seguindo-se *Os Maias*, *A Cidade e as Serras*, *O Primo Basílio*, *A Relíquia*, *A Capital* e *O Mandarin*.

Licenciada pela Universidade de Pequim, Han Lili completou a pós-graduação na Universidade de Macau e o doutoramento em Língua e Cultura Portuguesas na Universidade de Lisboa. Tendo estagiado na Direcção-Geral de Interpretação da Comissão Europeia, a tradutora leccionou em vários seminários de formação em interpretação chinês-português, sendo ainda autora de diversos artigos académicos sobre tradução e cultura, apresentados em conferências e revistas da área da tradução de Macau, China e Brasil.

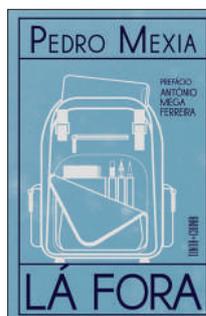
**CONTOS SELECIONADOS  
DE EÇA DE QUEIRÓS  
TRADUÇÃO DE HAN LILI  
INSTITUTO CULTURAL DE MACAU, 2018**



**Nuvem Branca**  
**Rui Paiva**  
**Edição de autor, 2017**

Volume bilingue (português-inglês) que reúne o trabalho e as memórias de Rui Paiva. Trata-se de uma edição de autor, que percorre as diferentes fases do percurso do artista, desde o momento em que se iniciou na pintura, passando pelas suas mostras individuais. Foi nos Serviços de Economia que

Paiva começou, em 1979, a sua vida profissional em Macau. Depois disso, ainda passou por Hong Kong, acabando por regressar a Portugal.



**Lá Fora**  
**Pedro Mexia**  
**Tinta da China, 2018**

“Mais do que lugares físicos onde tenha estado, Pedro Mexia escreve sobre lugares mentais. Há os teatros e as livrarias de Londres, mas também ‘Paris, Texas’, de Wim Wenders. Há a Lisboa das Avenidas Novas e do Chiado, mas também as viagens de liteira de Camilo Castelo Branco”, escreve a editora Tinta da China sobre

o último livro do escritor e crítico literário português. O livro de crónicas Lá Fora passa também por Macau.



## CALÇADA DA IGREJA DE SÃO LÁZARO *Anos 1930*



**F** ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

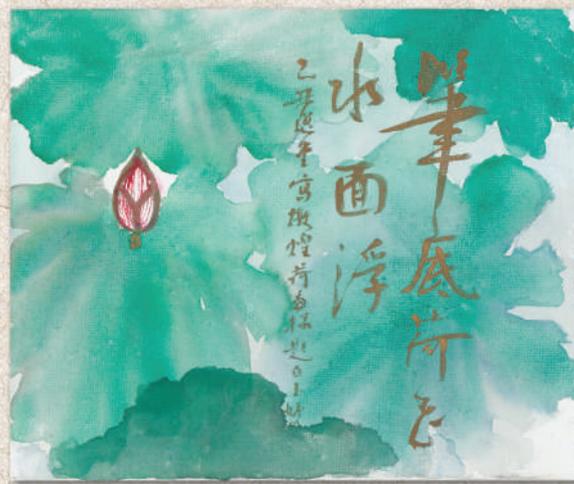
**CONCLUÍDA** A 20 de Fevereiro de 1904, a Calçada da Igreja de São Lázaro recebeu este nome em honra do primeiro hospital ocidental para doenças contagiosas construído na China. São Lázaro é tido como o santo protector dos lázaros ou leprosos.

“Em Maio de 1568, o jesuíta português Belchior Carneiro chegou a Macau, onde viria a criar uma leprosaria no interior do Hospital de S. Rafael, a qual seria mais tarde transferida para a zona da Igreja de São Lázaro”, explica o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM). “Em nome desta instituição, a administração portuguesa baptizaria, por referência à Igreja de São Lázaro, cinco ruas em redor.”

A Igreja de São Lázaro, cuja torre se pode ver no canto superior esquerdo desta fotografia, foi construída entre 1557 e 1560. Trata-se de uma das três igrejas mais antigas da cidade e foi, em tempos, Sé de Macau. Em 1923, pouco antes desta foto ser tirada, foi alvo de renovações.

Se partirmos do ponto onde se encontra o fotógrafo e descermos as escadas, logo à esquerda, encontramos um espaço dedicado à arte, que pertence ao Albergue SCM. Com uma área de 1300 metros quadrados, este lugar foi em tempos conhecido por Po Tsai Vok (Casa das Avós), tendo servido de refúgio a senhoras idosas.

Os edifícios da Calçada da Igreja de São Lázaro foram classificados como Património Cultural da Cidade em Junho de 1984.



# Afeição pelo Lótus

Exposição de Pintura e Caligrafia no 100.º

Aniversário de Jao Tsung-i

O professor Jao Tsung-i é um sinólogo mundialmente conhecido com trabalhos notáveis de âmbito académico e artístico, nomeadamente de caligrafia, pintura e literatura. Na passagem do centésimo aniversário do professor Jao, e com o apoio do Museu de Arte de Macau, a Academia Jao Tsung-i apresenta "Afeição pelo Lótus – Exposição de Pintura e Caligrafia no 100.º Aniversário de Jao Tsung-i", uma oportunidade de apreciar quinze trabalhos encantadores de caligrafia e pintura dedicados à temática do lótus, apelidados de "Lótus de Jao".



## Academia Jao Tsung-i

Endereço : Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, No. 95 C-D, Macao

Website : [www.ajti.gov.mo](http://www.ajti.gov.mo)

Email : [ajti@icm.gov.mo](mailto:ajti@icm.gov.mo)

Telefone : (853) 2852 2523

Fax : (853) 2852 2536

## Horário de funcionamento

10:00 – 18:00. Última entrada às 17h30. Encerrado à Segunda-feira. Abre nos feriados.

Entrada livre



澳門特別行政區政府文化局  
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau



鏡宗頤學藝館  
ACADEMIA JAO TSUNG-I



2018  
 ANO DA  
 GASTRONOMIA  
 DE MACAU

**澳門 MACAO**  
 美食年 YEAR OF  
 GASTRONOMY

感受澳門 SENTIR MACAO  
 EXPERIENCE MACAO



澳門特別行政區政府旅遊局  
 DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
 MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

澳門·創意城市美食之都  
 Macau • Cidade Criativa da UNESCO em Gastronomia  
 MACAO • UNESCO Creative City of Gastronomy

